Darren Shan

A SAGA DE DARREN SHAN

TRILOGIA DESTINO VAMPÍRICO

O LAGO DAS ALMAS

PESCANDO A MORTE

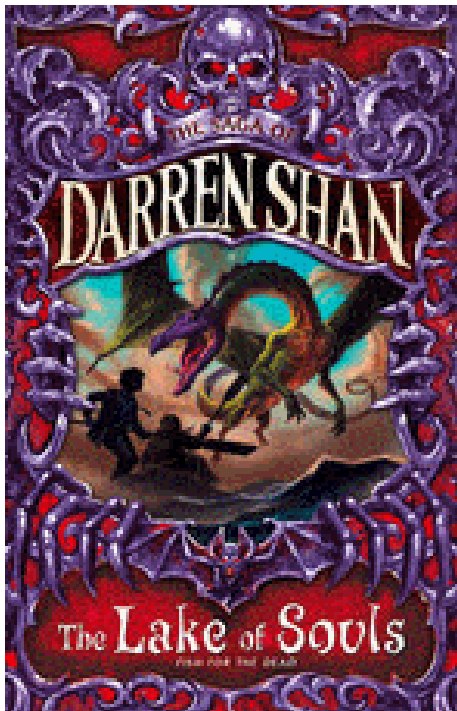
LIVRO 10

Tradução de

HEITOR PITOMBO

DARREN SHAN

O Lago das Almas

The Lake of Souls (2003)

Tradução: Heitor Pitombo

Para:

Bas — você conduz o meu *vaporetto!*

OES

(Ordem das Entranhas Sangrentas) para:

Nate — a Vidente de Sheffield de

assuntos relacionados a Shan!

Fadas e Gatas:

Zöe Clarke & Gillie Russell

Criaturas Grotescas Globais:

O clã de Christopher Little

SUMÁRIO

PRÓLOGO

A morte estava nas cartas naquele dia, mas seria a nossa ou a da pantera?

Panteras negras são, na verdade, leopardos. Se você olhar atentamente, poderá ver pintas fracas mescladas com seu pêlo. Mas acredite em mim — a não ser que você esteja num zoológico, jamais quererá estar tão perto de uma pantera! Elas são as maiores assassinas da natureza. Movem-se silenciosa

e rapidamente. Numa briga de igual para igual, elas quase sempre sairão vencedoras. Não é possível ultrapassá-las, pois elas são mais rápidas do que você; e não dá para superá-las em escaladas, pois elas também conseguem escalar. A melhor coisa a fazer é ficar totalmente fora do seu caminho, a não ser que você seja um caçador de feras experiente e tenha vindo para a caçada com um bom rifle.

Harkat e eu jamais havíamos caçado uma pantera, e nossas melhores armas eram algumas poucas facas feitas de pedra e um longo bastão de ponta arredondada que servia como clava. Contudo, lá estávamos nós, na beira de um poço que caváramos no dia anterior, observando um veado que havíamos capturado e usávamos como isca à espera de uma pantera.

Ficamos ali durante horas, escondidos atrás de um arbusto, agarrados a nossas armas humildes, quando avistei algo longo e negro por trás das árvores que nos cobriam e nos cercavam. Um focinho com bigode saiu de trás de uma árvore e farejou o ar para verificar se havia algo por perto — era a pantera. Cutuquei Harkat de leve e a ficamos observando, prendendo a respiração, paralisados de medo. Depois de alguns segundos, a pantera se virou e se afastou, voltando para a escuridão da selva.

Harkat e eu ficamos conversando, aos sussurros, sobre o recuo da pantera. Eu achava que ela havia sentido que havia uma armadilha e não voltaria. Harkat discordou. Ele disse que a fera voltaria. Se recuássemos mais, ela poderia avançar na próxima oportunidade. Por isso, recuamos sinuosamente,

sem parar até chegarmos na beira da longa extensão de mata. Daqui, só podíamos ver o veado vagamente.

Umas duas horas se passaram. Não dissemos nada. Eu estava prestes a quebrar o silêncio e sugerir que estávamos perdendo o nosso tempo, quando ouvi ruídos de um animal grande se movendo. O veado estava pulando de um lado para o outro freneticamente. Ouviu-se um rosnado gutural. Veio do lado de lá do poço. Isso era ótimo — se a pantera atacasse o veado de lá, poderia cair direto na nossa armadilha e morrer no poço. Dessa forma, nem teríamos que enfrentá-la!

Ouvi galhos se partindo enquanto a pantera se arrastava na direção do veado. Depois, ouviu-se um som alto e estalado, enquanto um corpo pesado se estatelava sobre

a cobertura que escondia o poço e caía pesadamente em cima das estacas que havíamos colocado no fundo, e um uivo feroz, seguido pelo silêncio.

Harkat se levantou lentamente e olhou por cima da moita, na direção do poço. Levantei-me e olhei junto com ele. Olhamos um para o outro e falei, incerto:

— Funcionou.

— Parece que você não... esperava por isso — afirmou Harkat, sorridente.

— Não mesmo — respondi com uma gargalhada e comecei a andar na direção do poço.

— Cuidado — me advertiu Harkat. — Ela ainda pode estar viva.

Tomando a minha frente, ele se moveu para a esquerda e sinalizou para que eu fosse para a direita. Com minha faca em riste, dei

a volta e me afastei de Harkat, até que lentamente alcançamos o poço, vindos de direções opostas.

Harkat estava alguns passos na minha frente, por isso ele olhou antes para dentro do poço e parou, confuso. Dois segundos depois entendi porquê. Havia um corpo empalado nas estacas, com sangue escorrendo de suas inúmeras perfurações. Mas não era o corpo de uma pantera — e sim de um babuíno.

— Não entendi — falei. — Ouvi o rugido de uma pantera, não de um macaco.

— Mas como... — Harkat parou, arfante. — A garganta do macaco! Foi rasgada! A pantera deve...

Ele não pôde prosseguir. Deu para ver um borrão em movimento nos galhos superiores da árvore que estava mais próxima de

mim. Ao me virar, pude avistar por um breve instante um objeto longo, grosso e completamente negro voando no ar, com garras estendidas e maxilares escancarados — logo a pantera estava sobre mim, rugindo triunfante.

Naquele dia, a morte estava nas cartas.

CAPÍTULO UM

Seis meses antes

A caminhada pelos túneis, enquanto deixávamos para trás o local da nossa batalha contra os vampixiitas, era lenta e exaustiva. Deixamos os ossos chamuscados do Sr. Crepsley no poço onde ele havia caído. Eu tinha a intenção de enterrá-lo, mas não estava mais com ânimo para tal. A revelação de

Lucas — de que ele era o Senhor dos Vampixiitas — havia me nocauteado, e agora nada mais parecia ter importância. Meu amigo mais próximo havia sido morto. Meu mundo havia sido completamente revirado. Não me importava mais se eu viveria ou morreria.

Harkat e Débora andavam ao meu lado. Vancha e Alice Burgess iam um pouco na frente. Débora fora minha namorada, mas agora era uma mulher adulta, enquanto eu estava preso no corpo de um adolescente — a maldição de ser um meio-vampiro que envelhecia um ano a cada cinco que se passavam. Alice era inspetora-chefe da polícia. Vancha a raptara quando fomos cercados por seus comandados. Ela e Débora haviam participado da luta contra os vampixiitas. E haviam brigado bem. Uma pena que tinha

sido à toa.

Havíamos contado tudo sobre a Guerra das Cicatrizes para Alice e Débora. Vampiros existem, mas não os monstros assassinos da mitologia. Não matamos quando nos alimentamos. Mas outras criaturas noturnas o fazem — os vampixiitas. Eles se separaram dos vampiros há seiscentos anos. Sempre chupavam o sangue de suas vítimas até elas secarem. A pele deles foi ficando roxa com o passar dos séculos, enquanto seus olhos e unhas eram vermelhos.

Durante um longo tempo houve paz entre os dois clãs. Essa trégua acabou quando o Senhor dos Vampixiitas apareceu. Ele estava destinado a liderar seus comandados numa guerra contra os vampiros e nos destruir. Mas se o encontrássemos e o matássemos antes de sua transformação em

vampixiita se completar, a guerra viraria a nosso favor.

Apenas três vampiros poderiam caçar o Senhor dos Vampixiitas (*de acordo com um poderoso intrometido chamado Desmond Tino, que podia ver o futuro*). Dois eram Príncipes Vampiros, Vancha March e eu. O outro era o Sr. Crepsley, que havia me vampirizado e era como um pai para mim. Ele havia enfrentado o sujeito que achávamos que era o Senhor dos Vampixiitas naquela mesma noite e o matado. Mas depois Lucas fez o Sr. Crepsley cair para a morte num poço de estacas pontiagudas em chamas — pouco antes de me informar que a pessoa que o meu tutor matara era um impostor e que ele mesmo era o Senhor dos Vampixiitas.

Não era possível que o Sr. Crepsley

estivesse morto. Fiquei esperando um tapa no meu ombro e que o vampiro alto de cabelo laranja estivesse atrás de mim quando eu me virasse, sorrindo maldosamente, com sua longa e cintilante cicatriz no rosto enquanto segurava uma tocha, perguntando onde achávamos que estávamos indo sem ele. Mas o tapa jamais viria. Não era possível. O Sr. Crepsley estava morto. Ele não voltaria mais.

Uma parte de mim queria enlouquecer de raiva, pegar uma espada e sair correndo atrás de Lucas. Eu queria rastreá-lo e atravessar seu arremedo de coração com uma estaca. Mas o Sr. Crepsley me havia alertado para não me dedicar à vingança. Ele disse que ela me perverteria e me destruiria caso eu me dedicasse. Eu sabia, no fundo da alma, que tinha assuntos inacabados com Lucas, e

que nossos caminhos se cruzariam novamente. Mas, por enquanto seria necessário afastá-lo dos meus pensamentos e ficar de luto pelo Sr. Crepsley.

Porém, eu não podia, de fato, ficar de luto algum. As lágrimas não vinham. Por mais que eu quisesse gritar e soluçar de aflição, meus olhos permaneciam secos e impassíveis. Por dentro eu estava quebrado, destruído e em prantos, mas por fora estava frio, calmo e sereno, como se não tivesse sido afetado pela morte do vampiro.

Mais à frente, Vancha e Alice pararam. O príncipe olhou para trás, e seus olhos grandes estavam vermelhos de tanto chorar. Ele parecia deplorável sob suas peles de animal, com seus pés imundos descalços e o cabelo desgrenhado, como se fosse uma criança crescida perdida.

— Estamos quase na superfície — disse ele em voz baixa. — Ainda é dia. Será que devemos ficar aqui até escurecer? Se formos vistos...

— Não estou nem ligando — murmurei.

— Não quero ficar aqui — disse Débora, soluçando. — Estes túneis são cruéis.

— E tenho que informar à minha gente que estou viva — afirmou Alice, antes de franzir a testa e tirar crostas de sangue seco do seu cabelo branco. — Embora não tenha a menor idéia de como vou explicar o que aconteceu!

— Conte a verdade — resmungou Vancha.

A inspetora-chefe fez uma careta.

— Dificilmente o farei! Terei que pensar em alguma... — Ela fez uma pausa. Um vulto havia surgido no meio da escuridão, bem à

nossa frente, bloqueando o caminho.

Enquanto dizia palavrões, Vancha pegou um shuriken — uma de muitas estrelas afiadas que ele lançava contra seus oponentes e guardava em cintos que ficavam em torno do peito — e se preparou para arremessá-lo.

— Paz, Vancha — disse a estranha, enquanto levantava a mão. — Estou aqui para ajudar, não para ferir.

Vancha baixou o shuriken e murmurou, incrédulo:

— Evanna?

A mulher à nossa frente estalou os dedos e uma tocha se acendeu acima da sua cabeça, revelando a bruxa feia com quem viajamos no começo do ano, enquanto procurávamos o Senhor dos Vampixiitas. Ela não havia mudado em nada. Músculos curtos e grossos, o cabelo longo e desarrumado, as

orelhas pontudas, um nariz pequeno, um olho castanho e o outro verde (*as cores ficavam mudando da esquerda para a direita*), corpo peludo, unhas longas e afiadas, e laços amarelos amarrados em volta do corpo em vez de roupas.

— O que você está fazendo... aqui? — perguntou Harkat, arregalando os olhos verdes e cheios de suspeitas. Evanna era neutra na Guerra das Cicatrizes, mas poderia ajudar ou retardar gente dos dois lados, dependendo do seu ânimo.

— Vim para me despedir do espírito de Larten — disse a bruxa. Ela estava sorrindo.

— Você não parece estar muito chateada — falei sem demonstrar emoção alguma.

Ela encolheu os ombros.

— Já havia antevisto sua morte há muitas décadas. Chorei por ele na época.

— Você sabia que ele morreria? — perguntou Vancha, vociferando.

— Não estava certa, mas imaginava que ele pereceria.

— Então você poderia ter impedido tudo!

— Não. Aqueles que têm a capacidade de sentir as correntes do futuro são proibidos de interferir. Para salvar Larten, eu teria que abandonar as regras pelas quais eu pauto a minha vida e, se isso acontecesse, o caos iria se espalhar por toda parte.

A bruxa estendeu uma das mãos e, muito embora estivesse a muitos metros de Vancha, seus dedos afagaram seu queixo carinhosamente.

— Eu gostava muito de Larten — afirmou ela delicadamente. — Esperava estar errada. Mas não podia assumir a

responsabilidade de poupá-lo. E não tinha o direito de decidir o seu destino.

— E quem tinha? — indagou Vancha, furioso.

— Ele mesmo — explicou Evanna com firmeza. — *Ele* optou por caçar o Senhor dos Vampixiitas, por entrar nos túneis, por lutar na plataforma. Ele poderia fugir de suas responsabilidades... mas optou por não fazê-lo.

Vancha encarou a bruxa por mais alguns instantes e depois baixou a cabeça. Vi novas lágrimas espirrando na poeira aos seus pés.

— Minhas desculpas, Lady — murmurou ele. — Não a culpo. É que estou tão cheio de ódio...

— Eu sei — afirmou a bruxa, para depois lançar seu olhar sobre cada um de nós. — Vocês têm que vir comigo. Tenho coisas para lhes dizer e prefiro falar do lado de fora... o

ar aqui está carregado de traição e morte. Vocês poderiam me dispensar algumas horas do seu tempo? — Ela se voltou para Alice Burgess. — Prometo que não tomarei muito do seu tempo.

Alice torceu o nariz.

— Creio que algumas horas não farão diferença.

Evanna olhou para Harkat, Débora, Vancha e eu. Trocamos olhares, acenamos com a cabeça, um para o outro, e depois seguimos a bruxa pelo último trecho de caminho subterrâneo, deixando a escuridão e a morte para trás.

Evanna deu a Vancha uma pele grossa de veado para que cobrisse a cabeça e os ombros, protegendo-os dos raios solares. Seguindo a bruxa, percorríamos as ruas com rapidez. Evanna deve ter feito um encanto

para nos esconder, pois as pessoas não nos notavam, apesar de nossas roupas e rostos manchados de sangue. Acabamos saindo numa pequena floresta fora da cidade, onde Evanna havia levantado um acampamento no meio das árvores. A seu convite, sentamo-nos e nos empanzinamos de grãos, raízes e água, que ela havia deixado para nós.

Comemos em silêncio. Vi-me olhando atentamente para a bruxa, perguntando-me o porquê dela estar aqui — se ela havia vindo realmente para se despedir do Sr. Crepsley, para o lugar onde o seu corpo jazia no poço. Evanna era filha do Sr. Tino. Ele a havia criado misturando o sangue de um vampiro com o de um lobo. Vampiros e vampixiitas eram estéreis — não podíamos ter filhos — mas Evanna supostamente poderia gerar um rebento com um homem de qualquer um dos

clãs. Quando a encontramos brevemente, depois que saímos à caça do Senhor dos Vampixiitas, ela confirmara a profecia do Sr. Tino — de que teríamos quatro chances de matar o Senhor — e avisou que, se falhássemos, dois entre nós morreríamos.

Vancha terminou de comer primeiro, recostou-se e arrotou.

— Fale — vociferou. Ele não estava com ânimo para formalidades.

— Você está querendo saber quantas chances já desperdiçou — disse Evanna sem rodeios. — A resposta é... três. A primeira foi quando vocês enfrentaram os vampixiitas na clareira e deixaram seu Senhor escapar. A segunda foi quando descobriram que Lucas Leonardo era um meio-vampixiita e o tomaram como refém — embora tenha havido várias oportunidades para matá-lo, elas

contam como uma. A terceira chance foi quando Larten o enfrentou na plataforma acima do poço de estacas.

— Isso significa que ainda temos uma chance para acabar com ele! — sibilou Vancha, entusiasmado.

— Sim — respondeu Evanna. — Os caçadores enfrentarão mais uma vez o Senhor dos Vampixiitas e, nessa ocasião, o futuro será decidido. Mas tal confronto não acontecerá no futuro próximo. Lucas Leonardo se recolheu para esboçar um novo plano. Por enquanto, vocês devem relaxar.

A bruxa se virou na minha direção e se mostrou mais comovida.

— Isso pode não alegrá-los — disse ela com delicadeza — mas a alma de Larten voou para o Paraíso. Ele morreu nobremente e mereceu a recompensa dos justos. Ele está

descansando.

— Preferia que ele estivesse aqui — afirmei, infeliz, olhando para as folhas de uma árvore que pairavam sobre nós, esperando por lágrimas que ainda não viriam.

— E quanto ao resto dos vampixiitas? — perguntou Alice. — Algum deles ainda está na minha cidade?

Evanna balançou a cabeça.

— Todos se foram.

— Eles voltarão? — insistiu a inspetora-chefe e, pelo brilho em seus olhos, vi que ela meio que esperava que eles voltassem, para que pudesse promover algumas vinganças.

— Não. — Evanna sorriu. — Mas acho que é seguro dizer que você os encontrará novamente.

— É melhor que sim — resmungou Alice, e logo percebi que ela estava pensando em

Morgan James, um de seus oficiais que havia se juntado aos vampitietes. Eles eram aliados humanos dos vampixiitas, que raspavam suas cabeças, emplastavam com sangue as órbitas de seus olhos, ostentavam tatuagem em forma de “V” sobre suas orelhas e usavam uniformes marrons.

— O pesadelo acabou então? — perguntou Débora, enquanto enxugava as lágrimas que haviam caído sobre sua face. A professora havia lutado como uma tigresa nos túneis, mas os acontecimentos da noite, para ela, não haviam ficado para trás e a faziam tremer, desamparada.

— Para você... por enquanto — respondeu Evanna, enigmática.

— O que isso quer dizer? — Débora franziu a testa.

— Você e a inspetora-chefe podem optar

por se distanciar da Guerra das Cicatrizes. Podem voltar para suas vidas normais e fingir que isso nunca aconteceu. Se o fizerem, os vampixiitas não virão atrás de vocês novamente.

— É claro que vamos voltar às nossas vidas — disse Alice. — O que mais podemos fazer? Não somos vampiras. Não temos mais nenhum papel adicional para desempenhar na guerra deles.

— Talvez — afirmou Evanna. — Ou quem sabe vocês pensem de forma diferente quando tiverem tempo para reconsiderar. Voltarão para a cidade... precisam de tempo para refletir e têm questões para ponderar... mas se vão ou não optar por ficar... — Os olhos de Evanna se voltaram repentinamente para Vancha, Harkat e eu. — E para onde vocês três querem ir?

— Continuarei a perseguir aquele monstro chamado Leonardo — disse Vancha na mesma hora.

— Você pode fazê-lo, se quiser — retrucou Evanna, encolhendo os ombros — mas estará desperdiçando o seu tempo e energia. Além do mais, porá em risco sua posição. Embora esteja destinado a confrontá-lo novamente, isso não está gravado numa pedra... se persegui-lo agora, poderá perder o tira-teima que lhe está reservado no final.

Vancha praguejou em tom amargo, e depois perguntou a Evanna para onde ela sugeria que ele fosse.

— Para a Montanha dos Vampiros — respondeu a bruxa. — Seu clã deve tomar conhecimento de quem é o Senhor dos Vampixiitas. Eles não devem matá-lo com suas mãos (*essa regra ainda se aplica*), mas

podem observar os movimentos dele e guiá-lo na direção certa.

Vancha acenou lentamente com a cabeça.

— Pedirei uma trégua na guerra e mandarei todos irem atrás dele. Voarei para a Montanha dos Vampiros assim que a noite cair. Darren... você e Harkat vêm também?

Olhei para o meu amigo Príncipe e depois baixei a cabeça na direção da terra dura e marrom da floresta.

— Não — respondi delicadamente. — Já me cansei desse negócio de vampiros e vampixiitas. Sei que sou um Príncipe e tenho deveres a cumprir. Mas sinto como se minha cabeça estivesse prestes a explodir. O Sr. Crepsley significava mais para mim do que qualquer outra coisa. Tenho que me afastar de tudo isso, talvez por um tempo... talvez

para sempre.

— Esse é um momento perigoso para se afastar daqueles que zelam por você — afirmou Vancha calmamente.

— Não posso evitar — retruquei, suspirando.

Vancha estava preocupado com a minha opção, mas a aceitou.

— Não apoio a sua escolha. Um Príncipe deve colocar as necessidades de sua gente acima das suas. Mas entendo. Explicarei tudo para os outros. Ninguém irá incomodá-lo. — Ele levantou a sobrancelha na direção de Harkat. — Suponho que você irá acompanhá-lo.

Harkat baixou a máscara que cobria sua boca (*o ar era venenoso para o pequenino de pele cinzenta*) e sorriu discretamente.

— É claro. — O Sr. Tino ressuscitara

Harkat do mundo dos mortos. Harkat não sabia quem era, mas acreditava que poderia descobrir se ficasse perto de mim.

— Aonde você vai? — perguntou Vancha.

— Posso encontrá-lo usando a Pedra de Sangue, mas será mais fácil se eu tiver uma leve idéia do seu destino.

— Não sei — respondi. — Vou simplesmente escolher uma direção e... — Parei assim que furgões de circo, meninos-cobra e redes para dormir começaram a aparecer nos meus pensamentos. — O Circo dos Horrores — resolvi. — É o lugar, tirando a Montanha dos Vampiros, que eu mais posso chamar de lar.

— Boa escolha — disse Evanna, e pelo jeito que seus lábios se levantaram nas extremidades da boca, percebi que a bruxa sabia o tempo todo que eu optaria por

retornar ao circo.

Assim que o sol se pôs, pegamos, cada um de nós, o caminho que havíamos escolhido, muito embora não tivéssemos dormido e estivéssemos prontos para cair exaustos. Vancha partiu antes de todo mundo, na sua longa viagem para a Montanha dos Vampiros. Ele falou pouco antes de ir embora, mas me abraçou com força e cochichou no meu ouvido:

— Seja corajoso!

— Você também — sussurrei de volta.

— Da próxima vez, mataremos Leonardo — jurou o Príncipe.

— Isso — sorri discretamente.

Ele se virou e correu, atingindo velocidade de vôo alguns segundos depois, e sumiu na escuridão do crepúsculo.

Débora e Alice se foram em seguida, para voltar à cidade. Débora me pediu para ficar com ela, mas eu não podia, não do jeito que as coisas estavam. Precisava ficar sozinho por um tempo. Ela chorou e me abraçou efusivamente.

— Você vai voltar depois? — perguntou ela.

— Vou tentar — respondi em voz baixa.

— Se ele não o fizer — disse Evanna — você pode ir atrás dele na hora em que quiser. — Ela entregou um pedaço de papel dobrado para Alice Burgess. — Guarde isso. Mantenha-o dobrado. Quando vocês duas decidirem que rumo tomar, abram-no.

A inspetora-chefe não fez perguntas, só guardou o papel no bolso e esperou que Débora se juntasse a ela. Débora me olhou de um jeito suplicante. Ela queria que eu a

acompanhasse — ou pedisse para que ela viesse comigo — mas eu levava uma enorme tristeza que esfriava e retesava as minhas entranhas. Não conseguia pensar em mais nada naquele momento.

— Tome cuidado — falei, enquanto me virava, quebrando o contato visual.

— Você também — disse ela baixinho, para depois soluçar em voz alta, enquanto saía cambaleando. Com um rápido "adeus", Alice correu atrás dela e as duas mulheres seguiram no meio das árvores, de volta para a cidade, uma dando apoio à outra.

Com isso só sobramos eu, Harkat e Evanna.

— Você tem alguma idéia para que lado fica o circo? — perguntou a feiticeira. Balançamos as cabeças. — Então vocês têm sorte por eu saber e estar indo para lá —

disse ela, sorrindo. Ficando entre nós, ela enlaçou o meu braço esquerdo e o direito de Harkat com os seus, e nos conduziu pela floresta, para longe da cidade e de suas cavernas subterrâneas de morte, de volta para onde minhas viagens pela noite haviam começado — o Circo dos Horrores.

CAPÍTULO DOIS

Alexandre Costela estava dormindo num pneu enorme pendurado numa árvore. Ele sempre dormia todo curvado — isso mantinha seu corpo flexível e facilitava seus giros e contorções quando estava atuando. Normalmente ele mantinha o pneu em um cabide especial em seu trailer, mas de vez em quando o tirava de dentro dele e dormia ao ar livre. Era uma noite gelada demais para se

dormir a céu aberto — no meio de um novembro invernal — mas ele tinha um saco de dormir bem espesso e forrado com peles para se proteger do frio.

Enquanto Alexandre roncava harmoniosamente, um jovem rastejava em sua direção, com uma barata na mão direita, na intenção de largá-la dentro da boca do contorcionista. Atrás dele, o irmão mais velho e a irmã mais nova do rapaz olhavam tudo com uma alegria travessa, empurrando-o para frente com gestos bruscos sempre que ele ficava nervoso e parava.

Enquanto o garoto se aproximava do pneu e erguia sua barata, sua mãe — sempre alerta para travessuras — colocou a cabeça para fora de uma tenda próxima, arrancou sua orelha esquerda e a arremessou na direção do filho. O ouvido girou no meio do

ar como um bumerangue e arrancou a barata dos dedos atarracados do garoto. Gritando, ele correu para onde seus irmãos estavam, enquanto Alexandre continuava dormindo, sem saber que havia escapado por pouco.

— Urcha! — vociferou Merla, enquanto pegava a sua orelha que retornava, para depois prendê-la novamente à cabeça. — Se eu pegar você incomodando Alexandre novamente, vou trancá-lo com o homem-lobo até amanhecer!

— Shancus me obrigou! — lamentou-se Urcha, enquanto recebia um cutucão nas costelas do irmão mais velho.

— Não duvido que ele o tenha instigado — berrou Merla — mas você já está bem grandinho para não se deixar influenciar. Não repita isso, Shancus! — O menino-cobra olhou inocentemente para sua mãe. — Se

Urcha ou Lilia se meterem em confusão hoje à noite, a responsabilidade será sua.

— Mas eu não fiz nada! — gritou Shancus. — Eles estão sempre...

— Chega! — Merla não o deixou continuar. Começou a andar na direção das crianças quando me viu sentado à sombra da árvore que estava ao lado da que Alexandre escolhera para se pendurar. Suas feições se amainaram. — Olá, Darren. O que você está fazendo?

— Procurando baratas — respondi, com um sorriso discreto. Merla e seu marido, Evra Von (*um homem-cobra e um dos meus amigos mais antigos*), vinham sendo muito gentis comigo desde que cheguei há umas duas semanas. Embora fosse difícil retribuir a sua gentileza no baixo-astral em que estava, eu fazia o máximo de esforço possível.

— Está frio — observou Merla. — Posso pegar um cobertor para você?

Balancei a cabeça.

— É preciso mais do que uma leve geada para esfriar um meio-vampiro.

— Bem, você se importa de ficar de olho nesses três enquanto estiver do lado de fora? — perguntou ela. — A cobra de Evra está mudando de pele. Se você puder deixar as crianças longe de confusões, já seria uma grande ajuda.

— Sem problema — respondi, enquanto me levantava, tirava o pó da minha roupa e minha amiga voltava para dentro da tenda. Andei na direção das três crianças da família Von. Elas me encararam, hesitantes. Desde que voltei para o Circo dos Horrores, vinha me comportando de uma maneira formal que não era comum, e eles não sabiam

exatamente como agir comigo. — O que vocês gostariam de fazer? — perguntei.

— Barata! — gritou Lilia. Ela só tinha três anos de idade, mas parecia ter cinco ou seis devido às suas escamas ásperas e coloridas. Assim como Shancus, Lilia era meio-humana, meio-cobra. Urcha era um humano normal, embora tivesse vontade de ser como os outros dois e às vezes colasse escamas de folha de estanho pintadas ao seu corpo, deixando sua mãe bastante irritada.

— Chega de baratas — decretei. — Alguma outra coisa?

— Mostra para a gente como você bebe sangue — disse Urcha, fazendo Shancus sibilar para ele, furioso.

— O que há de errado nisso? — perguntei para Shancus, assim batizado para me homenagear.

— Ele não devia ter dito isso — respondeu Shancus, enquanto jogava o cabelo verde e amarelo para trás. — Mamãe nos disse para nunca falar nada sobre vampiros... isso poderia chateá-lo.

Sorri.

— Mamães se preocupam com coisas bobas. Não se preocupe... podem dizer o que quiserem. Não me importo.

— Você pode nos mostrar como bebe, então? — perguntou Urcha novamente.

— Claro — disse e depois abri os braços, fiz uma careta assustadora e dei um gemido alto e profundo. As crianças gritavam de prazer e saíram correndo. Saí andando lentamente atrás delas, enquanto ameaçava rasgar suas barrigas e beber todo o seu sangue.

Embora tivesse condições de fazer um

divertido espetáculo para as crianças, por dentro eu me sentia mais vazio do que nunca. Ainda não havia aceitado a morte do Sr. Crepsley. Não estava dormindo quase nada — pouco mais de uma ou duas horas na maior parte das noites — e havia perdido o meu apetite. Não bebia sangue desde que deixara a cidade. Nem tomado banho, mudado de roupa, cortado as unhas — elas cresciam mais rápido do que as de um humano — ou chorado. Sentia-me vazio e perdido, e nada no mundo parecia valer a pena.

Quando eu cheguei no circo, o Sr. Altão passou o dia trancado em seu trailer com Evanna. Eles saíram tarde daquela noite e Evanna se foi sem dizer uma palavra. O Sr. Altão se certificou de que eu e Harkat estávamos bem e depois nos acomodou numa tenda com redes e tudo o mais que pedimos.

Desde então ele passou bastante tempo conversando comigo, relembrando histórias do Sr. Crepsley e coisas que os dois haviam armado no passado. Ele insistia em me pedir para que as guardasse com carinho nas minhas lembranças, mas tudo o que eu conseguia fazer era sorrir de leve e balançar a cabeça. Achava impossível citar o nome do vampiro morto sem que meu estômago se apertasse e minha cabeça pulsasse de dor.

Não vinha falando muito com Harkat ultimamente. Ele queria conversar sobre a morte do nosso amigo, mas eu não conseguia falar no assunto, e por isso o evitava constantemente, o que o deixava triste. Eu estava sendo egoísta, mas não conseguia evitar. Minha tristeza era profunda e interminável, e me afastava daqueles que se importavam comigo e queriam ajudar.

Mais adiante, as crianças da família Von pararam, cataram galhos e seixos, e os arremessaram na minha direção. Inclinei-me para pegar um graveto, mas, enquanto o fazia, meus pensamentos se voltaram para aquela caverna subterrânea e para o rosto do Sr. Crepsley, assim que ele largou a mão de Lucas e caiu sobre as estacas ardentes. Suspirando, pesaroso, sentei-me no meio da clareira, sem tomar conhecimento dos Von, que me cobriam de musgo e lama enquanto me cutucavam sem parar. Eles achavam que isso fazia parte da brincadeira. Não tinha coragem de lhes dizer o contrário, por isso fiquei sentado, em silêncio, até eles se cansarem e resolverem se afastar. Depois disso, ainda fiquei ali, imundo e sozinho, enquanto a noite ia ficando mais escura e fria à minha volta.

Enquanto outra semana se arrastava, eu me introvertia cada vez mais nas minhas questões. Não respondia mais as perguntas que as pessoas me faziam, apenas rugia como um animal. Harkat tentou três dias antes fazer-me sair do estado em que estava, mas acabei lhe dirigindo um palavrão e pedi para que me deixasse em paz. Ele perdeu a calma e me deu um soco. Eu poderia ter desviado do seu punho grosso e cinzento, mas deixei que me derrubasse no chão. Quando ele se curvou para me ajudar a levantar, dei-lhe um tapa e afastei sua mão. Desde então, o pequenino não me dirigiu mais a palavra.

A vida prosseguia normalmente ao meu redor. O pessoal do circo estava entusiasmado. Truska — uma mulher que tinha uma barba que crescia em seu rosto a seu bel-

prazer e depois conseguia absorver os pêlos de volta para dentro da pele — havia retornado depois de uma ausência de alguns meses. Uma grande festa foi realizada depois da apresentação daquela noite para comemorar seu retorno. Houve muitos gritos e cantorias. Eu não fui. Fiquei sentado na beira do acampamento, sem demonstrar emoção, com os olhos secos, pensando — como sempre — no Sr. Crepsley.

Tarde da noite, senti alguém bater no meu ombro. Olhei para cima e vi Truska, sorrindo, segurando um pedaço de bolo.

— Sei você está mal, mas achei ia gostar disso — disse ela. Truska ainda estava aprendendo a falar o nosso idioma e normalmente comia uma ou outra palavra quando falava.

— Obrigado, mas não estou com fome — afirmei. — É bom vê-la novamente. Como

você tem passado? — Truska não respondeu. Encarou-me por um instante... e jogou o pedaço de bolo na minha cara! — Que diabos! — bradei, levantando num pulo só.

— É isso que você ganha por sendo tão mal-humorado — disse Truska, rindo. — Sei que está triste, Darren, mas não pode ficar sentado como um ursinho carinhoso o tempo todo.

— Você não sabe o que está falando — vociferei. — Não sabe como estou me sentindo. Ninguém sabe!

Ela me encarou com um ar malicioso.

— Você acha que é única pessoa perder alguém próximo? Eu tinha marido e filha. Eles foram mortos por pescadores maus.

Pisquei estupidamente.

— Lamento muito. Não sabia.

— Ninguém aqui sabe. — Ela se sentou

ao meu lado, tirou o cabelo longo dos olhos e se voltou para o céu. — Foi por isso que saí casa e me juntei Circo de Horrores. Estava muito machucada dentro e tinha que fugir. Minha filha tinha menos dois anos idade quando morreu.

Eu queria dizer alguma coisa, mas parecia que havia uma corda apertada em volta da minha garganta.

— A morte de alguém você ama é a segunda pior coisa do mundo — disse Truska delicadamente. — A pior é deixar machucar tanto com isso ponto de morrer também... por dentro. Larten está morto e estou triste por ele, mas se você continuar desse jeito, ficarei triste você também, porque estará morto também, muito embora seu corpo ainda viva.

— Não consigo evitar — suspirei. — Ele

era como um pai para mim, mas não chorei quando ele morreu. Ainda não chorei. Não consigo.

Truska me observou em silêncio e depois acenou com a cabeça.

— É difícil viver com tristeza se você não consegue desabafar com lágrimas. Não preocupe... você acabar chorando. Talvez sinta melhor quando chorar. — Ela se levantou e me estendeu a mão. — Você sujo e fedido. Deixe-me ajudar a se limpar. Pode ser útil.

— Duvido — retruquei, mas a segui enquanto ela ia para a tenda que o Sr. Altão havia montado para servir como seus aposentos. Limpei as migalhas de bolo que estavam no meu rosto, me despi e enrolei uma toalha em volta do meu corpo, enquanto Truska enchia uma tina com água quente e adicionava óleos aromáticos. Ela

me deixou à vontade para entrar na banheira. Senti-me um pouco idiota quando entrei naquela água perfumada, mas senti-me ótimo assim que submergi. Fiquei lá dentro durante quase uma hora.

Truska entrou quando eu já havia saído da tina e me secado. Ela havia levado as minhas roupas sujas, por isso tive que sair enrolado numa toalha. Depois, fez-me sentar numa cadeira baixa e tratou das minhas unhas com uma tesoura e uma lixa. Disse a ela que não ia ficar bom — vampiros têm unhas extremamente duras — mas Truska sorriu e cortou a parte de cima da unha do meu dedão direito.

— Essas tesouras superafiadas. Sei tudo unhas de vampiro... às vezes corto de Vancha!

Quando Truska acabou de fazer as

minhas unhas, ela aparou meu cabelo, me barbeou e terminou o serviço com uma rápida massagem. Quando enfim parou, levantei-me e perguntei onde estavam as minhas roupas.

— Fogo — respondeu ela, com um sorriso malicioso. — Estavam podres. Joguei fora.

— Então o que você sugere que eu use? — perguntei, resmungando.

— Tenho surpresa. — Ela foi até um guarda-roupa, tirou de dentro algumas roupas de cores vivas e as dispôs sobre o pé da cama. Reconheci na mesma hora a camisa verde e brilhante, a calça lilás e a jaqueta azul-dourada; o traje de pirata que eu costumava usar quando morava no Circo dos Horrores.

— Você o guardou — murmurei,

sorrindo como um bobo.

— Eu falei você na última vez que esteve aqui que guardei e ia consertar para você vestir de novo, lembra?

Parecia que anos haviam se passado desde que paramos no Circo dos Horrores, pouco antes do nosso primeiro encontro com o Senhor dos Vampixiitas. Depois que lancei minha mente rumo ao passado, lembrei que Truska havia prometido dar um jeito no meu traje assim que tivesse uma oportunidade.

— Vou esperar fora — disse Truska. — Vista e chame quando estiver pronto.

Demorou um bom tempo para entrar dentro daquelas roupas. Era esquisito vesti-las depois de todos esses anos. Na última vez em que as usei, eu era um menino, ainda tentando me acostumar com a idéia de que era um meio-vampiro, sem saber o quão

duro e implacável o mundo poderia ser. Na época eu achava esse traje maravilhoso e adorava usá-lo. Agora ele me parecia infantil e meio idiota, mas como Truska havia se dado ao trabalho de consertá-lo, achei que seria melhor vesti-lo para deixá-la feliz.

Chamei-a quando fiquei pronto. Ela sorriu assim que entrou, depois foi até um outro guarda-roupa e voltou com um chapéu marrom enfeitado com uma longa pena.

— Não tenho sapatos seu tamanho — disse ela. — Mais tarde arrumamos.

Coloquei o chapéu e o inclinei para o lado, enquanto sorria constrangido para Truska.

— Como estou?

— Veja você mesmo — respondeu enquanto me conduzia para um espelho que pegava o meu corpo inteiro.

Prendi a respiração assim que fiquei frente a frente com o meu reflexo. Pode ter sido um truque no meio da luz opaca, mas com as roupas novas, o chapéu e a barba feita, eu parecia bem mais jovem, como na primeira vez em que Truska me fez vestir esse traje.

— O que você acha? — perguntou Truska.

— Pareço uma criança — sussurrei.

— Isso se deve parte ao espelho — comentou ela, rindo. — Ele feito para sub-trair alguns anos... muito generoso com mulheres!

Tirei o chapéu, desmanchei o cabelo e encarei a mim mesmo com os olhos meio fechados. Eu parecia mais velho quando fazia isso — as linhas de expressão brotavam em torno dos meus olhos, um lembrete das

noites sem sono que passei desde a morte do Sr. Crepsley.

— Obrigado — agradeci, enquanto dava as costas para o espelho.

Truska pôs uma mão firme sobre a minha cabeça e a virou novamente na direção do meu reflexo.

— Você não terminou — disse ela.

— O que você quer dizer? — perguntei. — Já vi tudo que tem para se ver.

— Não. Ainda não. — Inclinando-se para frente, ela deu uns tapinhas no espelho. — Olhe bem seus olhos. Olhe profundo e não se vire até ver.

— Ver o quê? — perguntei, mas ela nada respondeu. Franzindo a testa, fitei meus próprios olhos, refletidos no espelho, procurando por algo que fosse estranho. Eles pareciam ser os mesmos de sempre, um pouco

mais tristes do que o normal, mas...

Parei quando percebi o que Truska queria que eu visse. Meus olhos não pareciam apenas tristes — eles estavam completamente privados de vida e de esperança. Nem mesmo os olhos do Sr. Crepsley, enquanto definhava, pareciam tão perdidos. Descobri então o que Truska quis dizer quando falou que os vivos também podiam estar mortos.

— Larten quer não isso — murmurou ela em meu ouvido enquanto eu contemplava meus olhos vazios no espelho. — Ele amava vida. Quer você ame também. O que diria se visse olhar vivo-porém-morto que só vai piorar se você não parar isso?

— Ele... Ele... — Engoli em seco profundamente.

— Vazio não é bom — disse Truska. —

Você tem encher olhos, se não com alegria, com tristeza e dor. Até ódio melhor que vazio.

— O Sr. Crepsley me disse para não desperdiçar a minha vida com ódio — devolvi na mesma hora, e percebi que era a primeira vez que mencionava seu nome desde que cheguei no Circo dos Horrores. — O Sr. Crepsley — repeti, lentamente, e os olhos em frente ao espelho franziram as sobrancelhas. — O Sr. Crepsley — suspirei. — Larten. Meu amigo. — Naquele instante, minhas pálpebras começaram a tremer, enquanto lágrimas se acumulavam nos cantos dos olhos. — Ele está morto — disse em meio a gemidos, enquanto me virava para encarar Truska. — O Sr. Crepsley está morto!

Com isso, me joguei nos seus braços, a envolvi pela cintura e comecei a gritar de

dor, encontrando, enfim, as lágrimas para expressar a minha tristeza. Chorei muito e por um longo tempo, enquanto o sol nascia, dando origem a uma nova manhã. Depois que terminei de chorar tudo que tinha para chorar, caí no chão, onde Truska enfiou um travesseiro embaixo da minha cabeça e cantou uma melodia triste e estranha com os lábios fechados, enquanto eu cerrava os olhos e adormecia.

CAPÍTULO TRÊS

Era um mês de março frio, porém seco — com noites cheias de estrelas, alvoradas brancas e geladas, e dias frios e azuis. O Circo dos Horrores estava se apresentando numa cidade grande que ficava perto de uma cachoeira. Já estávamos lá há quatro noites e ainda passaríamos mais uma semana no local antes de nos mudarmos — vários turistas estavam comparecendo às nossas

apresentações, assim como os moradores da cidade. Estávamos bastante ocupados, porém, lucrávamos bastante.

Nos meses que se seguiram, depois que chorei pela primeira vez na tenda de Truska, eu chorei muito pelo Sr. Crepsley. Era horrível — a menor lembrança dele era capaz de me fazer abrir o berreiro —, mas necessário. Aos poucos, os acessos de choro foram diminuindo, enquanto me acostumava com a perda e aprendia a viver com ela.

Eu tive sorte. Havia muitos amigos para me ajudar. Truska, Sr. Altão, Mano Mão, Tuti Membros, Evra e Merla; todos me ajudaram a suportar os momentos difíceis, falando comigo sobre o Sr. Crepsley, conduzindo-me delicadamente de volta à normalidade. Assim que eu ajeitei as coisas com Harkat e me desculpei pela maneira

como o tratei, passei a contar com o pequenino mais do que com qualquer um. Passamos muitas noites sentados juntos, lembrando do Sr. Crepsley, rememorando um ao outro de nossas idiossincrasias, coisas que ele havia dito e expressões de que gostava.

Meses depois, o jogo virou de lado e agora era *eu* que fazia o papel de consolador. Os pesadelos de Harkat haviam retornado. Ele vinha sofrendo de sonhos agonizantes quando deixamos a Montanha dos Vampiros no começo de nossa busca, sonhos com terras devastadas, poços cheios de estacas e dragões. O Sr. Tino disse que os sonhos só iriam piorar se Harkat não o acompanhasse para descobrir o que ele era antes de morrer, mas o pequenino optou por me acompanhar na caça ao Senhor dos Vampixiitas.

Mais tarde, Evanna me ajudou a parar

com seus pesadelos. Mas a bruxa disse que aquela seria apenas uma solução temporária. Quando os sonhos voltassem, Harkat teria que descobrir a verdade sobre si próprio ou enlouqueceria.

Durante o último mês, Harkat era torturado a cada vez que pegava no sono. Ele ficava acordado o máximo de tempo possível — os pequeninos não precisavam dormir muito —, mas, sempre que apagava, os pesadelos o dominavam, fazendo meu amigo se mexer freneticamente e gritar durante o sono. A coisa havia chegado num ponto em que ele tinha que ser amarrado quando dormia — caso contrário, ele saía pelo acampamento, batendo em monstros imaginários, causando danos a qualquer coisa que estivesse em seu caminho.

Depois de cinco dias e cinco noites, ele

havia adormecido no final do nosso último espetáculo. Eu o havia amarrado em sua rede, usando cordas mais grossas para prender seus braços às laterais do corpo, e me sentei ao seu lado enquanto ele se agitava e gemia, secando as gotas de suor verde que brotavam em sua testa, para que não caíssem sobre seus olhos sem pálpebras.

Finalmente, assim que amanheceu, depois de horas de gritos e tensão, os lamentos pararam, seus olhos se iluminaram e ele sorriu discretamente.

— Você pode me desamarrar... agora. Por essa noite chega.

— Essa foi das longas — murmurei, enquanto desatava os nós.

— E isso que dá ficar adiando... o sono por tanto tempo — disse Harkat, suspirando, enquanto saía da rede. — Eu fico adiando os

pesadelos, mas... depois acabo dormindo mais.

— Talvez você devesse tentar a hipnose novamente — sugeri. — Havíamos feito tudo que era possível para aliviar a dor de Harkat, perguntando a todos os artistas e funcionários do circo se eles conheciam uma cura para pesadelos. O Sr. Altão tentou hipnotizá-lo, Truska cantara para ele enquanto dormia, Sancho Duas Panças chegou a passar um ungüento fedorento sobre sua cabeça. Tudo em vão.

— Isso não é bom! — disse Harkat com um sorriso cansado. — Só tem uma pessoa que pode me ajudar... o Sr. Tino. Se ele voltar e me mostrar como... faço para descobrir quem eu era, os sonhos..., com sorte, pararão. Caso contrário... — Ele balançou sua cabeça bojuda, cinzenta e sem pescoço.

Depois de limpar o suor em um barril de água fria, Harkat me acompanhou até o furgão do Sr. Altão, para ficarmos sabendo qual era a nossa agenda para aquele dia. Vínhamos fazendo uma série de trabalhos ocasionais desde que nos juntamos ao circo, como levantar tendas, consertar assentos e equipamento danificado, cozinhar e lavar.

O Sr. Altão havia me perguntado se eu gostaria de atuar nos espetáculos, como seu assistente. Disse a ele que não queria — seria muito estranho estar no palco sem o Sr. Crepsley.

Quando nos apresentamos para o trabalho, o Sr. Altão estava em pé na frente da porta do furgão, sorrindo largamente, com seus dentinhos negros brilhando de um jeito enfadonho à luz da manhã.

— Ouvi você rugindo na noite passada —

disse ele para Harkat.

— Desculpe — lamentou Harkat.

— Não fique assim. Só falei isso para explicar porque não fui lhe dar a notícia imediatamente... achei que era melhor deixar você dormir.

— Que notícia? — perguntei cuidadosamente. De acordo com a minha experiência, notícias inesperadas e ruins eram mais freqüentes do que as boas.

— Vocês têm visitas — disse o Sr. Altão, rindo. — Elas chegaram tarde da noite e estavam esperando impacientemente. — Ele saiu do caminho e acenou para que entrássemos.

Harkat e eu trocamos um olhar duvidoso e depois entramos cautelosamente. Nenhum de nós estava armado — parecia não haver necessidade enquanto estávamos

viajando com o Circo dos Horrores — mas mesmo assim cerramos os punhos e nos preparamos para sair atacando, caso não gostássemos da aparência das nossas "visitas". Assim que vimos a dupla que estava sentada no banco de trás, nossos dedos relaxaram e demos pulos de alegria.

— Débora! — gritei. — Alice! O que vocês estão fazendo aqui?

Débora Cicuta e a inspetora-chefe Alice Burgess se levantaram para nos abraçar. Estavam vestidas com simplicidade — usavam calças e blusas sem manga. Débora havia cortado o cabelo. Estava curto e bem encaracolado. Não achei que combinava com ela, mas não emiti nenhuma opinião.

— Como você está? — perguntou Débora assim que a larguei. Ela estava estudando meu olhar calmamente, examinando-me

minuciosamente.

— Melhor. — Sorri. — Foi ruim, mas agora o pior já passou... deixa eu bater na madeira.

— Graças aos seus amigos — observou Harkat com a expressão atravessada.

— E quanto a vocês? — perguntei para as mulheres. — Os vampixiitas voltaram? Como vocês explicaram tudo para os seus chefes e amigos? — E depois: — O que estão fazendo aqui? — perguntei novamente, perplexo.

Débora e Alice riram da minha confusão, depois se sentaram e relataram tudo que havia acontecido desde que nos separamos na floresta nos arredores da cidade. Em vez de apresentar um relatório genuíno para os seus superiores, Alice alegou ter ficado inconsciente durante todo o tempo em que foi

raptada por Vancha March. Era uma história simples, fácil de se acreditar, e ninguém ousou questioná-la.

Já Débora passou por um interrogatório mais difícil — quando os vampixiitas contaram para a polícia que havíamos pegado Lucas Leonardo como refém, eles também mencionaram o nome de Débora. Ela afirmou ser inocente, disse que só me conhecia como estudante, e não sabia nada sobre Lucas. Com o apoio de Alice, a história de Débora foi finalmente aceita e ela foi liberada. Continuou sendo investigada durante algumas semanas, mas aos poucos a polícia foi deixando que ela prosseguisse normalmente com sua vida.

Os oficiais não sabiam nada sobre a batalha que transcorre-a nos túneis e nem sobre os vampixiitas, vampitietes e vampiros

que andaram ocupados em sua cidade. Até onde lhes dizia respeito um grupo de assassinos — Lucas Leonardo, Larten Crepsley, Darren Shan, Vancha March e Harkat Mulds — era responsável pelos assassinatos. Um deles escapou durante a prisão do grupo. Os outros saíram da delegacia e fugiram em seguida. Nossas descrições circularam por todos os cantos, mas não éramos mais o problema da cidade; e as pessoas por lá não ligavam muito se éramos humanos ou vampiros — simplesmente estavam felizes por terem se livrado de nós.

Depois de transcorrido um período conveniente e do interesse por elas passar, Alice se encontrou com Débora e as duas conversaram sobre o contato bizarro que tiveram com o mundo dos vampiros. Débora deixou seu emprego na Mahler's — ela não

tinha condições de encarar o trabalho — e Alice estava pensando em também entregar seu pedido de demissão.

— Pareceu-me sem sentido — disse ela calmamente, enquanto passava os dedos pelo seu cabelo curto e branco. — Entrei na força policial para ajudar as pessoas. Quando vi como o mundo era realmente misterioso e fatal, deixei de me achar útil. Não teria como retomar a minha vida normal.

Ao longo de algumas semanas, as duas mulheres falaram sobre o que vivenciaram nos túneis e o que deviam fazer com suas vidas. Ambas concordaram que não podiam voltar ao que faziam antes, mas não sabiam como alterar seus futuros. Então, numa noite, depois de beberem e falarem muito, Débora disse uma coisa que iria mudar suas vidas completamente e lhes dar um novo e

decidido rumo.

— Eu estava preocupada com os vampitietes — contou-nos Débora. — Eles me parecem mais doentios do que os vampixiitas. Seus mestres possuem uma conduta moral, mas os vampitietes são apenas assassinos. Se os vampixiitas ganharem a guerra, não me parece provável que os vampitietes venham a querer parar de lutar.

— Eu concordei — disse Alice. — Conheço o seu tipo. Uma vez que desenvolvam o gosto pela batalha, eles jamais o perdem. Mas sem vampiros para atacar, terão que buscar outras presas.

— A humanidade — afirmou Débora calmamente. — Eles se voltarão para os humanos, caso consigam acabar com todos os vampiros. Continuarão a recrutar gente, crescendo o tempo todo, encontrando

pessoas fracas e gananciosas e oferecendo-lhes poder. Com os vampixiitas por trás deles, creio que eles representarão uma verdadeira ameaça para o mundo nos anos que estão por vir.

— Mas não achávamos que os vampiros iriam se preocupar com isso — disse Alice. — Os vampixiitas é que são a verdadeira ameaça para o clã dos vampiros. Os vampitietes são apenas um estorvo no que diz respeito aos vampiros.

— Foi aí que eu disse que precisávamos enfrentar fogo com fogo. — A expressão de Débora era firme, o que era raro. — Esse problema é *nosso*. Falei que precisávamos recrutar humanos para enfrentar os vampitietes agora, antes que eles fiquem muito fortes. Estava falando em termos gerais quando usei a palavra nosso, mas logo que a disse,

percebi que não era geral... era pessoal.

— As vítimas esperam por outras pessoas para que lutem a seu favor — disse Alice asperamente. — Aqueles que não querem ser vítimas lutam por si próprios.

Na hora em que o sol nasceu, as duas haviam esboçado um plano no qual viajariam para a Montanha dos Vampiros, obteriam a aprovação dos príncipes, e montariam um exército de humanos para lutar contra os vampitietes. Os vampiros e os vampixiitas não usam pistolas, arcos ou flechas — eles fazem um juramento de nunca se valer desses tipos de armas quando são vampirizados — mas os vampitietes não estão limitados por tais leis. O exército de Alice e Débora também não estaria. Com a ajuda dos vampiros, elas poderiam rastrear os vampitietes e atacá-los nas mesmas cruéis condições.

— Estávamos quase terminando de fazer as malas quando percebi que estávamos incorrendo num erro gritante — lembrou Débora, com uma gargalhada. — Não sabíamos onde era a Montanha dos Vampiros!

Foi quando Alice se lembrou do pedaço de papel que Evanna havia lhe dado. Ao voltar ao seu apartamento, onde o havia guardado, ela o desdobrou e na mesma hora descobriu onde estava o Circo dos Horrores — aqui, perto da cachoeira.

— Mas Evanna lhe deu o papel há meses! — exclamei. — Como ela sabia onde o circo estaria?

Alice encolheu os ombros.

— Tentei não pensar nisso. Já tinha me acostumado com a noção de que vampiros existiam, mas bruxas capazes de prever o

futuro... isso é um pouco demais. Prefiro acreditar que ela checou tudo com o sujeito que toma conta desse lugar antes de nos encontrar.

— Embora isso não explique como ela sabia quando iríamos ler a mensagem — acrescentou Débora com uma piscadela.

— Suponho que isso significa que estamos destinados a... levá-las para a Montanha dos Vampiros — refletiu Harkat.

— Parece que sim — afirmou Alice. — A não ser que vocês tenham outros planos.

Harkat olhou para mim. Quando o Sr. Crepsley morreu, eu havia deixado muito claro que não queria saber de vampiros por um bom tempo. O chamado era para mim.

— Não estou com muita vontade de voltar — suspirei. — Ainda é muito cedo. Mas para algo dessa importância, creio que não

tenho muita escolha. Ao mesmo tempo em que lhes mostrarei o caminho, talvez possa agir como intermediário entre vocês e os generais.

— Estávamos pensando nesses termos — falou Débora, sorrindo e inclinando-se para frente a fim de segurar as minhas mãos. — Não sabemos ao certo o que os vampiros pensarão de duas mulheres humanas aparecendo com uma oferta de montar um exército para ajudá-los. Não conhecemos bem seus modos e costumes. Precisamos de alguém para nos deixar informadas.

— Não estou certo de que os príncipes... aceitarão a sua proposta — disse Harkat. — Vampiros sempre travaram suas... próprias batalhas. Acho que eles quererão fazer a mesma coisa agora, mesmo... que suas chances sejam reduzidas.

— Se o fizerem, enfrentaremos os vampitietes sem a ajuda deles — afirmou Alice, bufando. — Mas serão tolos se nos desprezarem e, pelo que já vi, os vampiros não são idiotas.

— Faz sentido — reconheci. — Mandar os humanos para enfrentar os vampitietes e deixar o clã livre para se concentrar nos vampixiitas.

— Desde quando os vampiros fazem coisas... por que elas fazem sentido? — perguntou Harkat, rindo. — Mas a tentativa vale a pena. Irei junto com vocês.

— Ah, não vai não — disse alguém que vinha rindo por trás. Ao nos virarmos, assustados, vimos que um terceiro visitante, que não havia sido convidado, um homem baixo com um olhar selvagem e malicioso, havia se juntado a nós no furgão. Ele foi

instantaneamente reconhecido e imediatamente mal recebido — o *Sr. Tino!*

CAPÍTULO QUATRO

O criador dos pequeninos estava usando o seu terno amarelo e suas botas de borracha de cano alto verdes. Ele nos observava através de lentes espessas e girava um relógio em forma de coração entre os dedos de sua mão esquerda. Era pequeno e atarracado, tinha cabelo branco e um sorriso cruel e insolente.

— Olá, rapazes — disse ele,

cumprimentando a mim e a Harkat. — E olá, lindas damas. — Ele piscou alegremente para Débora e Alice. Débora sorriu, mas a ex-inspetora-chefe foi mais cautelosa. O Sr. Tino foi logo se sentando e tirou uma das botas para esvaziar a lama que havia se acumulado. Olhei para os seis dedos estranhos e palmados que avistara numa outra oportunidade. — Vejo que sobreviveram ao seu confronto com o Mestre Leonardo — afirmou ele, com a fala arrastada, enquanto calçava a bota de volta.

— Não, graças a você — torci o nariz, furiosamente. — Você sabia que Lucas era o Senhor dos Vampixiitas. Poderia nos ter dito.

— E estragar a surpresa? — respondeu o Sr. Tino, às gargalhadas. — Não perderia aquele confronto fatal na Caverna da Vingança por nada. Não me divertia tanto

assim há anos. A tensão foi insuportável, muito embora eu já tivesse adivinhado qual seria o resultado.

— Você não estava na caverna — desafiei-o. — E você não adivinhou o resultado... já sabia como tudo terminaria!

O Sr. Tino bocejou de maneira insolente.

— Posso não ter estado lá fisicamente, mas estava em espírito. Quanto a saber qual seria o resultado final... eu não sabia. Suspeitava que Larten fosse cair, mas não tinha certeza. *Ele poderia* ter vencido.

Ele fez uma pausa antes de prosseguir.

— De qualquer modo, isso ficou no passado. Temos assuntos mais importantes para tratar. — Olhando para Harkat, ele virou o relógio de modo a pegar a luz que brilhava na janela do furgão e a refleti-la nos olhos verdes e redondos de Harkat. — Tem

dormido bem, Mestre Mulds?

Harkat olhou na direção de seu mestre e disse francamente:

— Você sabe muito... bem que não.

O Sr. Tino guardou seu relógio sem tirar os olhos de Harkat.

— É hora de descobrir quem você era — murmurou. Harkat travou.

— Por que agora? — perguntei.

— Seus pesadelos se intensificaram. Ele precisa vir comigo e buscar sua verdadeira identidade, ou ficar e enlouquecer... e perecer.

— Por que você não pode simplesmente lhe contar? — insisti.

— A coisa não funciona assim.

— Eu ficarei muito tempo ausente? — perguntou Harkat calmamente.

— Ah, sim — veio a resposta. — Para

sempre, se as coisas não derem certo. Não é o caso de simplesmente descobrir quem você era e retornar. A estrada é longa e perigosa, e, mesmo se você lutar até o fim, não há garantia de que voltará. Mas é uma estrada que deve trilhar... a não ser que prefira enlouquecer e morrer. — O Sr. Tino deixou escapar um falso suspiro. — Pobre Harkat... preso entre a cruz e a espada.

— Você está sendo muito generoso — resmungou Harkat, para depois me encarar com um olhar de desgosto. — Parece que é aqui que... nos separamos.

— Eu poderia ir com você — comecei, mas ele me interrompeu com um aceno de sua mão áspera e cinzenta.

— Esqueça — disse o pequenino. — Você tem que conduzir Débora e... Alice até a Montanha dos Vampiros. Não apenas guiá-

las, mas... protegê-las... é uma trilha difícil.

— Poderíamos esperar pelo seu retorno — afirmou Débora.

— Não — suspirou Harkat. — Não há como prever quanto... tempo irei demorar.

Olhei, desamparado, para Harkat. Ele era o meu melhor amigo, e odiava pensar que iria abandoná-lo. Mas eu amava Débora e não queria deixá-la sozinha.

— De fato — murmurou o Sr. Tino, enquanto afagava o vidro de seu relógio em formato de coração — creio que o jovem Shan *deve* acompanhá-las... supondo que dêem valor às suas vidas.

— O que você quer dizer? — vociferou Harkat repentinamente.

O Sr. Tino examinou suas unhas e falou num tom de voz ilusoriamente leve:

— Se Darren as acompanhar, suas

chances de sobrevivência serão razoáveis. Sozinhas, é praticamente certo que perecerão.

Meus olhos se apertaram com ódio. O Sr. Tino havia colocado a mim e ao Sr. Crepsley na trilha do Senhor dos Vampixiitas, sabendo que era uma jornada fadada a terminar em morte. Agora ele queria me lançar em outra.

— Darren não vem conosco — disse Harkat enquanto eu abria a boca para agredir o Sr. Tino. — Ele tem os seus próprios problemas... com os vampixiitas. Essa busca é minha, não dele.

— É claro, meu garoto — comentou o Sr. Tino, com um sorriso afetado. — Entendo perfeitamente e, se ele optar por acompanhar as lindas damas, não direi nada para impedi-lo. Mas seria terrivelmente errado da

minha parte não antecipar quais podem ser as terríveis...

— Pare! — vociferou Harkat. — Darren vai com Débora e... Alice. Ponto final.

— Harkat — murmurei incerto — talvez devêssemos...

— Não — ele me deteve. — Sua lealdade está com os vampiros. Já é hora de voltar para o seu rebanho. Vou ficar bem. — E com isso ele se virou e não falou mais nada sobre o assunto.

Levantamos acampamento antes do meio-dia. Débora e Alice vieram bem equipadas, com cordas, coletes pesados, botas de escalada, tochas resistentes, isqueiros e fósforos, armas, facas, tudo que era possível. Como meio-vampiro, eu não necessitava de nenhuma ferramenta especial. Tudo que

guardava em minha mochila era uma boa faca e uma muda de roupas. Eu estava usando jeans, uma camisa e um leve colete. Embora Truska tivesse tido muito trabalho para restaurar minha roupa de pirata, eu não me sentia confortável nela — era um traje infantil. Eu vinha optando por roupas mais normais ao longo dos últimos meses. Truska não se importou — ela disse que daria a fantasia para Shancus ou Urcha quando ficassem mais velhos.

Eu não usava sapatos. A caminhada até a Montanha dos Vampiros era uma tradição solene entre vampiros. Sapatos e equipamento de escalada não eram permitidos. Normalmente você também não tinha permissão para voar. Nos últimos anos, devido à Guerra das Cicatrizes, tal regra já não era mais tão rígida. Mas as outras ainda

permaneciam. Débora e Alice achavam que eu era maluco! É difícil para os humanos entender o mundo das criaturas da noite.

Uma outra coisa que levei foi o meu diário. Achava que ele estava perdido para sempre — ele havia ficado para trás na cidade, junto com o resto dos meus pertences — e fiquei surpreso quando Alice o exibiu com todo o esplendor.

— Onde você pegou isso? — perguntei, ofegante, enquanto tateava a capa macia e enrugada de um dos muitos blocos que compunham o diário.

— Fazia parte das provas que meus oficiais reuniram depois que você foi detido. Eu o surrupiei antes de abandonar o trabalho.

— Você o leu? — perguntei.

— Não, mas outros o fizeram. — Ela sorriu. — Repudiaram-no como se fosse uma

obra de ficção de um lunático.

Procurei Harkat antes de botarmos o pé na estrada, mas ele estava trancado no furgão do Sr. Altão, junto com o Sr. Tino. O Sr. Altão veio até a porta quando bati e disse que o pequenino não estava recebendo visitas. Gritei “adeus”, mas não obtive resposta.

Sentia-me péssimo enquanto deixávamos o acampamento, depois de ter me despedido de Evra, Merla e dos meus outros amigos. Mas Harkat fora firme em relação aos seus desejos, e eu sabia que ir para a Montanha dos Vampiros e reassumir o meu lugar de direito no Salão dos Príncipes fazia mais sentido.

Débora estava feliz por me ter de volta, e segurou a minha mão com força, enquanto me dizia o quanto estava animada — e um pouco amedrontada — por ir à Montanha

dos Vampiros. Ela me encheu de perguntas — queria saber o que os vampiros usavam, se dormiam em caixões, se podiam se transformar em morcegos — mas eu estava distraído demais para responder com muitos detalhes.

Havíamos andado dois ou três quilômetros quando parei subitamente. Estava pensando nas ocasiões em que Harkat salvou a minha vida — quando me resgatou das mandíbulas de um urso selvagem, quando pulou dentro de um poço durante os meus Rituais de Iniciação e matou um porco selvagem que estava prestes a me retalhar até a morte, o jeito que lutava ao meu lado, manejando o seu machado com velocidade e destreza, quando enfrentamos os vampixiitas.

— Darren? — perguntou Débora,

fitando-me, preocupada. — Tem alguma coisa errada?

— Ele precisa voltar — respondeu Alice por mim. Eu a encarei e ela sorriu. — Não podemos ignorar os deveres da amizade. Harkat precisa de você mais do que nós. Vá ajudá-lo e nos alcance mais tarde depois, se puder.

— Mas ele me disse para partir — murmurei.

— Não importa — insistiu Alice. — Seu lugar é com ele, não conosco.

— Não! — opôs-se Débora. — Não temos como encontrar o caminho para a montanha sozinhas!

Alice tirou um mapa de sua mochila.

— Estou certa de que Darren pode nos indicar a direção certa.

— Não! — gritou Débora mais uma vez,

apertando-me com força. — Temo que nunca mais o verei novamente se você partir!

— Eu preciso — suspirei. — Alice tem razão... Tenho que ajudar Harkat. Prefiro ficar com vocês, mas me sentiria um traidor se o fizesse.

As lágrimas transbordavam dos olhos de Débora, mas ela piscou de volta e acenou, tensa.

— Tudo bem. Se é assim que você quer...

— É assim que tem que ser. Você faria a mesma coisa se estivesse no meu lugar.

— Possivelmente. — Ela sorriu discretamente e então, escondendo seus sentimentos por trás de uma fachada séria, tirou o mapa das mãos de Alice, o estendeu no chão e pediu para que eu marcasse com a caneta a trilha para a Montanha dos Vampiros.

Tracei rapidamente a rota mais simples,

indiquei uns dois caminhos alternativos no caso do primeiro estar bloqueado, e lhes expliquei como fazer para não se perderem em meio ao labirinto de túneis que davam no interior da Montanha dos Salões, onde os vampiros viviam. Então, sem longas despedidas, beijei Débora rapidamente e deixei a mochila com o meu diário recém-recuperado nas mãos de Alice. Pedi para que ela tomasse conta dele para mim.

Desejei todo o sucesso para ambas, virei-me e corri de volta para o acampamento. Tentei não dar importância a tudo que poderia acontecer-lhes no caminho até a montanha e fiz uma rápida oração aos deuses dos vampiros enquanto corria, pedindo para que eles zelassem pela ex-inspetora-chefe e pela professora que eu amava.

Eu estava na beira do acampamento quando avistei o Sr. Tino e Harkat numa clareira. Dava para vislumbrar, defronte a ambos, um vão de porta brilhante em forma de arco, que não estava ligado a lugar algum. A moldura do vão irradiava um brilho avermelhado. O Sr. Tino também brilhava; seu traje, cabelo e pele pulsavam em tons escuros, vibrantes e rubros. O espaço no meio do vão tinha uma cor cinzenta e embotada.

O Sr. Tino me ouviu chegando, olhou para trás e sorriu como um tubarão.

— Ah, Mestre Shan! Eu bem que achava que você apareceria.

— Darren! — vociferou Harkat furiosamente. — Eu lhe disse para não vir! Não vou levá-lo... comigo. Você terá que...

O Sr. Tino colocou a mão nas costas do

pequenino e o empurrou vão adentro. Houve um brilho cinzento e depois Harkat desapareceu. Dava para ver o campo através do véu cinza do vão — mas nenhum sinal de Harkat.

— Para onde ele foi? — gritei.

— Buscar a verdade — respondeu o Sr. Tino, sorrindo, enquanto se afastava e gesticulava na direção do vão de porta que brilhava. — Importa-se de ajudá-lo na busca?

Andei na direção do vão, olhando inquieto para a moldura vermelha que brilhava e o resplendor cinzento do seu interior.

— Aonde é que isso dá? — perguntei.

— Num outro lugar — respondeu vagamente o Sr. Tino, para depois colocar uma das mãos sobre o meu ombro direito e me encarar profundamente. — Se você seguir Harkat, poderá nunca mais retornar. Pense

seriamente nisso. Se você for com Harkat e morrer, não estará aqui para enfrentar Lucas Leonardo quando chegar a hora, e a sua ausência poderá ter terríveis conseqüências para os vampiros em toda parte. Será que o seu amigo atarracado de pele cinzenta vale correr um risco tão grande?

Não precisei pensar duas vezes.

— Sim — respondi simplesmente, e adentrei aquela realidade estranha, sobrenatural e cinzenta.

CAPÍTULO CINCO

Um sol ardia com todo o seu fulgor no céu azul acima da terra devastada, realçando o solo árido e as montanhas de rocha lisa. Uma poeira vermelha e áspera cobria grande parte do terreno, abafando o solo seco. Quando ventos fortes sopravam, a poeira subia intensamente, sendo quase impossível respirar. Nestas ocasiões, eu pegava uma das máscaras reserva de Harkat — ela bloqueava o

pior das partículas granuladas — enquanto nós dois buscávamos abrigo e esperávamos até a calmaria chegar.

Duas semanas já haviam passado — mais ou menos — desde que o Sr. Tino nos trouxe para essa terra desolada e nos abandonou. Duas semanas cruzando vales estéreis e colinas mortas, onde não havia nada vivo a não ser alguns lagartos robustos e insetos, que pegávamos e comíamos sempre que podíamos. Seu gosto era repulsivo, mas você não pode ser muito exigente quando está preso num deserto sem água ou comida.

A água era a nossa maior preocupação. Andar no calor e na poeira nos dava sede, mas encontrar água era raro e não tínhamos cantis para guardá-la quando encontrávamos uma poça de vez em quando. Chegamos a fazer recipientes primitivos com as peles dos

lagartos, mas eles não retinham muita coisa. Bebíamos água poupando.

Harkat estava furioso comigo por não ter atendido aos seus desejos — ele ficou alguns dias reclamando sem parar — mas sua raiva aos poucos foi diminuindo. Embora não me tenha agradecido pela escolha de acompanhá-lo em sua busca, eu sabia que secretamente estava grato.

Uma quinzena antes, o Sr. Tino nos seguiu através do portal, que desapareceu na poeira atrás dele. Houve um breve momento de desorientação quando atravessei o portal, provocado por uma nuvem cinzenta que nublava a minha visão. Na medida em que a nuvem foi se desfazendo, vi que estava num vale redondo, raso e desabitado — e embora fosse dia quando atravessei o vão, aqui era noite, ainda que fosse uma noite clara e

incomum, que brilhava com uma lua cheia e um céu cheio de feixes de estrelas cintilantes.

— Onde estamos? — perguntou Harkat, com seus olhos verdes e grandes muito espantados.

O Sr. Tino bateu em seu nariz.

— Isso seria estragar as surpresas. Agora, rapazes — disse ele, enquanto se agachava e sinalizava para que fizéssemos a mesma coisa. Ele desenhou uma bússola simples na poeira a seus pés e apontou para uma das setas. — Ali é o oeste, como vocês verão pela posição do sol amanhã. Sigam naquela direção até chegarem ao território de caça de uma pantera negra. Vocês precisarão matar a pantera para descobrir onde terão que ir depois.

Sorrindo, ele se levantou e se virou para partir.

— Espera aí! — Eu o detive. — Isso é tudo que você tem para nos dizer?

— O que mais você precisa saber? — perguntou o Sr. Tino, com educação.

— Um monte de coisas! — gritei. — Onde estamos? Como chegamos até aqui? O que acontece se andarmos para o leste e não para o oeste? Como Harkat descobrirá quem era? E que diabos uma pantera tem a ver com tudo isso?

O Sr. Tino suspirou, impaciente.

— Eu achava que você já tinha desenvolvido um gosto pelo desconhecido — resmungou. — Você não percebe como é excitante partir numa aventura sem ter a menor idéia do que vem em seguida? Eu daria minhas botas e meus óculos para vivenciar o mundo do jeito que estão fazendo, como algo estranho e desafiador.

— Esqueça as botas e os óculos! — vociferei. — Dê-me apenas algumas respostas!

— Às vezes você é muito grosseiro — reclamou o Sr. Tino, mas mesmo assim se agachou novamente e fez uma pausa, pensativo. — Há muitas coisas que eu não posso e não vou lhes contar. Vocês terão que descobrir onde estamos por conta própria — embora não vá fazer muita diferença se não o fizerem. Vocês chegaram aqui, obviamente, através de um mecanismo que pode ter sido magia ou uma tecnologia incrivelmente avançada — não estou dizendo qual foi. Se não seguirem a trilha para oeste, vocês morrerão, provavelmente de uma maneira horrível. Quanto a Harkat descobrir qual é a sua identidade, e a pantera...

O Sr. Tino pensou na pergunta em

silêncio, antes de nos dar uma resposta.

— Em algum lugar deste mundo há um lago... trata-se, de fato, de uma lagoa magnífica... ao qual gosto de me referir como o *Lago das Almas*. Nele você pode avistar os rostos de muitas almas aprisionadas, pessoas cujos espíritos não deixaram a Terra quando morreram. A alma do ser chamado Harkat chegou a ficar dentro de suas águas. Vocês devem encontrar o Lago e depois pescar sua alma. Se forem bem-sucedidos e Harkat descobrir e reconhecer a verdade sobre si próprio, sua busca estará completa e intervirei para que sejam levados para casa com segurança. Se não... — Ele encolheu os ombros.

— Como encontramos esse Lago... das Almas? — perguntou Harkat.

— Seguindo instruções — disse o Sr.

Tino. — Se você localizar e matar a pantera, descobrirá para onde deve ir em seguida. E também descobrirá uma pista sobre sua identidade anterior, a qual fui benevolente o bastante para entregar de bandeja.

— Você não podia simplesmente deixar de falar besteira e nos contar logo? — perguntei, suspirando.

— Não — respondeu o Sr. Tino. Ele se levantou e olhou para baixo, para nós, com um ar sério. — Mas vou lhes dar mais um conselho, rapazes... a pantera é a menor das suas preocupações. Andem com cuidado, confiem nos seus instintos e nunca baixem a guarda. E, não se esqueça — acrescentou para Harkat —, ao mesmo tempo em que descobrir quem você foi, você deve reconhecê-lo. Não poderei voltar à cena se você não admitir a verdade em voz alta.

Ele sorriu antes de retomar a palavra.

— Agora tenho realmente que ir. Lugares para percorrer, coisas a fazer, pessoas para atormentar. Se vocês têm mais perguntas, terão que esperar. Até a próxima, rapazes. — Com um aceno, o homem misterioso e de baixa estatura se virou e nos deixou, andando para o leste até a escuridão o engolir, deixando-nos retidos numa terra estranha e sem nome.

Encontramos uma pequena poça d'água e bebemos tudo o que podíamos, afundando nossas cabeças no líquido escuro, ignorando as pequenas enguias e insetos. A pele cinzenta de Harkat parecia uma folha de cartolina ensopada quando ele emergiu depois de beber o suficiente para matar a sede, mas ela rapidamente retomou a sua coloração

normal enquanto a água evaporava sob o sol implacável.

— Até aonde você acha que chegamos? — perguntei, gemendo, enquanto me alongava debaixo da sombra de um arbusto espinhoso com pequenas flores lilases. Esse foi o primeiro sinal de vegetação que encontramos, mas eu estava muito exausto para expressar algum interesse verdadeiro.

— Não tenho idéia — respondeu Harkat. — Há quanto tempo... estamos viajando?

— Duas semanas... creio.

Depois do primeiro dia quente, tentamos viajar durante a noite, mas a trilha era rochosa e traiçoeira sob os pés — sem mencionar que era dura sob os meus pés descalços! Depois de tropeçarmos muitas vezes, rasgando nossas roupas e nos cortando, optamos por enfrentar aquele sol

capaz de nos empolar. Amarrei o meu colete em volta da cabeça para me proteger do pior dos raios — o sol não afetava a pele cinzenta de Harkat, embora ele suasse bastante — mas embora isso me protegesse da insolação, não adiantava nada contra as queimaduras. Meu tronco estava todo assado, mesmo debaixo da camisa. Durante alguns dias fiquei sensível e irritável, mas me recuperei rapidamente — graças ao poder de cura dos meio-vampiros — enquanto a cor vermelha foi dando lugar a um bronzeado marrom e escuro que me protegia. As solas dos meus pés também haviam endurecido — eu mal notava a ausência de sapatos àquela altura.

— Com todas as escaladas e retrocessos que... tivemos que fazer, não devemos estar percorrendo mais do que... uns três quilômetros por hora — comentou Harkat. —

Considerando que estamos pegando quatorze ou quinze horas de luz solar... por dia, provavelmente percorremos quarenta ou cinqüenta quilômetros. Ao longo de duas semanas isso dá... — Ele franziu a testa enquanto calculava. — Talvez quatrocentos no total.

Acenei levemente com a cabeça.

— Graças aos deuses que não somos humanos... não teríamos durado uma semana nesse ritmo, nessas condições.

Harkat se sentou com a cabeça ereta, a virou para a esquerda e depois para a direita — os ouvidos do pequenino estavam costurados sob a pele do couro cabeludo, por isso ele tinha que levantar a cabeça num ângulo agudo para ouvir a tudo atentamente. Não ouvindo nada, ele fixou seus olhos verdes na terra ao nosso redor. Depois de estudar rapidamente a área, ele se virou na minha

direção.

— O cheiro mudou? — perguntou ele, que não tinha nariz e precisava confiar no meu.

Senti o odor que circulava pelo ar.

— Levemente. Não está tão forte quanto antes.

— Isso é porque há menos... poeira — afirmou ele, enquanto apontava para as colinas que nos cercavam. — Parece que estamos deixando... o deserto para trás. Há algumas plantas e caminhos... de grama seca.

— Já era hora — suspirei. — Espero que haja animais também... vou ter um colapso se tiver que comer outro lagarto ou inseto.

— O que você acha que eram aqueles insetos... de doze patas que comemos ontem?

— Não tenho idéia, mas não os tocarei novamente... meu estômago ficou

embrulhado a noite toda.

Harkat deu uma risada.

— Eles não me incomodaram. Às vezes ajuda não ter... papilas gustativas e um estômago capaz de digerir... quase tudo.

Harkat colocou a máscara sobre a boca e respirou por meio dela em silêncio, enquanto estudava o terreno mais à frente. O pequenino havia passado muito tempo testando o ar, e não achava que lhe era venenoso — era levemente diferente do ar na Terra, mais acidífero — mas ele continuou usando a máscara de qualquer maneira, só como garantia. Tossi bastante durante os primeiros dias, mas agora estava tudo bem — meus pulmões endurecidos haviam se adaptado ao ar amargo.

— Já decidiu onde estamos? — perguntei depois de algum tempo. Esse era o nosso

assunto predileto. Havíamos restringido as possibilidades a quatro opções. O Sr. Tino havia de algum modo nos enviado para o passado. Ele havia nos transportado para um mundo distante no nosso próprio universo. Havia nos largado numa realidade alternativa. Ou tudo isso não passava de uma ilusão e nossos corpos estavam deitados num campo no mundo real, onde o Sr. Tino alimentava as nossas imaginações com essa cena de sonho.

— Eu acreditei a princípio na... teoria da ilusão — disse Harkat, enquanto baixava a sua máscara. — Mas quanto mais eu penso nisso, menos tenho certeza. Se o Sr. Tino tivesse criado este mundo, acho que... ele o teria feito mais excitante e colorido. Esse lugar aqui é muito pouco atraente.

— São os primeiros dias — resmunguei.

— Provavelmente só o fez assim para nos esquentar.

— Com certeza esquentou *você* — disse Harkat com um sorriso, acenando para o meu bronzeado.

Devolvi o seu sorriso e depois levantei os olhos na direção do sol.

— Mais três ou quatro horas até o cair da noite — supus. — É uma pena que nenhum de nós entenda de constelações, ou teríamos como dizer onde estamos pela posição das estrelas.

— É uma vergonha maior que não... tenhamos armas — comentou Harkat. Ele se levantou e estudou o terreno à nossa frente mais uma vez. — Como nos defenderemos da... pantera sem armas?

— Algo acontecerá — tranqüilizei-o. — O Sr. Tino não nos daria uma tarefa tão difícil,

não tão cedo — isso estragaria a sua diversão se perecêssemos rapidamente.

— Isso não é muito confortante — observou Harkat. — A idéia de que estamos sendo mantidos vivos... só para morrer horrivelmente mais tarde, para o deleite do Sr. Tino... não me enche de alegria.

— Isso também não me deixa feliz — concordei. — Mas pelo menos nos dá esperanças.

Com aquela observação duvidosa, a conversa chegou ao fim, e depois de um breve descanso, enchemos de água as nossas bolsas pobres feitas de pele de lagarto e seguimos por aquela terra improdutiva, que ia ficando cada vez mais viçosa — mas não menos estranha — à medida em que progredíamos.

CAPÍTULO SEIS

Uma semana depois de deixar o deserto para trás, adentramos uma selva de cactus robustos, longas trepadeiras serpeantes e árvores mirradas retorcidas. Poucas folhas cresciam em seus troncos. As que brotavam eram longas e finas, de cor laranja fosco, e estavam agrupadas perto do topo das árvores.

Havíamos cruzado com vestígios de animais — fezes, ossos, pêlos — mas não vimos

nenhum bicho até entrarmos no matagal. Lá encontramos uma mistura curiosa de criaturas estranhas, porém familiares. A maior parte dos animais era semelhante aos que existiam na Terra — veados, esquilos, macacos — mas diferentes, normalmente em tamanho ou cor. Algumas das diferenças não eram tão visivelmente aparentes — capturamos um esquilo um dia, que tinha uma série adicional de dentes afiados quando o examinamos, além de garras surpreendentemente longas.

Havíamos apanhado pedras que tinham o formato de adagas durante o transcorrer de nossa jornada, as quais afiamos até virarem facas. Nós agora fazíamos mais armas com galhos grossos e ossos de animais de maior porte. Elas não serviriam para enfrentar uma pantera, mas nos ajudariam a amedrontar os

pequenos macacos amarelos que pulavam das árvores sobre as cabeças de suas vítimas, as cegavam com suas garras e dentes, e depois as matavam enquanto elas seguiam cambaleando.

— Nunca ouvi falar de macacos assim — comentei numa manhã enquanto observávamos um grupo de símios que devoravam um animal enorme da família dos javalis.

— Nem eu — afirmou Harkat.

Enquanto víamos a cena, os macacos pararam e cheiraram o ar, receosos. Um deles correu para um arbusto denso e gritou de um jeito ameaçador. Ouvimos um grunhido profundo que vinha do mato e então um macaco maior — parecido com um babuíno, só que com uma curiosa coloração vermelha — saiu e acenou para os outros com seu braço comprido. Os macacos amarelos

mostraram os dentes, sibilaram e jogaram galhos finos e pequenos seixos no recém-chegado, mas o babuíno os ignorou e avançou. Os macacos menores recuaram, deixando o javali para que o babuíno terminasse de devorá-lo.

— Acho que tamanho é documento — murmurei ironicamente, antes que eu e Harkat nos afastássemos para deixar o babuíno se alimentar em paz.

Na noite seguinte, enquanto Harkat dormia — seus pesadelos haviam parado desde que ele chegou a este novo mundo — e eu estava de guarda, ouvi um rugido selvagem vindo de algum lugar adiante. A noite normalmente era preenchida, ininterruptamente, pelos ruídos dos insetos e de outras criaturas noturnas, mas quando veio o rugido, todo o barulho cessou. Fez-se um

silêncio total — enquanto os ecos do rugido iam diminuindo — durante pelo menos cinco minutos.

Harkat dormia apesar do rugido. Normalmente seu sono era leve, mas o ar daqui lhe fazia bem e ele acabava dormindo mais profundamente. Falei com ele de manhã sobre o que ouvi.

— Você acha que era... a nossa pantera? — perguntou ele.

— Definitivamente era um felino enorme. Pode ter sido um leão ou um tigre, mas aposto meu dinheiro na pantera negra.

— As panteras normalmente são muito silenciosas — afirmou Harkat. — Mas creio que elas podem ser diferentes aqui. Se este é o seu território, ela deverá se aproximar... a qualquer instante. As panteras estão em ronda constante. Temos que nos preparar. —

Durante o tempo que passou na Montanha dos Vampiros, onde trabalhou para Sebá Nilo, Harkat conversou com vários vampiros que haviam caçado ou enfrentado leões ou leopardos, por isso sabia muita coisa sobre eles. — Temos que cavar um poço para... que ela caia dentro, pegar e amarrar um veado e também achar alguns... porcos-espinhos.

— Porcos-espinhos? — perguntei.

— Seus espinhos podem atravessar as... patas, o focinho e a boca da pantera. Podem diminuir sua velocidade ou... distraí-la.

— Precisaremos mais do que espinhos de porcos-espinhos para matar uma pantera — observei.

— Com sorte, iremos assustá-la quando... vier comer o veado. Poderemos pular e espantá-la para que caia... no poço. Espero que ela morra lá dentro.

— E se não morrer?

Harkat sorriu, ansioso.

— Estaremos enrascados. Panteras negras são, na verdade, leopardos, e leopardos são... os piores dentre todos os grandes felinos. São rápidos, fortes, selvagens e... grandes escaladores. Não teremos como correr mais do que elas ou... subir mais alto.

— Então, se o plano *A* falhar, não há plano *B*?

— Não — respondeu Harkat, rindo secamente. — Iremos direto para o plano *P*, de *Pânico!*

Encontramos uma clareira com um arbusto denso numa extremidade, onde tínhamos como nos esconder. Passamos a manhã cavando um poço profundo com as nossas mãos e as ferramentas toscas que talhamos usando galhos e ossos. Quando o poço ficou

pronto, colhemos uns vinte e poucos galhos mais grossos e afiamos suas pontas, criando estacas que colocaríamos no fundo do poço.

Enquanto estávamos entrando no poço para fincar as estacas, eu parei na beira e comecei a tremer — lembrando-me de um outro poço que também estava cheio de estacas e do amigo que perdi dentro dele.

— O que há de errado? — perguntou Harkat. Antes que eu pudesse responder, ele leu tudo em meus olhos. — Ah — suspirou. — O Sr. Crepsley.

— Não há uma outra maneira de matá-la? — perguntei, gemendo.

— Não sem equipamento apropriado. — Harkat tirou as estacas da minha mão e sorriu de um jeito encorajador. — Vá caçar porcos-espinhos. Eu cuido desse... fim da operação.

Acenando, com gratidão, deixei Harkat fincando as estacas e saí atrás de porcos-espinhos ou qualquer outra coisa para usar contra a pantera. Eu não estava pensando muito no Sr. Crepsley ultimamente — este mundo hostil concentrava toda a minha atenção —, mas o poço trouxe tudo de volta de forma explosiva. Mais uma vez o vi cair e ouvi seus gritos enquanto morria. Queria abandonar o poço e a pantera, mas eu não tinha essa opção.

Tínhamos que matar o predador para saber aonde ir em seguida, por isso, reprimi o máximo possível os pensamentos sobre o Sr. Crepsley e imergi no trabalho.

Peguei alguns dos cactos mais robustos para usar como mísseis contra a pantera negra e fiz bolas de barro usando folhas e lama fresca de um córrego das redondezas —

esperava que o barro pudesse cegar a pantera temporariamente. Passei muito tempo procurando porcos-espinhos, mas, se houvesse algum por perto, eles deviam estar evitando chamar a atenção sobre si próprios.

Teria que dizer mais tarde para Harkat que estava sem espinhos.

— Deixa para lá — disse ele, sentado na beira do poço que já estava pronto. — Vamos criar uma cobertura para isso e... capturar um veado. Depois disso estaremos no colo... dos deuses.

Montamos uma cobertura fina para o poço, feita de galhos compridos e folhas, a colocamos sobre o buraco e saímos para caçar. Os veados daqui eram menores do que os da Terra e tinham cabeças mais longas. Eles não conseguiam correr tanto quanto seus similares terrestres, mas ainda assim

eram muito velozes. Demorou um bom tempo para que encontrássemos um espécime que estivesse mancando e trazê-lo vivo. Já estava escuro na hora em que o amarramos numa estaca perto do poço, e ambos estávamos cansados depois do dia longo e trabalhoso que tivemos.

— O que acontece se a pantera atacar durante a noite? — perguntei, protegido sob a pele que eu havia despelado de um veado com uma pequena raspadeira de pedra.

— Por que você tem sempre que prever... o pior? — resmungou Harkat.

— Alguém tem que fazê-lo — respondi, rindo. — Será a vez do plano *P*?

— Não — suspirou Harkat. — Se ela vier no escuro será a hora do *NDMT*.

— NDMT? — repeti.

— Nos Demos Mal, Tchau!

Não houve sinal da pantera naquela noite, embora tivéssemos ouvido rosnados profundos, mais próximos do que os rugidos da noite anterior. Assim que amanheceu, tomamos um café-da-manhã ligeiro — bagas que colhemos depois que vimos macacos as comendo — e nos posicionamos no meio da cobertura densa de arbustos, defronte ao veado amarrado e ao poço cheio de estacas. Se tudo seguisse de acordo com o planejado, a pantera atacaria o veado. Com sorte, ela viria do outro lado do poço e cairia em seu interior. Caso contrário, nós pularíamos enquanto ela estivesse arrastando o veado e acreditávamos que conseguiríamos empurrá-la para trás, rumo à sua morte. Não era o plano mais elaborado do mundo, mas teria que dar certo.

Não dissemos nada enquanto os minutos se transformavam em horas, esperando silenciosamente pela pantera. Minha boca estava seca e eu aproveitava para bebericar constantemente das canecas feitas de pele de esquilo (*havíamos substituído os recipientes de pele de lagarto*) que estavam ao meu lado, embora fossem apenas pequenos goles — para evitar muitas idas ao banheiro.

Por volta de uma hora da tarde, coloquei a mão sobre o braço cinzento de Harkat e o apertei para alertá-lo — eu havia visto algo longo e negro no meio das árvores. Ambos prestamos bastante atenção. Enquanto o fazíamos, eu vi a ponta de um focinho bigodudo saindo de trás de uma árvore e farejando o ar para verificar se havia algo por perto — era a pantera. Fiquei com a boca fechada, querendo que a pantera avançasse,

mas depois de alguns segundos hesitantes, ela se virou e se afastou, voltando para a escuridão da selva.

Harkat e eu nos olhamos, com um ar indagador.

— Ela deve ter sentido o nosso cheiro — sussurrei.

— Ou sentido que havia algo de errado — cochichou Harkat de volta. Enquanto levantava levemente a cabeça, ele observou atentamente o veado que pastava perto do poço e sinalizou com um polegar para trás. — Vamos nos afastar um pouco mais. Acho que ela voltará. Se não estivermos aqui, ela pode ficar... tentada a atacar.

— Não teremos uma boa visão se recuarmos ainda mais — observei.

— Eu sei, mas não temos escolha. Ela percebeu que algo está errado. Se ficarmos

aqui, ela também saberá quando... deve voltar, e não se aproximará mais.

Segui Harkat enquanto ele recuava e se enfiava cada vez mais no meio dos arbustos, sem parar até quase chegarmos no fim das roseiras bravas e das trepadeiras. Daqui só dava para ver o veado vagamente.

Uma hora se passou. Duas. Eu estava começando a perder a esperança de que a pantera voltaria, quando o som de uma respiração pesada veio em nossa direção vindo da clareira. Peguei vislumbres do veado pulando de um lado para o outro, tentando se libertar da corda que o prendia. Algo rosnava de um jeito gutural — a pantera. O que era mais promissor, era que os rugidos vinham do lado de lá do poço. Se a pantera atacasse o veado de lá, poderia cair direto em nossa armadilha!

Harkat e eu ficamos imóveis, mal respirando. Ouvimos galhos se partindo enquanto a pantera se aproximava do veado, sem mais disfarçar os barulhos. Então, ouviu-se um estalado alto enquanto um corpo pesado se estatelava sobre a cobertura que escondia o poço e caía pesadamente em cima das estacas. Ouviu-se um uivo feroz, que eu tive que cobrir meus ouvidos com as mãos. Em seguida veio o silêncio, interrompido apenas pelo bater dos cascos do veado no chão, enquanto ele pulava de um lado para o outro, perto da beirada do poço.

Harkat se levantou lentamente e olhou por cima da moita, na direção do poço. Levantei-me e olhei junto com ele. Olhamos um para o outro e falei, receoso:

— Funcionou.

— Parece que você não... esperava por

isso — afirmou Harkat, sorridente.

— Não mesmo — respondi com uma gargalhada e comecei a andar na direção do poço.

— Cuidado — me advertiu Harkat, enquanto erguia uma clava de madeira pesada e cheia de protuberâncias. — Ela ainda pode estar viva. Não há nada mais perigoso do que um animal ferido.

— Ela estaria uivando de dor se estivesse viva.

— Provavelmente — disse Harkat, acenando com a cabeça — mas não precisamos correr... riscos desnecessários. — Tomando a minha frente, ele se moveu para a esquerda e sinalizou para que eu fosse para a direita. Com meu pedaço de osso que lembrava uma faca em riste, dei a volta e me afastei de Harkat, até que lentamente

alcançamos o poço, vindos de direções opostas. Enquanto nos aproximávamos, pegamos um dos pequenos cactos que havíamos amarrado às nossas cinturas — também tínhamos bolas de barro à mão — para jogar como se fossem granadas caso a pantera ainda estivesse viva.

Harkat se aproximou a ponto de poder ver o interior do poço antes de mim e parou, confuso. Enquanto me aproximava, vi o que o havia desconcertado. Também acabei parando, sem saber o que fazer. Havia um corpo empalado nas estacas, com sangue escorrendo de suas inúmeras perfurações. Mas não era o corpo de uma pantera — e sim de um babuíno.

— Não entendi — murmurei. — Macacos não emitem o tipo de rosnados e uivos que ouvimos.

— Mas como... — Harkat parou e dava para ver o medo em seus olhos. — A garganta do macaco! Foi rasgada! A pantera deve...

Ele não pôde prosseguir. Enquanto eu estava chegando à mesma conclusão — a pantera havia assassinado o babuíno e o jogado no poço para nos enganar — deu para ver um borrão em movimento nos galhos superiores da árvore que estava mais próxima de mim. Ao me virar, pude avistar por um breve instante um objeto longo, grosso e completamente negro voando no ar, com garras estendidas e maxilares escancarados — logo a pantera estava sobre mim, rugindo triunfante, enquanto me jogava no chão para me matar!

CAPÍTULO SETE

O rugido foi crucial. Se a pantera tivesse cravado as garras na minha garganta, eu não teria a chance de me salvar. Mas o animal estava excitado — provavelmente por ter sido mais esperto do que nós — e sacudia sua cabeça, rugindo barbaramente enquanto rolávamos. Até que paramos num momento em que a fera poderosa estava sobre mim.

Enquanto ela rugia, Harkat reagiu com

frieza veloz e arremessou um míssil-cacto. Ele poderia ter ricocheteado na cabeça ou nos ombros do animal, mas a sorte dos vampiros estava conosco e o cacto foi parar bem no meio das mandíbulas medonhas da pantera.

O animal perdeu o interesse em mim na mesma hora e balançou bruscamente para o lado, cuspindo e tentando arrancar os espinhos que ficaram presos em sua boca. Arrastei-me para longe, ofegante, em busca da faca que havia deixado cair. Harkat pulou sobre mim enquanto meus dedos se fechavam em torno do cabo do osso, e bateu com sua clava bem na cabeça do felino.

Se a clava fosse feita de um material mais resistente, Harkat teria matado o bicho — ele podia causar imensos danos com a maior parte dos machados ou clavas. Mas a

madeira que ele talhou se mostrou ineficiente para a tarefa e a clava se partiu ao meio assim que se chocou contra o crânio duro da fera.

A pantera urrou de dor e raiva e se virou na direção de Harkat, cuspindo espinhos, enquanto seus dentes amarelos refletiam o brilho do sol da tarde. Ela bateu contra sua cabeça grande e cinzenta e abriu uma ferida profunda no lado esquerdo do seu rosto. Harkat caiu para trás com a força do golpe e o bicho pulou sobre ele.

Eu não tinha tempo para me levantar e dar um bote sobre a pantera — ela já estaria sobre Harkat antes que eu atravessasse a distância que nos separava — por isso arremessei minha faca em sua direção. O osso resvalou de maneira inofensiva nos flancos poderosos da criatura, mas a distraiu e fez a sua

cabeça virar. Harkat aproveitou o ensejo para pegar duas bolas de barro que se dependuravam de seu manto azul. Quando a pantera o encarou novamente, Harkat esfregou as bolas de barro entre seus olhos.

A pantera gritou e virou, se afastando uns 90 graus de Harkat. Ela esfregou seus olhos com a pata esquerda, para limpar a lama. Enquanto estava fazendo isso, Harkat pegou a metade inferior de sua clava quebrada e cravou a extremidade estilhaçada na caixa torácica da pantera. A clava penetrou o corpo da fera, mas apenas levemente, arrancando sangue, mas sem perfurar os seus pulmões.

Isso era demais para a pantera — ela ficou enfurecida. Muito embora não pudesse enxergar direito, ela se jogou sobre Harkat, sibilando e cuspindo, golpeando-o com suas

garras mortais. Harkat saiu do caminho, mas as garras da pantera rasgaram a bainha do seu manto. Antes que o pequenino pudesse se soltar, o predador estava sobre ele, às cegas, enquanto seus dentes rangiam em busca do rosto de seu antagonista.

Harkat abraçou a pantera com força e apertou forte, tentando partir suas costelas ou sufocá-la. Enquanto ele fazia isso, pulei nas costas da fera e ataquei seu focinho e olhos com outro cacto. A pantera pegou-o com os dentes e o arrancou das minhas mãos — quase levando o meu polegar direito junto!

— Saia daí! — dizia Harkat, ofegante, enquanto eu me agarrava aos ombros erguidos da pantera e pegava outro cacto.

— Acho que posso... — comecei a gritar.

— *Fora!* — berrou o pequenino.

Não havia como discutir depois de um

grito como aquele. Larguei a pantera e caí no chão. Enquanto isso, Harkat apertou a fera ainda mais com as mãos, procurando o poço em meio ao sangue verde que brotava de seu grande olho esquerdo. Ao encontrá-lo, ele apertou a pantera que se debatia contra o peito, cambaleou na direção do poço — e se jogou!

— Harkat! — gritei, estendendo a mão automaticamente, como se pudesse agarrá-lo e salvá-lo. A imagem do Sr. Crepsley caindo no poço de estacas da Caverna da Vingança me veio à cabeça, fazendo as minhas entranhas virarem chumbo.

Ouvi um baque medonho e um grito agonizante enquanto a pantera era empalada. Harkat não emitia som algum, o que me fez pensar que ele havia caído sob a pantera e morrido instantaneamente.

— *Não!* — murmurei, num lamento, enquanto me levantava e claudicava rumo à beira do poço. Estava tão preocupado com Harkat que quase caí eu mesmo no poço! Enquanto me erguia sobre a beirada, mexendo os braços, buscando o equilíbrio, ouvi um pequeno gemido e vi a cabeça de Harkat se virando. Ele havia caído sobre a pantera... e estava vivo!

— Harkat! — gritei novamente, desta vez de alegria.

— Ajude-me... a... subir — disse ele, ofegante. As patas da pantera ainda se contraíam, mas não representavam mais uma ameaça. Ela estava se aproximando dos estágios finais de seus espasmos fatais e não teria forças para matar Harkat, mesmo se quisesse.

Deitado de barriga para baixo, estendi o

braço para dentro do poço e dei minha mão à Harkat, mas ele não conseguia alcançá-la. Ele estava deitado em cima da pantera, e embora a criatura — e o babuíno mais abaixo — tivessem recebido o pior que as estacas tinham para oferecer, algumas delas haviam trespassado o meu amigo; algumas nas pernas, duas no estômago e no peito e uma que atravessou a carne de seu braço esquerdo. Os ferimentos nas pernas e no corpo não pareciam tão sérios. O que trespassou o braço era o problema — ele estava preso na estaca e não conseguia erguer a mão direita alto o suficiente para agarrar a minha.

— Espera aí — falei, enquanto procurava por algo que pudesse baixar em sua direção.

— Como se... eu pudesse ir... a alguma parte! — Ouvi-o murmurar sarcasticamente.

Não tínhamos nenhuma corda, mas

havia várias trepadeiras fortes crescendo por perto. Corri para a que estava mais próxima, serrei-a com as minhas unhas, cortando um ramo com cerca de uns dois metros de extensão. Agarrei suas duas extremidades e as puxei com força para testar a resistência. A trepadeira não se partiu com a tensão, por isso voltei ao poço e joguei uma das pontas para Harkat. O pequenino a agarrou com a mão direita que estava livre, esperou que eu segurasse a minha ponta com força, para depois soltar a mão esquerda que estava presa na estaca. Ele ofegava curto e rápido enquanto sua carne deslizava, saindo da madeira que o perfurava. Assim que agarrou a trepadeira, ele se levantou sobre a parede do poço e começou a escalá-la, puxando a trepadeira ao mesmo tempo.

Harkat estava quase no topo quando

seus pés escorregaram. Enquanto suas pernas caíam, percebi que seu peso acabaria nos puxando para baixo se eu continuasse segurando a corda. Soltei-a, rápido como uma serpente, caí de barriga no chão e segurei as mãos de Harkat.

Não consegui pegar suas mãos, mas meus dedos seguraram a manga esquerda de seu manto azul. Ouvi o som terrível de algo se rasgando e achei que o tinha perdido, mas o tecido agüentou e, depois de alguns segundos oscilantes e perigosos, consegui içar o pequenino para fora do poço.

Virando a barriga para cima, Harkat olhou para o céu, e seu rosto cinzento e costurado parecia ainda mais cadavérico do que o normal. Tentei me levantar, mas minhas pernas estavam tremendo, por isso caí ao seu lado e ficamos os dois deitados em silêncio,

respirando pesadamente, intimamente admirados pelo fato de ainda estarmos vivos.

CAPÍTULO OITO

Cuidei de Harkat o melhor que pude, limpando seus ferimentos com água do rio, cortando meu colete em tiras para usar como bandagens. Se eu fosse um vampiro inteiro, poderia ter usado minha saliva para fechar seus cortes, mas como meio-vampiro faltava-me essa capacidade.

Os cortes em seu rosto — onde a pantera o havia golpeado — deviam ter sido

costurados, mas nenhum de nós tinha linhas ou agulhas. Sugeri que improvisássemos e usássemos um osso pequeno e pêlo de animal, mas Harkat rechaçou a idéia.

— Já tenho pontos suficientes — disse ele, sorrindo. — Deixe que ele cicatrize do jeito que quiser. Não dá para ficar mais feio... do que já sou.

— É verdade — concordei e dei uma gargalhada enquanto ele me atingia na nuca. Num instante, fiquei sério novamente. — Se a infecção piorar...

— Olhando para o lado bom da coisa, como sempre — suspirou ele, para depois encolher os ombros. — Se ela piorar, estou acabado... não há... hospitais por aqui. Não nos preocupemos...

Ajudei Harkat a se levantar e voltamos à beira do poço para ver a pantera. Harkat

mancava de um jeito pior do que o normal — ele sempre mancara levemente da perna esquerda — mas afirmou não estar sentindo muita dor. A pantera tinha um metro e meio de comprimento e tinha o corpo bem torneado. Enquanto a contemplávamos, eu mal podia acreditar que a havíamos derrotado numa briga. Não era a primeira vez na vida que eu tinha a impressão de que, se os deuses dos vampiros existiam, eles estavam de olho em mim e me dando uma mão sempre que me via numa situação extremamente difícil.

— Você sabe o que mais... me preocupa? — perguntou Harkat depois de um tempo. — O Sr. Tino disse que a pantera era... a *menor* das nossas preocupações. Isso significa que o pior ainda está por vir!

— Quem está sendo pessimista agora? —

perguntei, bufando.

— Quer que eu desça lá e pegue a pantera?

— Vamos esperar até o amanhecer. Faremos uma bela fogueira, comeremos, descansaremos... e puxaremos a pantera... para cima amanhã.

Isso me parecia razoável, por isso, enquanto Harkat fazia a fogueira, usando pederneiras para criar faíscas — eu matava o veado e o cortava. Antigamente eu poderia deixar o veado fugir, mas os vampiros são predadores. Nós caçamos e matamos sem remorsos, assim como qualquer outro animal da floresta.

A carne, quando a cozinhamos, estava dura, cheia de nervos e intragável, mas a comemos vorazmente, cientes de que éramos felizes por não *sermos* o prato principal

naquela noite.

Desci o poço naquela manhã e tirei a pantera do meio das estacas. Enquanto deixava o babuíno onde estava, ergui a carcaça da pantera para que Harkat a pegasse. Não era tão fácil quanto parecia — a pantera era muito pesada — mas éramos mais fortes do que os humanos, por isso não era uma tarefa das mais árduas.

Examinamos o cadáver negro e cintilante da pantera, perguntando-nos como ele nos diria para aonde ir.

— Talvez tenhamos que abri-la — sugeri. — Deve haver uma caixa ou uma lata em seu interior.

— Vale a pena tentar — concordou Harkat, e rolou o corpo da pantera para que ela ficasse de barriga para cima, mostrando-nos seu estômago liso e macio.

— Espere! — gritei enquanto Harkat se preparava para fazer o primeiro corte. Os pêlos da parte inferior da pantera não eram tão escuros quanto no resto do corpo. Dava para ver a pele esticada do seu estômago — e havia algo desenhado sobre ela! Fiquei procurando no meio das nossas facas provisórias por uma que tivesse um fio longo e reto, e depois raspei os pêlos do estômago da pantera morta. Linhas finas em relevo foram reveladas.

— Isso não passa de quelóide de cicatriz — opinou Harkat.

— Não — discordei. — Olhe para as formas circulares e o jeito como estão dispersas. Foram marcadas deliberadamente. Ajude-me a raspar completamente o estômago.

Não demorou muito tempo para que

raspássemos a pantera e um mapa detalhado se revelasse. Ele deve ter sido marcado na barriga da pantera há muitos anos, talvez quando ela ainda fosse um filhote. Havia um pequeno *X* na extremidade direita do mapa, que parecia indicar a nossa posição atual. Mais para a esquerda havia uma área envolta com um círculo e algo estava escrito em seu interior.

— Vá até a casa do maior sapo do mundo — li em voz alta. — Pegue os globos gelatinosos.

Era tudo o que estava escrito. Li mais algumas vezes e depois ambos trocamos olhares perplexos.

— Tem alguma idéia do que significa “gelatinoso”? — perguntou Harkat.

— Acho que tem algo a ver com gelatina — respondi, incerto.

— Então temos que encontrar o maior... sapo do mundo e pegar globos feitos de gelatina? — Harkat parecia indeciso.

— Estamos lidando com o Sr. Tino — lembrei a ele. — Ele faz piada com tudo. Acho que o melhor que temos a fazer é seguir o mapa daqui até o círculo e nos preocuparmos com o resto assim que chegarmos lá.

Harkat acenou com a cabeça e depois abriu o estômago da pantera com uma faca de pedra afiada, soltando o mapa.

— Ei — interrompi-o. — Deixa comigo, meus dedos são mais ágeis.

Enquanto eu cortava cuidadosamente o contorno do mapa e rasgava a carne da pantera de dentro para fora, Harkat dava voltas em torno da fera morta, murmurando algo sem parar. Enquanto eu removia a pele da pantera que ainda estava presa ao mapa e

limpava a parte de dentro com um pedaço de mato, Harkat parou.

— Você se lembra do Sr. Tino dizendo que havia... acrescentado uma pista para a minha identidade? — perguntou.

Projetei meus pensamentos na direção do passado.

— Sim. Talvez seja esse o significado da mensagem dentro do círculo.

— Duvido muito. Quem quer que eu tenha sido antes de morrer, tenho plena... certeza de que não fui um sapo!

— Talvez tenha sido um príncipe sapo — sugeri, rindo.

— Ah, muito engraçado. Estou certo de que o que está escrito não tem nada... a ver comigo. Deve haver algo a mais.

Examinei a pantera morta.

— Se você quiser remexer as entranhas

do bicho, fique à vontade. Fico contente com o mapa.

Harkat se agachou ao meu lado e arqueou os seus dedos curtos, grossos e cinzentos, na intenção de rasgar as vísceras da pantera. Resolvi me afastar, pois não queria ajudá-lo naquela tarefa suja. Enquanto o fazia, meus olhos se voltaram para a boca da pantera. Seus lábios cobriam seus dentes como num rosnado morto e congelado. Coloquei a mão sobre o braço esquerdo de Harkat e disse suavemente:

— Veja.

Quando Harkat viu para onde eu estava apontando, ele se aproximou da boca da pantera e ergueu seus lábios duros, com o intuito de deixar as presas à mostra. Havia pequenas letras pretas gravadas em grande parte dos dentes da criatura — um A, um K,

um M e outras.

— Isso! — Harkat grunhiu de satisfação. — Deve ser isso.

— Vou erguer a cabeça do bicho para que você possa ler toda a...

Mas antes que eu terminasse, Harkat já havia pego um dos maiores dentes da pantera e atacou sua gengiva com a faca que trazia na mão direita. Vi que ele estava com a idéia fixa de extrair todos os dentes, por isso o deixei sozinho enquanto arrancava um a um.

Quando Harkat terminou, ele levou os dentes para o córrego para lavá-los, limpando-os do sangue. Quando voltou, o pequenino espalhou os dentes no chão e agachamos para tentar decifrar o mistério. Havia onze dentes ao todo, que traziam vári-as letras entalhadas. Arrumei-os em ordem

alfabética para que pudéssemos ver exatamente o que tínhamos. Havia dois “A”, além das letras D, H, K, L, M, R, S, T e U.

— Temos que escrever… uma mensagem com elas — disse Harkat.

— Onze letras — afirmei, enquanto pensava. — Não pode ser uma mensagem muito longa. Vamos ver o que conseguimos. — Fiquei mudando as letras de posição e consegui formar MAR DUSK LA — deixando duas letras de fora, o H e o T — mas parecia não haver nenhum mar chamado “Dusk” ao longe.

Harkat fez uma tentativa e obteve RUA SLAMKT DH, o que também não fazia nenhum sentido.

Enquanto eu mudava as letras de posição mais uma vez, Harkat suspirou, me empurrou para o lado e começou a pôr os

dentes na ordem certa de propósito.

— Já conseguiu resolver? — perguntei, um pouco chateado por ele ter me agredido sem eu ter feito nada.

— Sim, mas não se trata de uma pista... é só o convencido... do Sr. Tino. — Ele terminou de dispor os dentes corretamente e acenou na direção deles, amargamente... HARKAT MULDS.

— Por que ele fez isso? — resmunguei. — Isso é uma perda de tempo.

— O Sr. Tino adora brincar com o tempo — suspirou Harkat, para depois envolver os dentes com um pedaço de pano e enfiá-los por dentro de sua manta.

— Por que você quer ficar com eles?

— Eles são afiados. Podem vir a ser úteis. — Harkat se levantou e foi até onde o mapa estava secando ao sol. — Será que

poderemos usar isso? — perguntou, enquanto examinava as linhas e os rabiscos.

— Se for preciso.

— Então vamos embora — disse Harkat, enquanto enrolava o mapa e o enfiava dentro do manto junto com os dentes. — Estou ansioso para encontrar o maior... sapo do mundo. — Ele olhou para mim e sorriu. — É para ver se ele se parece... com alguém da família.

Rindo, levantamos acampamento rapidamente e partimos em meio às árvores, na ânsia de deixar para trás as nuvens de moscas e insetos variados que se juntavam para se deleitar com o cadáver do senhor da floresta recém-derrotado.

CAPÍTULO NOVE

Cerca de três semanas depois, chegamos na beira de um enorme pântano — a área marcada no mapa pelo círculo. Foi uma jornada relativamente tranqüila. O mapa fora desenhado com riqueza de detalhes e era fácil de ser seguido. Embora o terreno fosse traiçoeiro e difícil de ser transposto — havia inúmeros arbustos fibrosos para transpor — ele não oferecia nenhum tipo de problema

que implicasse em risco de vida. Os ferimentos de Harkat sararam sem complicações, mas ele acabou ficando com três cicatrizes bem aparentes no lado esquerdo do rosto — quase como se tivesse sido marcado por um vampixiita especialmente impetuoso!

Um mau cheiro de água fétida e plantas apodrecidas emanava do pântano. O ar estava denso por causa dos insetos voadores. Assim que paramos e resolvemos olhar em volta, avistamos duas cobras d'água atacando, matando e devorando um rato enorme com quatro olhos amarelos.

— Não gosto disso — murmurei.

— Você ainda não viu o pior — disse Harkat, apontando para uma ilhota à nossa esquerda, que se projetava das águas do pântano. Não dava para ver do que ele estava

falando a princípio — à exceção de três toras grandes, a ilha estava vazia — mas um dos “troncos” se movia.

— Jacarés! — falei, sibilando.

— A notícia é muito ruim para *você* — disse Harkat.

— Por que para mim em especial?

— *Eu* briguei com a pantera — respondeu ele, sorrindo. — Os jacarés são *seus*.

— Você possui um senso de humor distorcido, Mulds — murmurei, para depois me afastar da beira do pântano. — Vamos dar a volta e tentar encontrar o sapo.

— Você sabe que isso não vai acontecer... nos arredores. Teremos que entrar na água.

— Eu sei — suspirei — mas vamos pelo menos tentar encontrar uma entrada que não esteja guardada por jacarés. Não iremos

muito longe se eles aparecerem bufando na nossa frente.

Percorremos a margem do pântano por horas a fio, sem ver ou ouvir sapo algum, embora tivéssemos encontrado diversas rãs marrons e pequenas. Vimos muitos outros jacarés e cobras também. Até que, finalmente, chegamos num local onde não havia predadores à vista. A água era rasa e um pouco menos acre do que em outros lugares. Era um lugar tão bom quanto qualquer um para molharmos nossos dedos dos pés.

— Gostaria de ter as botas de cano alto... do Sr. Tino — resmungou Harkat, enquanto amarrava a bainha de seu manto azul acima dos joelhos.

— Eu também — suspirei, enquanto arregaçava as calças. Parei quando estava prestes a colocar os pés dentro d'água. —

Acabei de pensar numa coisa. Esse trecho do pântano pode estar cheio de piranhas... deve ser por isso que não há jacarés e cobras por perto!

Harkat me encarou com algo parecido com aversão em seus olhos verdes e redondos.

— Por que você não guarda pensamentos idiotas... como esse para si próprio? — vociferou.

— Estou falando sério — insisti. Abaixei-me de quatro e fiquei olhando para as águas calmas do pântano, mas o cenário estava muito nebuloso para que eu pudesse ver alguma coisa.

— Acho que as piranhas só atacam quando... sentem o cheiro de sangue — disse Harkat. — Se houver piranhas, deveríamos... ficar tranqüilos, a não ser que nos cortemos.

— É em momentos assim que eu realmente odeio o Sr. Tino — resmunguei. Mas como não havia nada a perder, entrei dentro do pântano. Parei, preparando-me para pular ao menor sinal de uma mordida, e depois segui cautelosamente dentro d'água. Harkat vinha logo atrás.

Algumas horas mais tarde, enquanto o crepúsculo se estendia, encontramos uma ilha desabitada. Harkat e eu saímos de dentro da água pantanosa e caímos, exaustos. Logo adormecemos. Eu protegido pela coberta de pele de veado que vinha usando nas últimas semanas, Harkat sob o mapa de carne que havíamos arrancado da barriga da pantera. Mas não dormimos profundamente. O pântano parecia estar vivo tamanha era a quantidade de ruídos — insetos, rãs e os

borrifos eventuais não identificados.

Estávamos tremendo e com os olhos embaçados quando acordamos na manhã seguinte.

Uma boa coisa em relação àquele pântano imundo era que o nível da água permaneceu relativamente baixo. De vez em quando pisávamos numa depressão enquanto eu ou nós dois afundávamos e desaparecíamos sob a água escura, apenas para emergir balbuciando palavrões instantes depois. Mas, na maior parte do tempo, a água não batia nas nossas coxas. Outro bônus do qual usufruíamos era que, embora o pântano estivesse fervilhando de insetos e sanguessugas, eles não nos incomodavam — nossa pele era, obviamente, muito resistente e nosso sangue um tanto desagradável.

Evitávamos os jacarés, circundando-os e

guardando uma boa distância deles sempre que os víamos. Embora fôssemos muitas vezes atacados por cobras, éramos rápidos e fortes demais para elas. Mas tínhamos que ficar em estado de alerta constante — um escorregão poderia ser o nosso fim.

— Até agora nenhuma piranha — observou Harkat enquanto descansávamos. Havíamos seguido em meio a uma longa fiada de bambus altos, cheios de sementes pegajosas e irritantes, que haviam grudado no meu cabelo e nas minhas roupas.

— Em casos como esse, fico feliz por estar errado.

— Pode ser que fiquemos meses... procurando por esse sapo — comentou Harkat.

— Não creio que vá demorar tanto tempo. Pela lei das probabilidades, deveria levar eras até localizarmos algo tão específico

num pântano deste tamanho. Mas o Sr. Tino tem um jeito especial de burlar as regras. Ele quer que encontremos o sapo, por isso tenho certeza de que o acharemos.

— Se é o caso — refletiu Harkat — talvez devêssemos... não fazer nada e esperar o sapo... vir a nós.

— A coisa não funciona assim — afirmei. — O Sr. Tino armou tudo isso, mas temos que suar a camisa para fazer acontecer. Se ficássemos sentados na beira do pântano — ou se não tivéssemos seguido para o oeste quando ele mandou — teríamos nos esquivado do jogo e não estaríamos mais sob sua influência — o que significa que ele não poderia fazer com que as coisas corressem a nosso favor.

Harkat me observou, curioso.

— Você tem pensado muito... nisso —

salientou.

— Não tem muita coisa para se fazer neste mundo abandonado por Deus — respondi, rindo.

Enquanto dava petelecos nas últimas sementes, descansamos mais alguns minutos e depois prosseguimos, em silêncio e com as caras amarradas, andando no meio das águas escuras, de olho em potenciais predadores, enquanto avançávamos ainda mais na direção do centro do pântano.

Enquanto o sol se punha, um coaxo, que parecia ter saído do fundo da garganta, ecoou em nossa direção, vindo do meio de uma ilha coberta por arbustos densos e árvores retorcidas. Soubemos na mesma hora que se tratava do nosso sapo, da mesma forma que havíamos reconhecido a pantera na mesma

hora pelo seu rugido. Quando estávamos quase chegando na ilha, paramos para pensar em nossas alternativas.

— O sol se porá em alguns... minutos — disse Harkat. — Talvez devêssemos esperar pelo... amanhecer.

— Mas a lua estará quase cheia hoje à noite — salientei. — Essa pode ser uma hora tão boa quanto qualquer outra para entrar em ação — luminosa o bastante para enxergarmos tudo, mas escura o suficiente para mantermos a discrição.

Harkat me encarou de um jeito esquisito.

— Você parece que está com... medo desse sapo.

— Lembra-se das rãs de Evanna? — perguntei, referindo-me a um grupo de anfíbios que ficavam de guarda na casa da bruxa.

Elas possuíam bolsas de veneno nas laterais de suas línguas, que era mortal caso caísse na sua corrente sanguínea. — Sei que se trata de um sapo, não de uma rã, mas seríamos tolos se tivéssemos certeza.

— O.K. — devolveu Harkat. — Vamos entrar quando a lua estiver no alto. Se não gostarmos... das aparências, poderemos voltar amanhã.

Agachamo-nos na beira da ilha enquanto a lua subia e iluminava o céu noturno. Então, depois que sacamos nossas armas — uma faca para mim, uma lança para Harkat —, seguimos rasgando as folhas úmidas e dependuradas, rastejando lentamente por entre as várias árvores e plantas. Depois de alguns minutos, alcançamos uma clareira no centro da ilha, onde paramos debaixo de um arbusto e olhamos pasmados para a vista

espetacular que havia à nossa frente.

Um vasto fosso circundava uma barragem de lama e bambus em curva. A esquerda e à direita da vala, havia jacarés à espreita, quatro ou cinco de cada lado. No meio da barragem estava o sapo — e era um *monstro*! Dois metros de comprimento, com um corpo gigantesco cheio de protuberâncias, uma cabeça imensa, olhos salientes e uma boca enorme. Sua pele era escura, enrugada e tinha uma coloração marrom-esverdeada. Além disso, estava cheia de bexigas, e dos buracos escorria uma espécie de pus viscoso e amarelado. Sanguessugas pretas e grandes rastejavam pela sua pele, como se fossem sinais de nascença móveis que se alimentavam do pus.

Enquanto olhávamos incrédulos para o sapo gigante, um pássaro que mais se parecia

com um corvo o sobrevoava. A cabeça do sapo se ergueu levemente, sua boca se abriu, e dela se projetou uma língua inacreditavelmente longa e grossa que pegou a ave no ar. Ouviu-se um grasnido e um bater de asas agitado. Depois disso, o corvo desapareceu enquanto a mandíbula do anfíbio se movia para cima e para baixo ao engolir o pássaro infeliz.

Fiquei tão perplexo com a aparição do sapo, que não notei as bolinhas claras que o cercavam. Foi só depois que Harkat bateu no meu braço e apontou, que percebi que o bicho estava sentado sobre o que deviam ser os tais "globos gelatinosos". Teríamos que cruzar o fosso e roubar os globos que estavam sob o animal!

Recolhemo-nos e nos aconchegamos nas sombras dos arbustos e árvores para resolver

qual seria o nosso próximo passo.

— Sabe do que precisamos? — sussurrei.

— Do quê?

— Do maior pote de geléia do mundo.

Harkat suspirou.

— Fala sério — repreendeu-me o pequenino. — Como vamos pegar os... globos sem que aquela coisa arranque as nossas cabeças?

— Teremos que vir de trás e esperar que ela não note. Estava observando sua língua quando ela se lançou contra o corvo. Não avistei nenhuma bolsa de veneno nas laterais.

— E quanto aos jacarés? — perguntou Harkat. — Eles estão esperando para atacar o sapo?

— Não. Acho que o estão protegendo ou vivendo em harmonia com ele, assim como as sanguessugas.

— Nunca ouvi falar de jacarés que faziam isso — observou Harkat, descrente.

— E *eu* nunca ouvi falar de um sapo maior do que uma vaca — retruquei. — Quem vai saber como funciona esse mundo louco em que estamos? Talvez todos os sapos sejam desse tamanho por aqui.

O melhor que podíamos fazer era distrair o monstro, dar uma carreira, pegar os globos e sair fora — rápido! Enquanto recuávamos para a beira da ilha, ficamos andando no meio do pântano à procura de algo que pudéssemos usar para distrair os jacarés. Matamos uns dois ratos-almiscarados e capturamos três criaturas vivas diferentes de tudo que já havíamos visto. Tinham a forma de tartarugas, exceto pelos cascos transparentes e delicados, e nove vigorosas nadadeiras. Eram inofensivas — a velocidade

era a sua única defesa natural. Só conseguimos pegá-las quando ficaram presas em ervas daninhas numa barragem de lama, enquanto as perseguíamos.

Assim que voltamos para a ilha, nos arrastamos na direção do sapo monstruoso no centro e paramos no meio dos arbustos.

— Andei pensando — sussurrou Harkat. — Faz mais sentido que só um de nós vá até onde o sapo está. O outro deve se ater aos... ratos e tartarugas, e jogá-los na direção... dos jacarés para dar cobertura.

— Isso me parece sensato — concordei. — Alguma idéia de quem poderia entrar?

Esperei que Harkat se oferecesse, mas ele sorriu encabulado e disse:

— Acho que *você* devia ir.

— Hã? — respondi, momentaneamente desconcertado.

— Você é mais rápido do que eu. E tem uma chance maior de... voltar com vida. Claro, se você... não quiser...

— Não seja estúpido — resmunguei. — Eu o farei. Só me garanta que vai manter esses jacarés ocupados.

— Farei o melhor possível — disse Harkat, antes de fugir pela esquerda, a fim de encontrar a posição ideal para arremessar os ratos e as criaturas parecidas com tartarugas.

Fui andando, abrindo caminho, até ficar pelas costas do sapo, para que pudesse andar furtivamente na sua direção sem ser visto, e segui em ziguezague até a beira do fosso. Havia um galho caído por perto, o qual enfiei dentro d'água para testar sua profundidade. Não parecia fundo. Eu estava certo de que poderia andar submerso os seis ou sete

metros na direção da base onde o sapo estava.

Ouvi um farfalhar à minha esquerda e uma das criaturas parecidas com tartarugas passou voando, caindo no meio dos jacarés bem à direita. Um dos ratos mortos foi rapidamente lançado na direção dos outros jacarés à esquerda do fosso. Assim que os répteis começaram a morder uns aos outros enquanto brigavam pelos pedacinhos, abaixei-me dentro da água fria e viscosa. Ela estava cheia de galhos encharcados, insetos mortos e muco que saía das chagas do sapo. Ignorei aquela nojeira repulsiva e andei até onde o anfíbio estava agachado, cujos olhos estavam fixos nos jacarés que brigavam.

Havia alguns globos parecidos com geléia perto da beira do poleiro do sapo. Peguei uns dois deles, na intenção de enfiá-

los dentro da camisa, mas suas cascas moles se quebraram. Ambos perderam a forma e um fluido claro e pegajoso escorreu deles.

Olhei para cima e vi outra tartaruga voando, seguida por um segundo rato morto. Isso significava que Harkat só tinha mais uma tartaruga. Eu tinha que agir rápido. Arrastando-me na direção da barragem, acabei alcançando os globos luminosos que estavam mais perto do sapo gigante. A maior parte deles estava coberta de pus. Eram quentes, tinham a textura de vômito e o fedor estava me deixando enjoado. Prendi a respiração, tirei o pus de cima e encontrei um globo que não estava quebrado. Examinei cuidadosamente as cascas e encontrei outro e mais outro. Os globos eram de tamanhos diferentes, alguns tinham apenas cinco ou seis centímetros de diâmetro e

outros tinham vinte. Enfiei rapidamente vários globos dentro da minha camisa. Já havia catado uma boa quantidade deles, quando a cabeça do sapo se virou e me vi alvejado pelo seu olhar fixo, ameaçador e saliente.

Reagi na mesma hora. Virei-me e saí tropeçando na direção da ilha, atravessando o fosso. Enquanto eu fugia em busca de segurança, o sapo esticou sua língua e me atingiu com força no ombro direito, derrubando-me no chão. Levantei ofegante, cuspindo água e pedaços de geléia e pus. O sapo me atacou com sua língua novamente, acertou o topo da minha cabeça e me fez voar mais uma vez. Enquanto eu me erguia de dentro d'água, pasmado, avistei diversos objetos deslizando sobre o fosso além da barragem. Perdi todo o interesse no sapo e em

sua língua. Havia uma ameaça muito maior para me preocupar. Os jacarés haviam terminado de devorar os refugos que Harkat havia arremessado em sua direção. E agora estavam vindo atrás de comida fresca — *eu!*

CAPÍTULO DEZ

Dei as costas para os jacarés e estendi a mão na direção do banco de areia. Poderia ter conseguido se o sapo não tivesse me atingido novamente com sua língua, desta vez envolvendo minha garganta com a sua ponta e virando-me em sua direção. O sapo não tinha forças suficientes para me puxar de volta para a barragem, mas eu caí perto dela. Enquanto me levantava, ofegante, avistei o

primeiro dos jacarés a investir sobre mim e percebi que jamais conseguiria chegar na margem a tempo.

Levantei-me e me preparei para desafiar o réptil. Minha intenção era apertar suas mandíbulas e mantê-las fechadas — ele não poderia fazer muita coisa com suas pequenas patas dianteiras. Mas mesmo que, supostamente, eu pudesse fazer isso, não teria como lidar com o resto do bando, que vinha rapidamente no rastro do colega que veio na frente.

Avistei Harkat caindo dentro d'água, correndo para me ajudar, mas a luta já estaria terminada há tempos quando ele me alcançasse. O primeiro jacaré caiu sobre mim, com os olhos reluzindo cruelmente, o focinho se erguendo enquanto ele mostrava os caninos — tantos! tão longos! tão afiados! —

prontos para me triturar. Abri os braços para começar a fechar sua boca...

... quando, na margem à minha direita, uma figura apareceu e gritou algo ininteligível enquanto agitava suas mãos no ar.

Houve um clarão relampejante e luminoso no céu. Instintivamente, cobri meus olhos com as mãos. Quando as removi, alguns segundos depois, vi que o jacaré havia errado o bote que daria sobre mim e ficou imobilizado na margem. Os outros jacarés estavam todos desnorteados, nadando em círculos e batendo um no outro. Na barragem, o sapo havia abaixado a cabeça e coaxava profundamente, sem prestar nenhuma atenção em mim.

Desviei meu olhar dos jacarés para Harkat — ele havia parado, confuso — e para a figura que estava no baixio. Assim que

abaixou os braços, vi que se tratava de uma pessoa — uma mulher! E enquanto ela andava para frente, saindo das sombras das árvores, revelando seu cabelo longo e desgrenhado e os laços que envolviam o seu corpo, eu a reconheci.

— *Evanna?* — berrei, incrédulo.

— Essa intervenção foi precisa, até mesmo para os meus padrões — resmungou a bruxa, que parou na beira do fosso.

— *Evanna?* — gritou Harkat.

— Isso foi um eco? — respondeu a feiticeira, torcendo o nariz, para depois olhar em volta na direção dos jacarés e do sapo. — Invoquei um encanto para que as criaturas ficassem cegas temporariamente, mas não vai durar muito. Se vocês dão valor às suas vidas, saiam daí, e rápido!

— Mas como... o quê... para onde... —

gaguejei.

— Vamos falar sobre isso em... terra seca — disse Harkat, enquanto atravessava o fosso para se juntar a mim, desviando cuidadosamente dos jacarés que se agrediam mutuamente. — Você pegou os globos?

— Sim — respondi, enquanto tirava um deles de dentro da minha camisa. — Mas como foi que ela...

— Mais tarde — vociferou Harkat, enquanto me empurrava para um lugar mais seguro.

Segurando-me para não fazer perguntas, cambaleei até a margem e me arrastei para fora da água imunda do fosso. Evanna me puxou pela parte de trás da camisa e me fez levantar, depois pegou Harkat pelo manto e o levantou também.

— Vamos — disse ela, enquanto batia em

retirada. — É melhor não estarmos aqui quando a visão deles clarear. Aquele sapo é muito perigoso e pode vir pulando atrás de nós.

Harkat e eu paramos para pensar no que aconteceria se um sapo daquele tamanho caísse sobre nós. Mas logo corremos atrás da bruxa que fugia, o mais rápido que nossas pernas fatigadas podiam nos carregar.

Evanna havia montado seu acampamento numa ilhota gramada a algumas centenas de metros da ilha do sapo. Havia uma fogueira acesa quando saímos rastejando do pântano, e um ensopado de vegetais borbulhando em cima, numa panela. Uma muda de roupa estava à nossa espera, um manto azul para Harkat, e calças marrom-escuras e uma camisa para mim.

— Livrem-se desses farrapos molhados, sequem-se e vistam-se — ordenou Evanna, enquanto ia dar uma olhada no ensopado.

Harkat e eu tiramos os olhos de cima da bruxa e nos voltamos para o fogo e para as roupas.

— Isso provavelmente soará como uma pergunta idiota, mas você estava nos esperando? — indaguei-a.

— É claro — respondeu Evanna. — Estou aqui desde a semana passada. Imaginava que vocês fossem demorar mais tempo para chegar, mas não queria correr o risco de perdê-los de vista.

— Como você sabia que... estávamos a caminho? — perguntou Harkat.

— Por favor — suspirou Evanna. — Vocês sabem que tenho poderes mágicos e a capacidade de prever eventos futuros. Não

me perturbem com perguntas desnecessárias.

— Então nos diga por que está aqui — encorajei-a a falar. — E por que nos salvou. Pelo que me lembro, você sempre disse que não poderia se envolver em nossas batalhas.

— Não na sua luta contra os vampixiitas — respondeu Evanna. — Quanto a jacarés e sapos, eu tenho carta branca. Agora, por que vocês não tiram essas roupas molhadas e comem um pouco deste delicioso ensopado antes de me importunarem com mais algumas das suas perguntas detestáveis?

Como era desconfortável ficar ali em pé molhado e esfomeado, seguimos o conselho da bruxa. Depois de uma rápida refeição, enquanto ainda lambíamos os dedos, perguntei a Evanna se ela podia nos dizer onde estávamos.

— Não — respondeu a bruxa.

— Você poderia transportar Darren... de volta para casa? — perguntou Harkat.

— Não vou a lugar algum! — opus-me na mesma hora.

— Você acabou de escapar por pouco de ser... devorado por jacarés — resmungou Harkat. — Não vou mais deixar que você arrisque... a sua vida...

— Esse argumento é totalmente fora de propósito — interrompeu Evanna. — Não tenho forças para transportar nenhum de vocês de volta.

— Mas *você* conseguiu... vir para cá — argumentou Harkat. — Deve ter condições de... retornar.

— As coisas não são tão simples quanto parecem — disse Evanna. — Não posso explicá-las sem revelar fatos que tenho que

manter em segredo. Tudo que direi é que não cheguei aqui da mesma maneira que vocês, e que não posso abrir um portal entre a realidade que conhecem e esta daqui. Só Desmond Tino pode.

Não fazia sentido continuar a questioná-la — não dava para arrancar da bruxa, assim como do Sr. Tino, algumas coisas — por isso desencanei. — Você pode nos falar alguma coisa sobre a busca que estamos fazendo? — perguntei, enfim. — Para onde temos que ir depois ou o que temos que fazer?

— Posso lhes dizer que vou agir como guia na próxima etapa da sua aventura. Foi por isso que intervi... como faço parte da sua busca, posso exercer um papel ativo nela, pelo menos por enquanto.

— Você vem conosco? — bradei, feliz por ter alguém para nos mostrar o caminho.

— Sim — respondeu Evanna, sorrindo — mas só por pouco tempo. Ficarei com vocês durante dez, onze dias talvez. Depois disso, vocês estarão por conta própria. — Ela se levantou e começou a se afastar. — Agora podem descansar. Nada perturbará o sono de vocês. Voltarei à tarde e partiremos.

— Para onde? — perguntou Harkat. Mas, se a bruxa escutou, ela não se incomodou em responder, e segundos depois já havia sumido. Como não havia mais nada que pudéssemos fazer, Harkat e eu fizemos camas rudes no mato, deitamos e dormimos.

CAPÍTULO ONZE

Depois do café da manhã, Evanna nos conduziu para fora do pântano e para o sul, no intuito de atravessar um terreno duro e estéril. Não era tão sem vida quanto o deserto que havíamos cruzado, mas poucas coisas cresciam naquele solo avermelhado e os animais tinham a pele dura e eram ossudos.

Ao longo dos dias e das noites que se seguiram, sondamos a bruxa, de um jeito

dissimulado, em busca de pistas sobre o lugar em que estávamos, quem Harkat fora, para que serviam os globos gelatinosos, e o que estava por vir. Transformamos as perguntas em conversas corriqueiras, na esperança de pegar Evanna desprevenida. Mas ela era esperta como uma víbora e não deixava escapar nada.

Apesar de sua incômoda relutância em revelar alguma coisa relativa à nossa situação, a feiticeira era uma companheira de viagem muito bem-vinda. Ela arrumava toda noite nossas acomodações para dormir — a bruxa conseguia montar um acampamento numa questão de segundos — e nos dizia o que podíamos e não podíamos comer (*muitos dos animais e plantas eram venenosos ou indigeríveis*). Ela também contava histórias e cantava canções para nos entreter

durante as longas e penosas horas de caminhada.

Perguntei-a diversas vezes como ia a Guerra das Cicatrizes e o que Vancha March e os outros Príncipes e Generais estavam fazendo. Ela simplesmente balançou a cabeça, negando-se a responder tais perguntas e disse que não era hora de fazer nenhum comentário.

Falávamos freqüentemente sobre o Sr. Crepsley. Evanna conhecia o vampiro há muito mais tempo do que eu e me falava sobre a sua juventude. Sentia-me triste falando sobre meu amigo perdido, mas era um tipo de tristeza calorosa, não a penúria e a frieza que experimentei nas semanas que se sucederam à sua morte. Uma noite, enquanto Harkat dormia e roncava em alto e bom som (*Evanna havia confirmado algo*

de que ele já havia suspeitado — aqui o pequenino conseguia respirar — e que o levou a dispensar a máscara), perguntei a Evanna se era possível se comunicar com o Sr. Crepsley.

— O Sr. Tino tem a capacidade de falar com os mortos — afirmei. — Você consegue?

— Sim — disse ela —, mas só podemos falar com aqueles cujos espíritos permanecem presos à Terra depois que morrem. A maior parte das almas das pessoas vai embora — embora ninguém saiba ao certo para onde vão, nem mesmo o meu pai.

— Então você não pode entrar em contato com o Sr. Crepsley? — perguntei.

— Graças aos deuses, não — respondeu a bruxa, com um sorriso. — Larten deixou o mundo físico para sempre. Fico feliz ao pensar que ele está ao lado de Arra

Barbatanas e de seus outros entes amados no Paraíso, à espera dos seus outros amigos.

Arra Barbatanas era uma vampira. Ela e o Sr. Crepsley foram “casados”. Ela morreu quando um traidor dos vampiros — Kurda Smahlt — facilitou as coisas para que um bando de vampixiitas entrasse sorrateiramente na Montanha dos Vampiros. Pensar em Arra e Kurda me fez refletir sobre o passado, por isso perguntei a Evanna se haveria alguma maneira de evitar a sangrenta Guerra das Cicatrizes.

— Se Kurda tivesse nos falado sobre o Senhor dos Vampixiitas, isso teria feito alguma diferença? Ou o que aconteceria se ele tivesse se tornado um Príncipe, assumisse o controle da Pedra de Sangue e forçasse os Generais a se submeterem aos vampixiitas? Será que o Sr. Crepsley estaria vivo? E Arra?

E todos os outros que morreram na guerra?

Evanna suspirou profundamente.

— O tempo é como um quebra-cabeça — disse ela. — Imagine uma caixa gigante com bilhões de peças de milhões de quebra-cabeças. Isso é o futuro. Atrás dela está um enorme tabuleiro, parcialmente preenchido com pedaços de um quebra-cabeça completo... que é o passado. Aqueles que estão no presente vão cegamente na caixa do futuro toda vez que têm uma decisão a tomar, pegam uma peça e a colocam num lugar do tabuleiro. Assim que uma peça é adicionada, ela influencia a forma e o desenho final do quebra-cabeça, e é inútil tentar imaginar como o quebra-cabeça ficaria se uma peça diferente tivesse sido escolhida. — Ela fez uma pausa.

— A não ser que você seja Desmond

Tino. Ele passa a maior parte do tempo refletindo sobre o jogo e contemplando padrões alternativos.

Pensei nisso durante um bom tempo antes de me pronunciar novamente.

— O que você está dizendo é que não há sentido em se preocupar com o passado porque não podemos mudá-lo?

— Basicamente — respondeu a bruxa, acenando com a cabeça, para depois se inclinar, enquanto o olho verde brilhava intensamente e o castanho cintilava pesadamente.— Um mortal é capaz de enlouquecer sozinho pensando na natureza do quebra-cabeça universal. Preocupe-se apenas com os problemas do presente que você vai ficar bem.

Era uma conversa estranha, para a qual eu voltava freqüentemente, não só naquela

noite em que estava tentando dormir, mas durante os momentos mais tranqüilos das semanas de prova que tínhamos pela frente.

Onze dias depois que Evanna me salvou das mandíbulas do jacaré, chegamos na beira de um lago imenso. A princípio achei que se tratava de um mar — não dava para enxergar o outro lado — mas quando provei a água, achei-a fresca, embora muito amarga.

— É aqui que eu os deixarei — disse Evanna, olhando por sobre a água azul-escura, e depois se voltando para o céu cheio de nuvens. O tempo mudara ao longo da nossa jornada — agora, nuvens e chuva eram o padrão.

— Como se chama o lago? — perguntou Harkat, que assim como eu nutria a esperança de que se tratasse do Lago das Almas,

embora ambos soubéssemos em nossos corações que não era o caso.

— Ele não tem nome — respondeu Evanna. — É uma formação relativamente nova e os seres sensitivos deste planeta ainda precisam descobri-lo.

— Você está querendo dizer que há gente aqui? — perguntou Harkat na mesma hora.

— Sim — respondeu a feiticeira.

— Por que ainda não vimos ninguém? — indaguei.

— Este é um planeta grande — disse Evanna — mas as pessoas são poucas. Você pode vir a dar de cara com algumas delas antes da sua aventura se aproximar do fim, mas não desviem da sua meta... Vocês estão aqui para descobrir a verdade sobre Harkat, não para pular com os nativos. Agora, vocês

querem ajuda para construir uma balsa ou preferem fazer tudo sozinhos?

— Para que vamos precisar de uma balsa? — perguntei.

Evanna apontou para o lago.

— Vocês têm três chances para adivinhar, sabichões.

— Não daria para contorná-lo a pé? — perguntou Harkat.

— Sim, mas eu não os aconselho a fazer isso.

Suspiramos. Quando Evanna dizia algo assim, sabíamos que não tínhamos muita escolha.

— Como a construiremos? — perguntei. — Já faz alguns dias que eu não vejo árvore nenhuma.

— Estamos perto dos destroços de um bote — afirmou Evanna, enquanto seguia

para a esquerda. — Podemos encontrá-lo e usar a madeira.

— Achei que você tinha dito que nenhuma das... pessoas daqui havia encontrado este lago — afirmou Harkat, mas se a bruxa ouviu a indagação, não lhe deu a menor atenção.

Depois de andarmos cerca de um quilômetro pela margem pedregosa do lago, encontramos os restos embranquecidos de um pequeno bote de madeira. As primeiras tábuas que retiramos estavam podres e encharcadas, mas havia tábuas mais resistentes embaixo. Nós as colocamos numa pilha bem arrumada, selecionando-as por comprimento.

— Como iremos atá-las? — perguntei quando estávamos prontos para começar a construir a embarcação. — Não temos

nenhum prego. — Enxuguei minha testa molhada da água da chuva, que caía sem parar há uma hora.

— Quem construiu o bote usou lama para juntar as tábuas — observou Evanna. — Ele não tinha pregos ou cordas, e nem a menor intenção de navegar com o barco... só o fez para se manter ocupado.

— A lama não vai manter o bote inteiro assim que... entrarmos dentro d'água — comentou Harkat, incerto.

— É verdade — disse Evanna com um sorriso afetado. — E por isso que vamos amarrar as tábuas com cordas bem apertadas. — A bruxa se agachou e começou a desenrolar os lenços que ela mantinha presos ao corpo.

— Você quer que viremos o rosto para o lado? — perguntei.

— Não é preciso — respondeu ela, rindo.

— Não pretendo me despir totalmente!

A bruxa desenrolou de si uma corda incrivelmente longa, que tinha dezenas de metros de comprimento, contudo os lenços que a envolviam não diminuíram, e ela estava discretamente coberta quando parou e ficou do mesmo jeito que estava.

— Pronto! — resmungou ela. — Isso deve bastar.

Passamos o resto do dia construindo a canoa, Evanna agindo como projetista, usando a magia para pular algumas etapas quando estávamos de costas, tornando o nosso trabalho mais rápido e fácil do que deveria ter sido. Não era uma balsa muito grande quando ficou pronta — tinha dois metros e meio de comprimento por dois de largura, mas dava para ambos deitarmos confortavelmente. Evanna não nos disse qual

era a extensão da lagoa, mas afirmou que teríamos que navegar rumo ao sul e dormir pelo menos algumas noites na balsa. A embarcação flutuou lindamente quando a testamos e, embora não possuíssemos velas, conseguimos talhar remos e tábuas de reserva.

— Pronto — disse Evanna. — Vocês não terão como acender uma fogueira, mas haverá peixes nadando na superfície da lagoa. Pesquem-nos e comam-nos crus. E a água é desagradável, mas é seguro bebê-la.

— Evanna... — comecei, para depois tossir, embaraçado.

— O que é, Darren? — perguntou a bruxa.

— Os globos gelatinosos — murmurei. — Você vai nos dizer para que servem?

— Não. E não era isso que você queria

me perguntar. Desembucha, por favor. O que o está incomodando?

— Sangue — suspirei. — Já fazem eras desde que bebi sangue humano pela última vez. Estou sentindo efeitos colaterais — perdi boa parte da minha agilidade e força. Se eu continuar assim, vou morrer. Estava me perguntando se poderia beber o *seu* sangue?

Evanna sorriu, pesarosa.

— Ficaria feliz em deixar você beber o meu sangue, mas não sou humana e meu sangue não é adequado para o consumo alheio... você acabaria se sentindo bem pior depois! Mas não se preocupe. Se o destino for generoso, você acabará encontrando uma fonte de alimento em breve. Se não — acrescentou a bruxa, num tom sombrio — você terá problemas maiores para se preocupar.

A feiticeira se afastou da balsa, antes de

prosseguir.

— Agora eu tenho que deixá-los. Quanto mais cedo partirem, mais cedo chegarão no outro lado. Só tenho isso a dizer — guardei até agora porque fui forçada a tal — e agora vou partir. Não posso lhes dizer o que o futuro reserva, mas posso lhes dar um conselho: para pescar no Lago das Almas, vocês devem tomar emprestada uma rede que foi usada para arrastar os mortos. E para ter acesso ao Lago, precisarão do líquido sagrado do Templo do Grotesco.

— Templo do Grotesco? — perguntamos em uníssono, na mesma hora.

— Desculpe — resmungou Evanna. — Só posso lhes contar isso, e nada mais. — Acenando na nossa direção, a bruxa disse: — Boa sorte, Darren Shan. Boa sorte, Harkat Mulds. — E então, antes que pudéssemos

responder, ela saiu correndo bruscamente, movendo-se numa velocidade mágica, desaparecendo do nosso campo de visão em segundos, no crepúsculo da noite que estava por vir.

Harkat e eu nos entreolhamos em silêncio, e depois nos viramos e começamos a transportar nossas escassas posses ocultas para dentro da balsa. Dividimos os globos gelatinosos em três lotes: um para Harkat, um para mim e um terceiro nós deixamos dentro de um pedaço de pano amarrado à embarcação. Depois disso, seguimos viagem em meio à escuridão, que se intensificava, e atravessamos as águas frias e calmas do lago inominado.

CAPÍTULO DOZE

Remamos grande parte da noite, no que esperávamos que fosse uma linha reta (*parecia não haver correntes para nos tirar do nosso rumo*), descansamos durante algumas horas enquanto amanhecia, e depois recomeçamos a remar, desta vez navegando para o sul seguindo a posição do sol. No terceiro dia já estávamos completamente enfastiados. Não havia nada para fazer no lago calmo e aberto,

e nenhuma mudança na paisagem — um azul escuro por baixo e um cinza interminável por cima. Pescar nos distraía durante períodos curtos ao longo do dia, mas os peixes eram fartos e fáceis de serem pescados, e logo era chegada a hora de remar e descansar.

Para nos mantermos entretidos, inventamos jogos usando os dentes que Harkat havia arrancado da pantera morta. Não havia muitos jogos de palavras possíveis com uma quantidade tão limitada de letras, mas, ao substituir cada letra por um número, podíamos fingir que os dentes eram um dado e perder algum tempo fazendo apostas. Não tínhamos nada de valor para apostar, por isso usávamos as espinhas dos peixes que pegávamos como fichas de aposta, e fingíamos que elas valiam verdadeiras fortunas.

Durante um período de descanso,

enquanto Harkat estava limpando os dentes — estendendo ao máximo a atividade para matar o tempo — ele pegou um longo incisivo, o que trazia um *K* gravado, e franziu a testa.

— Este aqui é oco — disse ele, enquanto o segurava para cima e olhava através dele. Harkat o colocou na sua boca larga, soprou, pegou-o novamente e o passou para mim.

Examinei o dente contra a luz cinzenta do céu, mantendo os olhos meio fechados para enxergar melhor.

— Ele é bem liso — reparei. — É largo no topo e estreito na ponta.

— É quase como se... um buraco tivesse sido cavado em seu interior — afirmou Harkat.

— Como e para quê? — perguntei.

— Não sei. Mas é o único... assim.

— Talvez tenha sido obra de um inseto — sugeri. — Um parasita que fica entocado dentro do dente de um animal e fica cavando seu caminho para cima, roendo tudo e se alimentando do material interno.

Harkat me encarou por um instante, depois abriu a boca o máximo que pôde e murmurou.

— Dê uma olhada nos meus dentes, rápido!

— Os meus primeiro! — gritei, rogando a língua na parte de trás da arcada.

— Os seus são mais duros... do que os meus. Sou mais vulnerável.

Como isso era verdade, inclinei-me para frente para examinar os dentes cinzentos e afiados de Harkat. Examinei-os minuciosamente, mas não havia nenhum sinal de que eles haviam sido invadidos. Harkat deu

uma olhada nos meus depois, mas eu também parecia estar com a saúde em dia. Relaxamos depois disso — embora tivéssemos passado as horas seguintes cutucando nossas bocas com as línguas! — e Harkat voltou a limpar os dentes da pantera, deixando, porém, o dente com o buraco de lado, longe dos outros.

Naquela quarta noite, enquanto dormíamos depois de ter passado muitas horas remando, acotovelados no meio da balsa, fomos despertados por um som relampejante acima das nossas cabeças. Levantamos rapidamente e nos erguemos, cobrindo os ouvidos para abafar o barulho. O som não se parecia com nada que eu escutara antes e era inacreditavelmente pesado, como se um gigante estivesse batendo em seus lençóis para

limpá-los. Vinha acompanhado de rajadas de vento fortes e gélidas que faziam a água se agitar e o nosso bote balançar. Era uma noite escura sem vãos no meio das nuvens, e não podíamos ver o que estava fazendo o barulho.

— O que foi? — sussurrei. Harkat não conseguia ouvir meu sussurro por causa do barulho, por isso repeti o que havia falado, mas não em volume tão alto, com medo de revelar nossa posição para quem quer que estivesse por cima.

— Não tenho idéia — respondeu Harkat — mas há algo... familiar nesse ruído. Já o ouvi antes... mas não consigo me lembrar onde.

Os sons de algo batendo sumiram enquanto o que quer que fosse seguia em frente, fazendo a água se acalmar e a nossa

balsa estabilizar, deixando-nos trêmulos, porém ilesos. Quando conversamos sobre o fato depois, chegamos à conclusão de que devia se tratar de alguma espécie de ninhada ou pássaro. Mas, bem no fundo, eu sentia que essa não era a resposta e, de acordo com a expressão confusa de Harkat e sua incapacidade de pegar no sono, estava certo de que ele havia sentido a mesma coisa.

Remamos mais rápido do que o normal naquela manhã, falando pouco sobre os sons que ouvimos na noite anterior, mas olhando freqüentemente para o céu. Nenhum de nós conseguia explicar por que o ruído havia nos deixado tão alarmados — achávamos que correríamos um grande perigo se a criatura aparecesse novamente, à luz do dia.

Passamos tanto tempo olhando para as

nuvens, que só no começo da tarde, durante um breve período de descanso, olhamos para frente e percebemos que era possível ver terra.

— A que distância você acha que... estamos? — perguntou Harkat.

— Não tenho certeza — respondi. — Quatro ou cinco quilômetros? — A terra era baixa, mas havia montanhas mais à frente, picos altos e cinzentos que se misturavam com as nuvens, razão de não os termos notado antes.

— Poderemos chegar logo... se remarmos bastante — observou Harkat.

— Então vamos remar — resmunguei, e nos dedicamos à nossa tarefa com vigor renovado. Harkat conseguia remar mais rápido do que eu. Minha força estava definhando cada vez mais por eu não ter sangue humano

para beber, mas abaixei a cabeça e fiz os meus músculos se retesarem ao máximo. Ambos estávamos ansiosos para chegar na segurança da terra firme, onde poderíamos, pelo menos, encontrar um arbusto para nos escondermos caso fôssemos atacados.

Já havíamos percorrido metade da distância, quando o ar acima de nossas cabeças reverberou com o mesmo som pesado do bater de asas que havia interrompido o nosso sono anteriormente. Rajadas de vento cortavam a água à nossa volta. Paramos e olhamos para cima e avistamos algo pairando mais acima. Parecia um ser pequeno, mas isso se devia ao fato dele estar a uma grande altura.

— Que diabos é aquilo? — perguntei, ofegante.

Harkat respondeu balançando a cabeça.

— Deve ser imenso — murmurou o pequenino — para que o som de suas asas crie... tanta perturbação vindo de tão alto.

— Você acha que ele nos avistou?

— Ele não estaria pairando por aqui se não tivesse nos visto.

O som do bater de asas e o vento que o acompanhava parou e a criatura arremeteu em nossa direção numa velocidade assustadora, ficando maior a cada segundo. Achava que pretendia nos torpedear, mas ela desviou quando estava a cerca de uns dez metros acima da balsa. Reduzindo a velocidade de sua descida, ela abriu as asas gigantes e ficou batendo-as para se estabilizar. O som era de rachar os ouvidos.

— Isso... é o que... estou pensando que é? — vociferei, agarrado à balsa enquanto as ondas quebravam sobre nós, arregalando os

olhos ao ponto deles parecerem estar saindo da cabeça, incapaz de acreditar que aquele monstro era de verdade. Queria, do fundo do coração, que Harkat me dissesse que eu estava tendo alucinações.

— Sim — gritou meu amigo, despedaçando os meus desejos —, sabia que... o reconheceria! — O pequenino rastejou até a borda da balsa para contemplar a magnífica, porém aterrorizante, criatura mitológica. Ele estava petrificado, assim como eu, mas havia um brilho de excitação nos seus olhos verdes. — Já a tinha visto antes... nos meus pesadelos — disse ele numa voz baixa que mal dava para ser ouvida sob o bater daquelas asas enormes. — É um *dragão!*

CAPÍTULO TREZE

Nunca vira em minha vida algo tão extraordinário quanto esse dragão, e muito embora estivesse completamente perplexo e estarrecido de medo, me vi admirando-o, incapaz de reagir à ameaça que ele representava. Embora fosse impossível aferir com precisão suas medidas, suas asas abertas mediam uns vinte metros. Elas tinham uma coloração verde irregular, eram grossas na

conexão com o corpo, mas finas nas pontas.

O corpo do dragão tinha uns sete ou oito metros do focinho até a ponta da cauda. Ele me lembrava o corpo afilado de uma cobra — era cheio de escamas — embora tivesse um peito arredondado e protuberante que se curvava para trás na direção da cauda. Suas escamas eram de um vermelho embotado e, por baixo, douradas. Pelo que pude ver do dorso do dragão, ele era verde-escuro em cima, com pintas vermelhas. Possuía um par de pernas dianteiras longas, que terminavam em garras afiadas, e dois membros mais curtos a cerca de um quarto do prolongamento final do seu corpo.

Sua cabeça se parecia mais com a de um jacaré do que com a de uma cobra, comprida e chata, com dois olhos amarelos projetando-se da crista, narinas enormes, e uma

mandíbula inferior flexível que parecia poder se escancarar a ponto de consumir animais de grande porte. Sua cara era violeta-escuro e seus ouvidos eram surpreendentemente pequenos, pontudos, e ficavam perto dos olhos. Ele não tinha nenhum dente que eu pudesse ver, mas as gengivas pareciam duras e pronunciadas. O bicho tinha uma língua longa e bifurcada que se agitava preguiçosamente entre os seus lábios enquanto ele pairava no céu e nos olhava fixamente.

O dragão nos observou durante mais alguns segundos, batendo as asas constantemente, com as garras arqueadas, as pupilas se abrindo e se dilatando. Então, encolhendo as asas, ele mergulhou repentinamente, com as patas dianteiras esticadas, as garras à mostra, a boca fechada — enquanto vinha

bem na direção da balsa!

Com berros assustados, Harkat e eu reagimos rápido e nos jogamos no fundo do bote. O dragão gritava mais acima. Uma de suas garras encostou no meu ombro esquerdo e me lançou de encontro a Harkat.

Enquanto nos desencostávamos, eu me sentei para esfregar o ombro machucado, e vi o dragão virando suavemente o corpo no ar, dando meia-volta para outro mergulho. Desta vez, em vez de se jogar sobre a balsa, Harkat pegou seu remo e o arremessou na direção do dragão, desafiando o monstro com um grito. O dragão, em resposta, gritou furioso — um som altíssimo — e desviou.

— Levanta! — gritou Harkat para mim. Enquanto me erguia, ele me fez pegar o meu remo, se ajoelhou e começou a remar desesperadamente. — Tente afastá-lo... se puder —

disse ele, ofegante. — Vou tentar levar o barco... até a margem. Nossa única esperança é... alcançar a terra para que possamos... nos esconder.

Erguer o remo era uma agonia, mas ignorei a dor no ombro e mantive o pedaço de madeira no alto, apontado para o dragão como se fosse uma lança, desejando em silêncio que Harkat remasse cada vez mais rápido. Nas alturas, o dragão volteava, com os olhos amarelos fixos na balsa, gritando ocasionalmente.

— Ele está fazendo uma avaliação — murmurei.

— O quê? — resmungou Harkat.

— Está fazendo um estudo. Observando a nossa velocidade, analisando as nossas forças, calculando as nossas fraquezas. — Baixei meu remo. — Pare de remar.

— Você está louco? — gritou Harkat.

— Jamais conseguiremos — afirmei calmamente. — Estamos longe demais. É melhor guardarmos as nossas forças para lutar.

— Como diabos você acha... que enfrentaremos um dragão?

— Não sei — suspirei. — Mas não podemos sobrepujá-lo, por isso é bom estarmos bem-dispostos para quando ele atacar.

Harkat parou de remar e ficou ao meu lado, olhando para o dragão com seus olhos verdes que não piscavam.

— Talvez ele não ataque — afirmou meu amigo, com um otimismo meio furado.

— Ele é um predador — respondi —, assim como a pantera e os jacarés. Não é uma questão de *se* ele vai atacar, mas de *quando*.

Harkat desviou o olhar do dragão, se voltou para a margem e lambeu os lábios.

— E se nadássemos? Não ficaríamos tão à vista... dentro d'água. Isso pode dificultar dele... nos pegar.

— É verdade — concordei — mas não teríamos como nos defender. Não pularemos a não ser que sejamos forçados a tal. Nesse meio tempo, iremos afiar nossos remos. — Saquei uma das minhas facas e comecei a talhar a ponta do meu remo. Harkat fez a mesma coisa com o seu. Segundos depois que começamos a nos dedicar a tal tarefa, o dragão — percebendo qual era a nossa intenção — atacou, frustrando nossos planos.

Meu instinto imediato foi desviar, mas fiquei firme ao lado de Harkat e ambos erguemos nossos remos defensivamente. O dragão, desta vez, não conteve seu mergulho

e desceu ainda mais baixo do que antes, vindo contra nós em alta velocidade, com a cabeça e os ombros duros, e com as asas fechadas. Golpeamos a fera com nossos remos, mas eles resvalaram ao se chocarem com as escamas duras, sem provocar um arranhão sequer.

O dragão colidiu com a balsa. A força do golpe fez-nos voar da embarcação e cair dentro d’água, bem no fundo. Voltei à tona ofegante e batendo os pés freneticamente. Harkat estava alguns metros à deriva de onde eu estava, também sem fôlego e ferido por causa do impacto.

— Tenho que... alcançar... a balsa! — gritou ele.

— Esquece! — gritei, apontando para os destroços do barco, que havia sido reduzido a lascas. O dragão pairava mais acima, quase

perpendicular à água, com a cauda curvada para dentro de seu corpo escamoso. Nadei até onde Harkat se agitava para cima e para baixo e nos voltamos, apavorados, na direção do lagarto voador.

— O que ele está esperando? — perguntou o pequenino com a respiração ruidosa. — Estamos à sua mercê. Por que ele não acaba... logo conosco?

— Ele parece que está se inchando — observei, enquanto o dragão fechava a boca e puxava o ar por suas narinas dilatadas. — E quase como se ele estivesse se preparando para... — Parei e o meu rosto empalideceu. — Pelas tripas de Charna!

— O que foi? — vociferou Harkat.

— Você já se esqueceu do que faz os dragões famosos?

Harkat me encarou, sem saber do que se

tratava, mas logo se tocou.

— Eles soltam fogo!

Nossos olhos ficaram travados no peito do dragão, que se expandia regularmente.

— Observe atentamente — afirmei, enquanto segurava Harkat pelo manto. — Quando eu disser “mergulhar”, vá para o mais fundo possível da lagoa, e fique lá até não conseguir segurar o fôlego.

— Ele ainda estará aqui... quando viermos à tona — retrucou Harkat, desanimado.

— Provavelmente — concordei —, mas, se tivermos sorte, ele só terá uma rajada de fogo para soltar.

— No que você está baseando... o seu julgamento? — perguntou Harkat.

— Em nada — respondi, trêmulo, com um sorriso. — Só estou na esperança.

Não havia tempo para mais trocas de

idéias. Sobre nós, a cauda do dragão se curvava para baixo e para trás, enquanto sua cabeça se virava na nossa direção. Esperei até o que julguei ser o último instante possível e então:

— *Mergulhar!* — gritei. E, juntos, Harkat e eu, nos viramos e mergulhamos fundo, batendo os pés e as mãos o máximo possível.

Enquanto descíamos, a água ao redor se acendeu num tom vermelho. De repente ela foi ficando quente e começou a borbulhar. Batendo os pés com mais força ainda, nadamos para longe da zona de perigo, mais para baixo, rumo à escuridão das águas mais profundas. Uma vez seguros, paramos e olhamos para cima. A lagoa havia escurecido novamente e não conseguíamos ver o dragão. Abraçamo-nos um ao outro, com força, e

mantivemos as bocas fechadas, esperando o nosso fôlego acabar.

Enquanto flutuávamos em silêncio e com medo, houve um esguichar gigantesco e o dragão, rasgando a água, veio em nossa direção. Não havia tempo para escapar do ataque. Antes de percebermos o que estava acontecendo, o dragão nos fisgou com suas garras, arrastou-nos para o fundo do lago mais ainda e depois se virou e rumou para a superfície.

Assim que irrompeu para fora d'água, o dragão gritou triunfante e ganhou os céus, com Harkat preso numa das garras e eu na outra. Ele agarrou o meu braço esquerdo, me apertando com força, que eu não conseguia me mexer, quanto mais me soltar.

— Darren! — gritou Harkat enquanto subíamos ainda mais alto, seguindo na

direção da margem. — Você consegue... se soltar?

— Não — gritei. — E você?

— Acho que sim! Ele só conseguiu segurar... o meu manto.

— Então solte-se! — berrei.

— Mas e quanto...

— Pode me esquecer! Livre-se assim que puder!

Harkat xingou com raiva, depois pegou a parte de trás do seu manto, onde o dragão o havia capturado, e puxou com força. Não ouvi o tecido rasgando por causa do barulho que as asas do bicho faziam, mas de repente Harkat estava livre e caía, até mergulhar com um esguicho estrondoso no lago mais abaixo.

O dragão sibilou, frustrado, e deu a volta, com a intenção óbvia de ir novamente atrás de Harkat. Estávamos quase sobre a

terra firme agora, na outra extremidade do lago.

— Pare! — urrei indefeso para o dragão. — Deixe-o em paz! — Para minha surpresa, o réptil titubeou quando gritei e me encarou com uma expressão estranha em seus olhos amarelos gigantes. — Deixe-o — murmurei desesperadamente. Então, dando lugar a um pânico cego, berrei para o monstro: — Largue-me, seu filho de uma…

Antes que pudesse terminar o palavrão, as garras do dragão se retraíram inesperadamente e, de súbito, eu estava caindo do céu como uma pedra. Só tive tempo de me preocupar se estava sobre a terra ou sobre o lago. Então, eu bati com força — na terra ou na água? — e o mundo escureceu.

CAPÍTULO QUATORZE

Quando meus olhos se abriram, eu estava deitado numa rede. Achei que estava de volta ao Circo dos Horrores. Abri um dos olhos para contar a Harkat um sonho esquisito que havia acabado de ter — cheio de panteras negras, sapos e dragões gigantescos — mas, quando o fiz, vi que estava numa cabana caindo aos pedaços. Havia um homem estranho por perto, examinando-me com os

olhos grandes, enquanto acariciava uma longa faca curvada.

— Quem é você? — perguntei, aos berros, enquanto caía da rede. — Onde estou?

— Calma — disse o sujeito, rindo, enquanto largava a faca. — Desculpa por te pertubá, rapá. Tava de olho enquanto tu tava dormindo. Temos um monte de caranguejos e escorpiões por aqui. Não queria que eles te picassem enquanto tu tava se recuperando. Harkat! — gritou ele. — Teu amigo acordô!

A porta da cabana se abriu e Harkat entrou. As três cicatrizes ganhas na sua luta com a pantera estavam mais salientes do que o normal, mas ele não parecia estar em más condições.

— Boa tarde, Bela Adormecida — saudou-me, sorrindo. — Você apagou durante... quase dois dias.

— Onde estamos? — perguntei, enquanto me levantava, trêmulo. — E quem é esse cara?

— Spits Abrams — apresentou-se o estranho, enquanto andava na direção do raio de luz do sol que penetrava por um buraco grande no teto. Ele era um homem forte, barbado, tinha altura mediana, olhos pequenos e sobrancelhas fechadas. Seu cabelo negro comprido e encaracolado estava amarrado num rabo-de-cavalo com pedaços de barbantes coloridos. Ele usava jaqueta e calças marrons desbotadas, um colete sujo branco e botas pretas que iam até os joelhos. Estava sorrindo e dava para ver que não tinha vários dentes, enquanto que os outros estavam amarelados e cheios de rachaduras. — Spits Abrams — repetiu, enquanto estendia a mão. — Prazê em te conhecê.

Peguei na mão do sujeito — que apertou a minha com força — e a balancei com cuidado, perguntando-me quem ele era e como eu havia parado aqui.

— Spits tirou você da lagoa — explicou Harkat. — Ele viu o dragão atacar... e derrubar você. Arrastou-o para fora e estava... esperando você secar quando *eu* saí da água. Ficou chocado quando... me viu, mas eu o convenci de que era inofensivo. Carregamos você até aqui, para a casa... dele. Estávamos esperando você... acordar.

— Muito obrigado, Sr. Abrams — agradeci.

— Num precisa agradecê — disse ele, rindo. — Eu só te pesquei, como qualquer pescadô faria.

— Você é pescador?

— Dos bons — respondeu Abrams,

radiante. — Eu custumava ser pirata antes de vir pará aqui; e pescava gente. Mas como não cresce muita coisa por aqui, tenho comido peixe na maior parte das vezes... e os pescado também.

— Um pirata? — Pestanejei. — De verdade?

— Aaaaaaah, jovem Darren — murmurou ele, antes de dar uma piscadela.

— Vamos lá para fora — disse Harkat, vendo a minha confusão. — Há comida no fogo e... as suas roupas estão secas e remendadas.

Percebi que só estava de cueca, por isso saí correndo atrás de Harkat, encontrei minhas roupas penduradas numa árvore e as vesti. Estávamos perto da beira do lago, numa faixa de terra com um gramado ralo, no meio de uma longa extensão de solo

rochoso. A cabana havia sido montada num local em que ficava coberta por duas árvores pequenas. Havia um jardinzinho nos fundos.

— É lá que eu plantu minhas batata — disse Spits. — Não pra cumê... embora eu guarde uma ou duas pra quando tô cum vontade... mas pra fazê uísque. Meu avô veio de Connemara... na Irlanda... e custumava ganhar a vida com isso. Ele me ensinou todos os seus segredo. Nunca dei bola pra eles antes de vir pará aqui... prifiria tumar uísque escocês... mas como só cunsigo plantá batata aqui, tinha que servir.

Vestido, sentei-me perto do fogo e Spits me ofereceu um dos seus espetos de peixe. Enquanto mordia a carne vorazmente, fiquei em silêncio estudando o tal de Spits Abrams, sem saber o que achar dele.

— Qué um poco de uísque caseiro pra

ajudá a descê? — perguntou Spits.

— Eu não provaria — alertou-me Harkat. — Experimentei-o e ele fez ... meus olhos ficarem cheios d'água.

— Vou recusar então — afirmei. Harkat tinha uma alta tolerância ao álcool e conseguia beber quase tudo. Se o uísque de Abrams havia feito seus olhos lacrimejarem, provavelmente faria a minha cabeça explodir e sumir do meu pescoço.

— Vamo, tomaí. — encorajou-me Spits, enquanto me passava uma jarra cheia de um líquido claro. — Pode te cegá, mas num vai te matá. Vai fazê pêlo nascê no teu peito!

— Já tenho pêlos suficientes — respondi, rindo, e depois me inclinei para frente e empurrei a jarra de uísque para o lado. — Não quero ser grosseiro, Spits, mas quem é você e como chegou aqui?

Spits riu da pergunta.

— Foi a merma coisa que esse aí do seu lado pergunto, na primeira vez em que me viu — disse Adrams, apontando para Harkat com seu polegar. — Contei tudo sobre mim nesses dois últimos dias... falei pra burro pra alguém que não diz uma palavra há cinco ou seis anos! Não vô falá tudo de novo, só destacá os fato mais importante.

Spits fora um pirata no extremo oriente durante a década de 1930. Embora a pirataria fosse uma "arte morta" (*como ele disse*), ainda havia navios singrando os mares que atacavam outros nos anos que antecederam a II Guerra Mundial, saqueando suas cargas. Spits se viu trabalhando em um dos navios piratas depois de anos de serviço naval normal (*ele disse que foi forçado a trabalhar como marinheiro, embora seus olhos se*

revirassem cautelosamente, e eu tinha a impressão de que ele não estava sendo honesto).

— Seu nome era *Príncipe dos Párias* — afirmou ele, orgulhoso. — Era um belo navio, pequeno, porém veloz. Éramos o flagelo dos mares para onde quer que fôssemos.

O trabalho de Spits era pescar as pessoas que caíam no mar, caso pulassem quando estivessem embarcadas.

— Havia dois mutivo pra não deixá-las lá — explicou. — Um era que não queríamo que elas se afogasse — éramos pirata, não assassino. O outro era que as que pulava normalmente usava jóia ou outros objeto de valô... só os rico têm medo de ser roubadu!

O olhar de Spits ficou novamente evasivo quando ele começou a falar em pescar as pessoas, mas eu não falei nada, não

querendo ofender o homem que havia me resgatado do lago.

Uma noite, o *Príncipe dos Párias* se viu no meio de uma violenta tempestade. Spits disse que foi a pior que ele já enfrentou.

— Já passei por quase tudo que um homi pode viver em mar aberto. — Enquanto o navio ia se despedaçando, Spits pegou uma tábua mais robusta, algumas jarras de uísque e as redes que ele usava para pescar gente e se jogou no mar.

— A última coisa que me lembro é que caí nesse lago — concluiu. — Arrastei-me para fora e havia um homem pequeno usando galochas amarelas grandes esperando por mim. — *O Sr. Tino!* — Ele me disse que eu tinha vindu parar num lugá que ficava longe de tudo que eu conhecia e que eu tava preso. Falou que aquela era uma

terra de dragões, muito perigosos para os humano, mas que tinha uma cabana onde eu estaria seguro. Se eu ficasse lá, de olho no que acontecia no lago, duas pessoa iam acabar aparecendo, e poderiam torná os meus sonho realidade. Então relaxei, fiquei pescandu, encontrei uma plantação de batata, trouxe algumas pro meu jardim e tenho esperadu desde então, cinco ou seis ano, mais ou meno.

Fiquei pensando nisso, enquanto olhava para Spits e Harkat, alternadamente.

— O que ele quis dizer quando falou que teríamos como tornar os seus sonhos realidade? — perguntei.

— Suponho que vocês teriam como me levá di volta pra casa. — Os olhos de Spits se mexiam sem parar. — Esse é o único sonho desse velho marinheiro, voltá pra onde haja

mulheres e uísque, e onde o máximu de água à vista seja uma poça... já cansei de mares e lagos!

Não tinha certeza se acreditava que aquilo era tudo que o pirata tinha em mente, mas deixei para lá e em vez disso resolvi perguntar se ele conhecia alguma coisa das terras mais ao longe.

— Não muito — respondeu Spits. — Fiz algumas incursões, mas os dragões me mantêm preso aqui a maior parte do tempo... não gosto de me afastar muito daqui quando tem demônios prontos para me atacá.

— Há mais de um? — perguntei, franzindo a testa.

— Aaaaaaaaah. Não sei ao certo quantos, mas, no mínimo, uns quatro ou cinco. Aquele que foi atrás de vocês é o maió que eu já vi, embora talvez tenha uns maió que não

aparece aqui nesse lago.

— Não estou gostando disso — murmurei.

— Nem eu — completou Harkat. Então, virando-se para Spits, ele disse. — Mostre a ele a rede.

Spits foi para trás da cabana e saiu arrastando uma rede velha e fibrosa, que ele desembaraçou e estendeu no chão.

— Duas das minhas rede vieram cumigo — disse Abrams. — Perdi a outra há uns dois ano atrás, quando um peixe enorme a arranco das minhas mão. Venho guardando essa aqui num lugá seguro, pro caso duma emergência.

Lembrei-me do que Evanna nos disse: de que precisaríamos de uma rede que houvesse sido usada para pescar os mortos, se quiséssemos descobrir quem fora Harkat.

— Você acha que esta é a rede da qual precisamos? — perguntei a Harkat.

— Pode ser — respondeu ele. — Spits disse que não usou suas redes para... pescar cadáveres, mas tem que ser esta.

— É claro que nunca pesquei defunto! — explodiu Spits, rindo de um jeito meio doentio. — O que foi que fiz? Tô pensando nisso desde que Harkat perguntou, e me lembrei dumas duas pessoas que se afogaram quando eu as estava pescandu. Por isso ela provavelmente foi usada para pescar defunto... acidentalmente, claro.

Os olhos de Spits praticamente se projetaram para fora das órbitas e ficaram mexendo freneticamente de um lado para o outro. Definitivamente, havia algo que o ex-pirata não estava nos contando. Mas eu não tinha como arrancar respostas sem dar a

entender que não acreditava nele, e agora não era hora de correr o risco de ganhar um inimigo.

Depois de comer, discutimos o que faríamos a seguir. Spits não sabia nada sobre o tal Templo do Grotesco. Nem vira ninguém durante os anos longos e solitários que passou aqui. Ele disse a Harkat que os dragões normalmente se aproximavam do lago vindos do sudeste. O pequenino achava que devíamos seguir em tal direção, embora não conseguisse dizer o porquê — só tinha um pressentimento. Como eu não tinha uma preferência pessoal, curvei-me aos desejos dele e concordamos em seguir para o sudeste naquela noite, sob o manto da escuridão.

— Vocês vão me levar, não? — perguntou Spits ansioso. — Eu me sentiria mal se ocês fossem sem mim.

— Não sabemos para onde... estamos indo — avisou Harkat para o ex-pirata grisalho. — Você pode estar arriscando a sua vida... ao vir conosco.

— Não tenho cum que me preocupar! — disse Spits, gargalhando. — Num vai sê a primeira vez que eu a arrisco. Lembro-me di quando o *Príncipe dos Párias* caiu numa armadilha na costa chinesa...

Quando Spits começava a falar sobre as suas aventuras no navio pirata, não havia como interrompê-lo. Ele nos deleitava com as histórias obscenas e fantásticas das pilhagens que havia feito e das batalhas das quais havia participado. Enquanto falava, ele tomava uns goles de uísque de sua jarra e, enquanto o dia passava, sua voz ia ficando mais alta e as histórias mais extraordinárias — ele ainda contava alguns casos picantes a mais

sobre o que fazia nas horas de folga! Finalmente, quando o sol começava a se pôr, ele apagava e se curvava como uma bola ao lado do fogo, apertando a jarra de uísque quase vazia contra o peito.

— Que figura — sussurrei, fazendo Harkat rir baixinho.

— Tenho pena dele — disse Harkat. — Ficar aqui sozinho por tanto tempo deve ter sido terrível.

— Sim — concordei, mas não sinceramente. — Mas há algo estranho nele, não há? Ele faz sentir-me inquieto, com o modo de ficar mexendo os olhos de um lado para o outro, enquanto está mentindo.

— Também notei isso — disse Harkat, acenando com a cabeça. — Ele conta todas as espécies de mentira possíveis... na noite passada ele... disse que já havia namorado uma

princesa japonesa... mas é... só quando ele fala sobre o seu trabalho no... *Príncipe dos Párias* que fica com aquele olhar inconstante.

— O que você acha que ele está escondendo? — perguntei.

— Não tenho idéia. Duvido que isso tenha importância... não há... navios piratas aqui.

— Pelo menos nenhum que eu tenha visto — afirmei, sorrindo.

Harkat ficou observando Spits dormindo — ele estava babando na sua barba desgrenhada — e depois disse, calmamente.

— Podemos deixá-lo para trás... se você preferir. Ele dormirá por horas. Se partirmos agora e andarmos... rápido, ele jamais nos encontrará.

— Você acha que ele é perigoso?

Harkat encolheu os ombros.

— Pode ser. Mas deve haver um motivo... para o Sr. Tino tê-lo colocado aqui. Acho que devíamos levá-lo. E sua rede.

— A rede, definitivamente — concordei. Pigarreei e acrescentei: — E há o sangue dele também. Preciso de sangue humano... e logo.

— Pensei nisso — lembrou Harkat. — Foi por isso que não o fiz parar de... beber. Você quer tomar um pouco agora?

— Talvez eu devesse esperar até ele acordar para perguntá-lo — sugeri.

Harkat balançou a cabeça.

— Spits é supersticioso. Ele acha que eu sou um demônio.

— Um demônio! — Dei uma gargalhada.

— Eu lhe disse quem eu era... de verdade, mas ele não quis ouvir. No fim das contas, resolvi tentar convencê-lo... de que

era um demônio inofensivo... um ogro. Perguntei se ele acreditava em vampiros. Ele disse que sim, mas acha que se tratam de... monstros demoníacos. E acrescentou que atravessaria com uma estaca o coração do... primeiro que encontrasse. Acho que você devia beber... dele enquanto está dormindo e jamais... lhe dizer quem você é realmente.

Eu não gostava de fazer as coisas desse jeito — não tinha receio de beber secretamente o sangue de estranhos, mas nas raras ocasiões em que tive de beber o de pessoas que conhecia, sempre pedira sua permissão — mas me curvei ao conhecimento maior que Harkat tinha sobre os hábitos de Spits Abrams.

Andei sorrateiramente até onde o beberrão adormecido estava, arregacei a barra de calça que cobria sua perna esquerda, fiz um

pequeno corte com a unha do meu indicador direito, abocanhei-o e suguei. Seu sangue era fino e cheio de álcool — ele deve ter bebido grandes quantidades de uísque escocês e irlandês ao longo dos anos! — mas mesmo assim me esforcei para que ele descesse goela abaixo. Quando fiquei saciado, soltei-o e esperei que o sangue em volta do corte secasse. Assim que isso se deu, eu o limpei e cobri de novo sua perna com a barra da calça.

— Está melhor? — perguntou Harkat.

— Sim — respondi e arrotei. — Não gostaria de ficar bebendo dele com freqüência... há mais uísque do que sangue em suas veias! — mas isso irá restaurar minha força e manter-me firme durante as próximas semanas.

— Spits só vai acordar amanhã — observou Harkat. — Teremos que esperar... até

amanhã à noite para começar, a não ser que você... queira correr o risco de viajar durante o dia.

— Com dragões perambulando acima de nossas cabeças? Não, obrigado! De qualquer maneira, um dia a mais para descansar não vai doer... ainda estou me recuperando da nossa última batalha.

— Por falar nisso, o que você... fez para que ele o derrubasse? — perguntou o pequenino enquanto nos preparávamos para dormir, — E por que ele... voou para longe e nos deixou?

Pensei bastante, me lembrei de ter gritado para que o dragão me largasse, e contei a Harkat o que havia acontecido. Ele me encarou, incrédulo, então eu pisquei e disse: — Sempre tive jeito com animais que não sabem falar! E deixei assim, muito embora

eu tenha ficado igualmente desnorteado com a estranha retirada do réptil.

CAPÍTULO QUINZE

Achava que a cabeça de Spits começaria a doer assim que ele acordasse, mas ele estava com ótima disposição — disse que nunca havia sofrido de ressacas. O ex-pirata passou o dia arrumando a cabana, colocando tudo em ordem no caso dele resolver voltar. Guardou uma jarra de uísque num canto e colocou o resto num saco enorme, que ele planejava carregar a tiracolo, junto com suas

roupas, sua rede de pescar, algumas batatas e pedaços de peixe secos. Harkat e eu não tínhamos quase nada para carregar — além dos dentes da pantera e dos globos gelatinosos, cuja grande parte conseguimos salvar — por isso nos oferecemos para carregar parte das coisas de Spits, mas ele não quis saber.

— Cada homi tem a sua cruz pra carregá — murmurou ele.

Relaxamos durante o dia. Cortei o cabelo que caía em cima dos meus olhos com uma das espadas enferrujadas de Spits. Havíamos substituído nossas facas artesanais — grande parte das quais havíamos perdido no lago — por facas de verdade que Spits havia guardado. Harkat costurou buracos em seu manto com pedaços de linhas velhas.

Quando a noite caiu, começamos nossa jornada, seguindo para sudeste rumo à cordilheira ao longe. Spits, surpreendentemente, demorou uma eternidade para deixar sua cabana.

— Isso foi o mais perto que eu cheguei de tê uma casa, desde qui fui pro mar com doze anos de idade — suspirou o ex-pirata, mas alguns goles de uísque melhoraram o seu astral e, por volta de meia-noite, ele estava cantando e brincando.

Fiquei preocupado com a possibilidade de Spits cair — suas pernas balançavam mais do que os globos gelatinosos que estávamos carregando — mas por mais bêbado que ficasse, seus passos eram sempre constantes, embora ele parasse freqüentemente para "tirar água do joelho". Quando acampamos debaixo de uma árvore frondosa, pela

manhã, ele caiu direto no sono e passou o dia inteiro roncando. Spits acordou pouco antes do pôr-do-sol, lambeu os beiços e esticou a mão para pegar a jarra de uísque.

O tempo foi piorando ao longo das noites seguintes, enquanto deixávamos a planície e começamos a escalar as montanhas. Chovia quase que constantemente, mais forte do que antes, ensopando as nossas roupas e nos deixando molhados, com frio e abatidos — exceto Spits, cujo uísque o esquentava e o deixava animado, independente das condições. Decidi experimentar um pouco da mistura caseira do nosso companheiro de viagem, para ver se combateria o abatimento. Um gole depois, eu estava rolando no chão, ofegante e com os olhos inchados. Spits ria enquanto Harkat enfiava água pela minha garganta adentro e depois insistia

para que eu tentasse novamente.

— O primeiro trago é o pior — disse ele, às gargalhadas. Enquanto tossia e arfava sem parar, recusei com firmeza.

Era difícil saber o que esperar de Spits Abrams. Durante grande parte do tempo ele parecia um velho marinheiro engraçado, bruto e vulgar, mas essencialmente afável. Na medida em que ia passando mais tempo ao seu lado, percebia que grande parte do seu discurso parecia deliberadamente teatral — ele falava com um sotaque afetado de propósito, para dar a impressão de que era meio cabeça-de-vento. E havia momentos em que ele ficava de baixo-astral, matutando de maneira nefasta sobre pessoas que o haviam traído de um jeito ou de outro.

— Eles se achavam tão grandes e poderosos! — resmungou ele uma noite, divagando

bêbado sob o céu nebuloso. — Melhores do que o velho e burro Spits. Diziam que eu era um monstro, não tinha nível pra dividir um navio cum eles. Mas vou lhes mostrá! Quando botá a mão neles, vou fazê-los sofrer!

Ele jamais nos disse como pretendia “botá a mão” em quem quer que fossem “eles”. Não dissemos a Spits de que ano havíamos vindo, mas ele sabia que o tempo havia avançado — ele sempre fazia referência à “sua geração” ou dizia “que as coisas eram diferente no meu tempo”. Eu não conseguia ver como Spits conseguiria voltar para a sua época, e nem ele — um bordão que ele repetia muito quando sentia pena de si mesmo era “aqui eu tô e aqui vô morrê”. Contudo, ainda prometia vingança contra “aqueles que me passaram a perna”, apesar das pessoas

das quais ele não gostava já estarem mortas e enterradas há décadas.

Noutra noite, enquanto estava nos falando das suas tarefas a bordo do *Príncipe dos Párias*, ele parou e nos encarou com uma expressão fixa e vaga.

— Eu tinha qui matá di vez em quando — comentou delicadamente. — Piratas são uns patifes. Muito embora não matássemos aqueles que roubávamos, às vezes eramus obrigado. Se as pessoa se recusasse a se en- tregá, tínhamos que detê-las. Não podíamos nos permiti deixá-las fora de pirigo.

— Mas eu achava que você não abordava os barcos que atacava — afirmei. — Você nos disse que pescava as pessoas que pulavam no mar.

— Aaaaaah — disse ele, sorrindo fria- mente — mas um hômi dentro d’água pode

lutar tanto quanto um que tá no convés. Uma mulhé também. De vez em quando eu tinha que lhes ensiná uma lição. — Seu olhar ficou um pouco mais radiante e ele sorriu timidamente. — Mas isso era raro. Só tô dizendo isso pra ocês ficá sabendo que podem contar cumigo se ficarmo numa situação difícil. Não sou assassino, mas vou matá se ficá encurralado ou pra salvá um amigo.

Harkat e eu não dormimos muito naquele dia. Em vez disso ficamos de olho em Spits, que não parava de roncar. Embora fôssemos mais fortes e estivéssemos em melhor forma do que ele, o pirata representava uma ameaça que não parava de nos preocupar. E se ele enchesse a cara e lhe desse na telha nos matar enquanto dormíamos?

Conversamos sobre a possibilidade de deixar o sujeito para trás, mas não parecia

justo deixá-lo à sua própria sorte nas montanhas. Embora conseguisse acompanhar o nosso ritmo nas caminhadas, ele não tinha o menor senso de direção e acabaria se perdendo se ficasse sozinho. Além do mais, poderíamos precisar de sua habilidade de pescador se chegássemos no Lago das Almas. Eu e Harkat sabíamos pegar peixes com as mãos, mas nenhum de nós entendia nada de pesca.

No fim das contas, resolvemos manter Spits ao nosso lado, mas concordamos em não lhe dar as nossas costas, a dormir um de cada vez para que pudéssemos vigiá-lo sem parar, e a deixá-lo para trás, caso ele ameaçasse recorrer à violência.

Fizemos um progresso lento, porém constante, enquanto cruzávamos as montanhas. Se o tempo tivesse melhorado, teríamos

sido mais rápidos, mas toda a chuva que caiu fez surgirem deslizamentos e terrenos escorregadios sob os nossos pés. Tínhamos que andar com cautela e éramos constantemente forçados a recuar e contornar uma área tornada inacessível por causa da chuva e da lama.

— Chove tanto assim normalmente? — perguntei a Spits.

— Pra falá a verdade, esse foi um dos melhores anos — respondeu ele, rindo para valer. — Temos verões muito rigorosos — longos também —, mas os invernos são barra pesada. Prestenção, a chuva provavelmente vai pará daqui a uma ou duas noite — ainda não chegamo no pior da estação, é raro a água cair sem pará durante mais de uma semana nessa época do ano.

Como se as nuvens estivessem ouvindo

tudo, elas deram uma trégua na manhã seguinte — permitindo que tivéssemos uma bela visão do céu azul — e, à noite, quando partimos, enfrentamos a temperatura mais seca desde que fomos parar na cabana de Spits.

Naquela mesma noite, subimos num pequeno pico e nos vimos no topo de um declive que dava numa longa e grande brecha, uma trilha íngreme que conduzia para fora da cordilheira. A base do precipício estava inundada pela água da chuva, mas havia veios nas laterais que poderíamos usar. Descendo a montanha às pressas, localizamos um dos maiores veios, amarramos uma corda à nossa volta para formar uma corrente comigo na frente, Spits no meio e Harkat atrás, e começamos a atravessar o rio caudaloso, ganhando terreno com a

velocidade de uma lesma. Spits chegou ao ponto de arrolhar sua jarra de uísque e deixá-la intocada!

O dia foi escurecendo enquanto estávamos sobre o veio. Não vimos nenhuma caverna no despenhadeiro, mas havia vários buracos grandes e fissuras. Desamarramo-nos e cada um se arrastou até um buraco para descansar, fora do raio de visão de qualquer dragão que pudesse passar por ali. Estávamos extremamente desconfortáveis, mas eu estava exausto depois da escalada estafante. Caí no sono imediatamente e só fui acordar bem mais tarde.

Depois de uma rápida refeição — as últimas postas de peixe seco de Spits — amarramo-nos novamente e partimos. Começou a garoar logo depois, mas, depois, veio uma estiagem que durou o resto da

noite e por isso pudemos prosseguir sem interrupções. O veio não ia até o fim do precipício, mas havia veios acima e abaixo para os quais poderíamos nos transferir, fazendo a jornada em estágios. Pouco antes do romper do dia, chegamos ao fim do desfiladeiro e rastejamos até uma planície nivelada que se estendia por muitos quilômetros à nossa frente, terminando numa floresta densa que se estendia para a esquerda e para a direita, até onde dava para vermos.

Discutimos as nossas opções. Como nenhum de nós queria dormir novamente num buraco da montanha, e a rota até a floresta estava cheia de arbustos espalhados sob os quais poderíamos nos esconder se avistássemos um dragão, decidimos seguir direto para as árvores. Forçando nossas pernas cansadas a seguir em frente, marchamos

vivamente sobre a planície, enquanto Spits se alimentava de uísque e conseguia, de algum modo, andar sem derramar uma gota no chão, apesar de balançar muito os braços durante sua corrida.

Acampamos perto da beira da floresta. Enquanto Harkat ficava de olho em Spits, eu dormi profundamente até o começo da tarde. Harkat e eu pegamos um porco selvagem logo depois disso, o qual Spits assou alegremente numa fogueira rapidamente montada. Empanzinamo-nos com nossa primeira refeição quente desde que demos partida à nossa jornada rumo às montanhas há mais de duas semanas — que delícia! Depois que limpamos nossas mãos na grama, seguimos rumo ao que supúnhamos ser o sudeste — era difícil ser preciso com tantas árvores nos cobrindo — preparados para uma longa e

escura viagem no meio da floresta.

Para a nossa surpresa, desbravamos as árvores algumas horas antes do pôr-do-sol — a floresta era comprida, porém estreita. Acabamos nos vendo no topo de um pequeno despenhadeiro, olhando para baixo, na direção da mata mais alta e verde que eu já havia visto. Não cresciam árvores nos campos, e embora devesse haver muitos riachos para alimentar o solo e produzir tal matagal, eles estavam escondidos atrás de talos de mato muito altos.

Apenas um objeto se destacava em meio ao mar verde que, caso contrário, seria uniforme — um prédio branco enorme que ficava uns dois quilômetros mais à frente, e que brilhava como um farol sob o sol do crepúsculo. Harkat e eu trocamos um olhar e dissemos ao mesmo tempo, com um misto

de excitação e tensão:

— O Templo do Grotesco!

Spits fitou o prédio com desconfiança, cuspiu da beira do penhasco e bufou:

— Encrenca!

CAPÍTULO DEZESSEIS

Os talos de mato cresciam abundantemente, alcançando cerca de uns dois metros de altura. Tivemos que abrir uma picada a golpes de faca, como se estivéssemos abrindo uma trilha no meio de uma floresta. Era um trabalho penoso e lento, e a noite havia caído antes de chegarmos ao templo. Ficamos impressionados com suas dimensões quando o observamos sob o intenso luar. Feito de

pedras brutas grandes pintadas de branco, ele tinha de trinta e cinco a quarenta metros de altura. Era um prédio quadrado, com paredes de cerca de cem metros de extensão que sustentavam um teto plano. Demos uma volta inteira em torno dele e vimos que só havia uma entrada, uma porta enorme aberta, com cinco metros de largura por oito ou nove de altura. Dava para ver a chama de uma vela tremeluzindo em seu interior.

— Não gosto da aparência deste lugar — murmurou Spits.

— Nem eu — afirmei, suspirando. — Mas se é o Templo do Grotesco, temos que entrar e encontrar o líquido sagrado do qual Evanna nos falou.

— Cês dois pode confiá na palavra duma bruxa se quisé — resmungou Spits —, mas eu num tenho nada a vê com forças das treva!

Se ocês quisé entrá, boa sorte. Vô ficá aqui fora esperando.

— Você está com medo? — perguntou Harkat, sorrindo.

— Aaaaaaah — respondeu Spits. — Cês também devia está. Podem chamá isso aqui de Templo do Grotesco se quisé, mas eu sei o que isso aí é... um Templo da Morte! — E ele saiu correndo para encontrar um esconderijo atrás de um trecho de mato.

Harkat e eu partilhávamos do pessimismo de Spits, mas tínhamos que nos arriscar. Com as facas em riste, nos arrastamos até a porta e estávamos prestes a entrar, quando o som de um canto fluiu em nossa direção pelo ar puro da noite. Paramos, ficamos indecisos e recuamos para onde Spits estava escondido.

— Mudaram de idéia? — perguntou ele.

— Ouvimos algo — respondeu Harkat. — Soava como vozes... vozes... *humanas*. Elas estavam cantando.

— De onde vinham?

— Da nossa esquerda — afirmei.

— Ocês querem que eu vá lá checá enquanto cês exploram o templo?

— Acho que seria melhor se todos nós... fôssemos checar — opinou Harkat. — Se há pessoas aqui, esse templo... deve ser delas. Podemos perguntá-las sobre isso... e talvez elas possam nos ajudar.

— Tu é muito ingênuo prum demônio — afirmou Spits com um sorriso cínico. — Por isso que eu digo: nunca confie num estranho!

Era um bom conselho e resolvemos segui-lo, deslizando silenciosamente pelo meio do mato — que não crescia tanto aqui — nos aproximando cautelosamente do local

de onde vinha o canto. Perto do templo, chegamos na beira de uma clareira. Dentro dela havia uma aldeia pequena e pitoresca. As cabanas eram feitas de mato e muito baixas, não tinham mais do que um metro de altura. Ou havíamos chegado numa vila de pigmeus ou as cabanas eram usadas apenas como abrigos para pernoites. Havia mantos cinzas toscos empilhados no meio do vilarejo. Animais mortos semelhantes a ovelhas estavam amontoados ao lado dos mantos.

Enquanto observávamos a vila, um homem nu surgiu do meio do mato à nossa direita. Ele tinha uma compleição física e uma altura normais, era levemente mulato, porém tinha um cabelo cor-de-rosa escorrido e olhos brancos inertes. Ele andou até a montanha de ovelhas mortas, pegou uma e voltou pelo mesmo caminho, arrastando o

animal pelas patas traseiras. Sem discutirmos, Spits, Harkat e eu saímos atrás dele, permanecendo na beira da aldeia, ainda escondidos no meio do mato.

O canto — que havia cessado — recomeçou assim que nos aproximamos do ponto onde o homem havia desaparecido no meio do mato. Encontramos uma trilha com muitas pegadas na terra macia e as seguimos até uma segunda clareira menor. Havia um lago no meio, com trinta e sete pessoas em volta, oito homens, quinze mulheres e quatorze crianças. Todos estavam nus, tinham a pele escura, cabelos cor-de-rosa e olhos brancos.

Dois homens suspenderam a ovelha morta sobre o lago, estendida longitudinalmente pelas pernas, enquanto um outro sujeito pegava uma faca feita com um osso

ou pedra branca e abriu a barriga do animal. Sangue e vísceras caíram no lago. Enquanto eu esticava o pescoço, vi que a água tinha uma coloração vermelha e suja. Os homens ficaram segurando a ovelha sobre o lago até o sangue parar de pingar. Depois, jogaram a carcaça para o lado e retrocederam enquanto três mulheres avançavam.

As mulheres eram velhas e enrugadas, com expressões desagradáveis e dedos ossudos. Cantando mais alto do que qualquer um, elas abaixaram-se, remexeram na água do lago com suas mãos e depois encheram três frascos de couro com ela. Permanecendo onde estavam, as três acenaram para que as outras pessoas se aproximassem. No momento em que passaram pela primeira mulher, esta ergueu o frasco e verteu a água vermelha sobre suas cabeças. A segunda mulher

molhou seus dedos com a água e traçou dois diagramas circulares toscos sobre o peito de todos. A terceira encostou a boca de seu frasco nos lábios de todos, que beberam a água fétida que havia em seu interior.

Depois que as três mulheres atenderam todas as pessoas, o grupo seguiu enfileirado de volta à vila, com os olhos fechados, cantando em voz baixa. Recuamos um pouco e depois os seguimos, aterrorizados e perplexos, mas incrivelmente curiosos.

Na vila, as pessoas pegaram os mantos cinzentos, sendo que cada um deles estava aberto na frente de modo a deixar o peito exposto e as marcas vermelhas redondas. Só uma delas permaneceu despida — um menino, que tinha cerca de doze ou treze anos de idade. Assim que se vestiram, todos formaram uma fila comprida, de três em três,

encabeçada pelo trio de senhoras que portavam os frascos, e o menino pelado ficou sozinho à frente de todos. Cantando em voz alta, o grupo seguiu em procissão rumo ao templo. Esperamos até eles passarem e depois os seguimos sem fazer barulho, intrigados.

Na entrada do templo, a procissão parou e o volume do canto aumentou. Não conseguia entender o que eles estavam dizendo — sua língua me era estranha — mas uma palavra era repetida mais do que qualquer outra, e com bastante ênfase.

— Kulashka!

— Vocês têm alguma idéia do que significa Kulashka? — perguntei a Harkat e Spits.

— Não — respondeu o pequenino.

Spits começou a balançar a cabeça e depois parou, com os olhos arregalados e os

lábios se diluindo por causa do medo.

— Santos dos marujos! — disse ele em voz baixa, antes de cair de joelhos.

Harkat e eu ficamos pasmos com Spits, mas depois levantamos os olhos e vimos o motivo do seu choque. Nossos queixos caíram assim que fitamos a criatura mais monstruosa e apavorante imaginável deslizando para fora do templo como se fosse uma larva mutante.

Ela devia ter sido humana antes, ou então descendia de humanos. Possuía um rosto humano, exceto pelo fato da cabeça ter o tamanho de seis ou sete cabeças normais. E tinha dezenas de mãos. Nada de braços — nem pernas ou pés — apenas um monte de mãos projetando-se para fora como cabeças de alfinete de uma almofada.

Tinha uns dois metros de largura e

talvez uns dez ou onze de extensão. Seu corpo era cônico como o de uma lesma gigante. Ela se arrastava adiante lentamente sobre suas centenas de dedos, embora parecesse ser capaz de se mover mais rápido caso assim desejasse. Possuía apenas um olho enorme e injetado, pendendo no lado esquerdo do seu rosto. Algumas orelhas salpicavam sua cabeça em vários lugares, e havia dois narizes enormes e protuberantes bem acima do lábio superior. Sua pele tinha uma cor branca e suja, que se projetava da sua estrutura obscena na forma de dobras curvadas e amolecidas, que estremeciam freneticamente a cada vez que a criatura se movia.

Evanna havia batizado o monstro adequadamente. Ele era total e completamente grotesco. Nenhuma outra palavra poderia

transmitir suas qualidades repulsivas de uma forma tão simples e clara.

Enquanto me recuperava do choque inicial, tentei me concentrar no que estava acontecendo. O menino nu estava de joelhos sob o Grotesco, com os braços bem abertos, berrando, repetidamente:

— Kulashka! Kulashka! Kulashka!

Enquanto o menino gritava e as pessoas cantavam, o Grotesco parou e levantou a cabeça. Ele o fez que nem uma cobra, arqueando o corpo para trás de modo que a parte da frente se erguesse. De onde estávamos escondidos, pude olhar seu rosto mais de perto. Ele era disforme e cheio de protuberâncias, como se tivesse sido talhado numa pasta aderente por um escultor com a mão trêmula. Havia pedaços de cabelo para todo lado que eu olhava, tufos negros e

imundos, que mais pareciam tumores do que pêlos. Não vi dente algum dentro de sua boca — um papo aberto, na verdade — exceto dois caninos longos e curvados perto da frente.

O Grotesco se abaixou e deslizou em volta do grupo de pessoas. E deixou uma trilha fina e viscosa de suor. Tal suor escoava de poros espalhados por todo o seu corpo. Eu sentia o odor salgado que, embora não fosse tão esmagador quanto o do sapo gigante, era o suficiente para me fazer colocar a mão sobre a boca e o nariz a fim de não vomitar. As pessoas — os Kulashkas, por falta de uma palavra melhor —, no entanto, não ligavam para o fedor. Elas se ajoelhavam enquanto o seu... deus? rei? animal de estimação?... seja lá o que fosse para elas, passava e esfregavam seus rostos em sua trilha de suor. Algumas delas chegavam a botar as línguas

para fora e a lambiam!

Depois que o Grotesco passou por todos os seus adoradores, ele se voltou para o garoto que estava na frente. Erguendo novamente sua cabeça, ele se inclinou para frente e pôs a língua para fora, um enorme naco cor-de-rosa que pingava enormes gotas de saliva. Ele lambeu o rosto do menino. Este não se esquivou, mas sorriu orgulhoso. O Grotesco o lambeu novamente e depois usou seu corpo abominável para envolver o garoto uma, duas, três vezes, e o sufocou com seus anéis de carne, da mesma forma que uma jibóia faz para matar suas vítimas.

Meu primeiro impulso foi correr para ajudar o garoto quando o vi desaparecendo sob a carne suada do Grotesco, mas não daria para salvá-lo. Além do mais, dava para ver que ele não queria ser salvo. Seu sorriso

deixava claro que ele considerava aquilo uma honra. Por isso permaneci agachado no mato e fiquei de fora.

O Grotesco tirou a vida do menino — ele gritou uma vez, por um breve instante, enquanto a criatura fazia lascas dos seus ossos —, se desenrolou e começou a devorá-lo inteiro. Mais uma vez, neste particular, ele agiu como uma cobra. A criatura possuía um maxilar inferior flexível que podia se estender para baixo o suficiente para que o monstro envolvesse a cabeça e os ombros do garoto com a boca. Usando a língua, o maxilar e algumas de suas mãos, ele devorou — lenta, porém calmamente — o resto do corpo do jovem.

Enquanto o Grotesco devorava o garoto, duas das mulheres entraram no templo. Elas saíram pouco depois, segurando dois frascos

de vidro, com cerca de 40 centímetros de altura, com paredes espessas de vidro e rolhas de cortiça. Um líquido escuro enchia três quartos de cada frasco — aquele tinha que ser o "líquido sagrado" de Evanna.

Quando o Grotesco finalmente terminou de devorar o menino, um homem deu um passo à frente e pegou um dos frascos. Ele se aproximou da besta, levantou o frasco e cantou suavemente. O Grotesco o estudou friamente. Achei que ele pretendia matá-lo também, mas acabou baixando a cabeça e abrindo sua boca enorme. O homem enfiou a mão dentro da boca do Grotesco, retirou a cortiça do frasco e o ergueu até a altura de um dos caninos da criatura. Inserindo a ponta do dente no frasco, ele apertou a parede de vidro com força contra o canino. Uma substância densa e viscosa brotou da presa e

escorreu pela lateral do tubo. Eu havia visto Evra extraindo veneno das presas de uma cobra muitas vezes — aquilo era exatamente a mesma coisa.

Quando não brotou mais nenhum líquido do dente, o sujeito fechou o frasco com a rolha, devolveu-o à senhora, pegou o segundo frasco e ordenhou o outro canino do Grotesco. Quando terminou, ele recuou e a boca do monstro se fechou. O homem devolveu o frasco, se juntou ao resto do grupo e começou a cantar em voz alta junto com todos os demais. O Grotesco os observou com seu único olho vermelho, enquanto sua cabeça semi-humana e inumana balançava de um lado para o outro, acompanhando o ritmo do canto. Até que ele se virou lentamente e voltou correndo para dentro do templo, sobre a sua carruagem de dedos.

Enquanto o monstro entrava, as pessoas o seguiam, em filas de três, cantando suavemente, sumindo na escuridão do templo atrás do Grotesco, deixando-nos estremecidos e sozinhos do lado de fora, para que nos recolhêssemos e discutíssemos o espetáculo sinistro.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Tu tá maluco! — sibilou Spits, mantendo um tom de voz baixo para não chamar a atenção dos Kulashkas. — Cês qué entrar no ninho do diabo e arriscá suas vida por causa de umas garrafa de veneno?

— Deve haver algo... especial nelas — insistiu Harkat. — Não teriam nos dito que... precisaríamos delas se não fosse importante.

— Nada justifica jogá as vidas fora —

disse Spits rispidamente. — Aquele monstro vai fazê ocês de pudim, e ainda vai ficá cum fome depois.

— Não estou tão certo disso — murmurei. — Ele se alimenta como uma cobra. Conheço cobras desde que dividi uma tenda com Evra, um menino-cobra — acrescentei para tranqüilizar Spits. — Deve demorar um bom tempo para se digerir uma criança, mesmo para uma criatura daquele tamanho. Duvido que ela precisará se alimentar novamente nos próximos dias. E uma cobra normalmente dorme enquanto está fazendo a digestão.

— Mas aquilo num é uma cobra — lembrou-me Spits. — É um... como ocê chamou aquilo?

— Grotesco — disse Harkat.

— Aaaaaah. Ocê nunca dividiu uma

tenda com um Grotesco, já? Então tu não sabe de nada. Seria louco em corrê tal risco. E quanto aquele bando de gente de cabelo cor-de-rosa? Se te pegarem, não vai demorá muito pra que eles te ofereçam pr'aquele bicho.

— Que tipo de acordo você acha... que existe entre eles? — perguntou Harkat. — Acredito que eles veneram o Grotesco. Foi por isso que... sacrificaram o garoto.

— Grandes coisa! — retrucou Spits, irritado. — Uma coisa é matá um estranho, mas se dispô a entregar um dos seus... é maluquice!

— Eles não podem fazer isso o tempo todo — observei. — Não há muitos deles. Eles morreriam se tivessem que fazer um sacrifício humano toda vez que a criatura ficasse faminta. Devem alimentá-la com ovelhas e

outros animais, e só oferecer humanos em ocasiões especiais.

— Será que devíamos tentar... conversar com eles? — perguntou Harkat. — Muitas civilizações do passado... ofereciam vidas humanas aos seus deuses. Pode ser que eles não sejam violentos.

— Não tenho a menor intenção de testá-los — retruquei rapidamente. — Não podemos nos afastar disso... os vimos tirando líquido das presas do monstro e estou quase certo de que aquele veneno é o líquido sagrado de que precisamos. Mas não vamos abusar da nossa sorte. Não há como saber como são as pessoas deste mundo. Os Kulashkas podem ser uma gente boa que recebe os estranhos de braços abertos... ou podem nos oferecer como alimento para o Grotesco assim que nos virem.

— Somos mais fortes do que eles — afirmou Harkat. — Poderíamos rechaçá-los.

— Não podemos ter certeza disso — discordei. — Não temos idéia do que essas pessoas são capazes. Podem ser dez vezes mais fortes do que eu ou você. Vamos entrar no templo, pegar os frascos e cair fora o mais rápido possível.

— Esqueçam os frascos! — implorou Spits. Ele vinha bebendo pesadamente de sua jarra desde que recuamos para um lugar seguro e estava tremendo mais do que o normal. — Podemos voltar mais tarde se precisarmos deles.

— Não — retrucou Harkat. — Darren tem razão sobre os Kulashkas. Mas, se vamos fazer um... ataque rápido, precisamos fazê-lo enquanto o Grotesco está dormindo. Temos que ir atrás do... líquido sagrado agora. Você

não tem que vir... se não quiser.

— Não irei — devolveu Spits rapidamente. — Não vô disperdiçá a minha vida numa maluquice dessas. Vô ficá aqui esperando. Se ocês não voltarem, vô segui em frente e procurá o tal Lago das Alma sozinho. Se ele for a morada dos mortos como ocês dizem, posso encontrá-los por lá! — Ele deu uma risadinha maldosa.

— Vamos lá enquanto está escuro — perguntei a Harkat — ou esperamos amanhecer?

— Esperamos — respondeu Harkat. — Os Kulashkas já terão cantado... até dormido nessa altura. — A gente de cabelo cor-de-rosa havia retornado à sua aldeia uma hora depois de fazer o seu sacrifício e desde então ficou cantando e dançando.

Recostamo-nos e descansamos enquanto a lua cruzava o céu sem nuvens (*é*

sempre assim — quando queremos nuvens para nos dar cobertura, não há nenhuma!), ouvindo a música dos estranhos Kulashkas. Spits continuava bebendo da sua jarra — seus olhos grandes e redondos iam ficando cada vez menores —, puxando o seu rabo-de-cavalo e murmurando algo macabro sobre tolos que eram cabeças-duras e as reprimendas merecidas que recebiam.

O barulho que vinha da vila dos Kulashkas foi cessando, enquanto a manhã se aproximava, e o silêncio se fez ao alvorecer. Harkat e eu trocamos um olhar indagador, acenamos com as cabeças e nos levantamos.

— Estamos indo — anunciei para Spits, que já estava meio que caindo sobre a sua jarra.

— O qu...? — perguntou ele, com um grunhido, virando a cabeça.

— Estamos indo — repeti. — Espere aqui. Se não voltarmos até o anoitecer, siga o seu caminho e não se preocupe conosco.

— Não vou esperar tanto tempo — respondeu o pirata, torcendo o nariz. — Vou me mandar ao meio-dia, com ou sem ocês.

— Fique à vontade — suspirei —, mas você ficaria menos visível no escuro. Seria mais seguro.

As feições de Spits ficaram mais amenas.

— Cês são loucos, mas tem mais coragem que todos os pirata com quem singrei os mares. Vô esperá até o pôr-do-sol e deixá o uísque preparado... cês podem ficá feliz se sobreviverem.

— Vamos ficar — respondi com um sorriso e depois me virei com Harkat e segui no meio do mato alto que nos ocultava na

direção da porta do Templo do Grotesco.

Paramos na porta do templo, brandindo nossas espadas e inalando o fedor do suor da fera.

— E se houver guardas? — perguntei, sussurrando.

— Vamos nocauteá-los — respondeu Harkat. — Só os mataremos se... for necessário. Mas duvido que haja algum... eles teriam... saído junto com o Grotesco se fosse o caso.

Nervosos e respirando fundo, entramos sorrateiramente no templo, um após o outro, movimentando-nos lenta e cuidadosamente. Havia velas que se projetavam das paredes; não eram muitas, mas em número suficiente para iluminar o nosso caminho. Estávamos num corredor pequeno e estreito, coberto por um teto baixo. Havia uma sala ampla

mais à frente. Paramos na entrada. A sala era, de fato, enorme. O teto era sustentado por pilastras gigantescas, mas não havia outras estruturas divisórias. No centro do templo, o Grotesco estava todo enrolado em volta de uma plataforma circular, sobre a qual havia um cilindro alto de cristal, oco e vertical, cheio de frascos como os que os Kulashkas haviam usado para extrair o veneno do monstro.

— Não falta líquido sagrado — sussurrei para Harkat.

— O problema será... chegar nele — respondeu o pequenino. — Acho que o corpo do Grotesco percorre todo o altar.

Eu não havia pensado na plataforma como um altar, mas agora que havia olhado de novo, vi que Harkat tinha razão — o cilindro que guardava os frascos tinha a

aparência de uma relíquia religiosa qualquer.

Começamos a percorrer a sala que dava no altar — o único som que emitíamos era o de nossa respiração superficial. A cabeça do Grotesco estava enterrada debaixo do seu traseiro corpulento, o que não permitiria que ele tivesse uma visão nossa caso estivesse acordado — embora eu esperasse com todas as minhas forças que não fosse o caso! Havia um caminho que ligava a porta ao altar, iluminado por velas altas, mas resolvemos nos aproximar pela lateral, onde seria mais difícil sermos notados.

Logo deparamos com um obstáculo inesperado. As tábuas do assoalho nas laterais do caminho estavam apodrecidas e rangiam pesadamente enquanto as atravessávamos.

— O caminho deve ser o único que é reforçado por baixo — sibilei enquanto

parávamos para considerar nossas opções. — Pelo ecoar dos rangidos, deve haver um poço sob as tábuas.

— Será que devíamos voltar ao... caminho? — perguntou Harkat.

Balancei a cabeça.

— Vamos continuar... mas pise com cuidado!

Apesar de nossas tentativas de prosseguir com cuidado, o pé esquerdo de Harkat atravessou uma tábua alguns metros à frente, fazendo sua perna ficar dependurada na escuridão. Ele ofegou dolorosamente, mas mordeu a boca para não gritar. Meus olhos se voltaram para onde o Grotesco estava enrolado, para ver se ele havia se mexido, mas o bicho estava na mesma posição de antes. Os dedos que estavam perto de sua cabeça se contraíram

algumas vezes — esperava que isso significasse que ele estava dormindo e sonhando.

Inclinando-me para frente, examinei a tábua em volta da perna de Harkat, quebrei cuidadosamente um pedaço maior dela para aumentar a largura do buraco e depois o ajudei a se soltar, para que pudesse voltar a caminhar sobre tábuas um pouco mais firmes.

— Você está machucado? — perguntei calmamente.

— Cortei-me — respondeu Harkat, enquanto tateava a sua perna. — Nada de mais.

— Não podemos mais confiar nessas tábuas — afirmei. — Teremos que usar o caminho central.

Juntos, mancamos até chegar no caminho, onde descansamos por um minuto, antes de avançar até o altar. Graças à sorte

dos vampiros, o Grotesco continuava dormindo. Uma vez lá, circundamos aquele monstro fétido, procurando uma brecha por onde pudéssemos entrar para subir no altar. Mas o Grotesco havia se enrolado por toda a sua extensão; havia pedaços de sua carne cobrindo-o completamente. Perto assim daquela besta, não dava para não contemplar e me espantar com o fato de tal coisa existir. O que me incomodava mais eram suas óbvias feições humanas. Era como um pesadelo que havia se tornado realidade — mas um pesadelo humano. Qual era a sua história? Como ele havia nascido?

Depois de andar em volta do Grotesco umas duas vezes, eu desviei meu olhar. Sem ousar falar estando tão perto assim da criatura, guardei minha faca e fiz sinais com as mãos para Harkat, indicando que teríamos

que pular sobre o monstro no ponto mais estreito, perto de onde a sua cauda cobria a cabeça. Harkat não parecia muito animado com a idéia, mas não havia outra maneira de chegar no altar, por isso ele acenou com a cabeça, relutante. Fiz uma nova série de sinais com as mãos para dizer a Harkat que eu podia pular e que ele devia ficar onde estava, mas meu amigo balançou a cabeça e levantou dois dedos curtos, grossos e cinzentos para me mostrar que devíamos ir juntos.

Pulei primeiro. Agachei-me e depois pulei sobre os anéis musculares da besta gigante. Aterrissei suavemente, mas me virei rapidamente, sem dar as costas para o Grotesco. Ele não havia se movido. Dei um passo para o lado e pedi para que Harkat se juntasse a mim. Ele não pulou com tanto estilo, mas seus pés passaram pelo monstro e

eu o peguei enquanto pousava, equilibrando-o e abafando o som.

Certificamo-nos de que não havíamos perturbado o Grotesco e depois nos voltamos para o cilindro alto e examinamos os frascos que estavam em prateleiras transparentes em seu interior. Os que estavam no topo não haviam sido enchidos, mas havia dezenas deles embaixo, que pesavam bastante por estarem cheios do veneno abundante que brotara das presas do Grotesco. Os Kulashkas deviam estar ordenhando o gigante há décadas para juntar tamanha coleção.

O cilindro possuía uma portinhola gelada de cristal. Eu a abri, enfiei a mão em seu interior e tirei um frasco. Era frio e surpreendentemente pesado. Enfiei-o dentro da minha camisa, peguei um segundo frasco e o passei para Harkat. Ele o segurou na frente

da luz das velas, e examinou o líquido que havia em seu interior.

Enquanto eu enfiava a mão para pegar mais frascos, ouvimos um grito que veio de dentro da porta do templo. Olhei para cima, assustado, e vi duas crianças dos Kulashkas, um menino e uma menina. Coloquei o dedo nos lábios e acenei para as crianças, na esperança de que elas parassem de gritar, mas isso só as deixou mais agitadas. A garota se virou e saiu em disparada na direção da porta, fugindo, sem dúvida, para acordar os adultos. O garoto ficou e correu na nossa direção, gritando e batendo palmas, segurando uma vela para usar como arma.

Percebi na mesma hora que teríamos que esquecer o resto dos frascos. Nossa única esperança era escapar dali rapidamente, antes que o Grotesco acordasse ou que os

Kulashkas adentrassem o templo. O par de frascos que já havíamos roubado teria que servir. Deixando a portinhola do cilindro aberta, desci até onde Harkat estava esperando e nos preparamos para pular. Mas antes que pudéssemos dar um salto, o traseiro do Grotesco sibilou, sua cabeça se ergueu e nos vimos encarando seu olhar injetado e furioso — e suas presas de sabre expostas!

CAPÍTULO DEZOITO

Congelamos no altar, hipnotizados pelo olhar cintilante e demoníaco do Grotesco. Enquanto ficamos ali parados, impotentes, seu corpo se expandiu, e sua cabeça se ergueu um ou dois metros, formando um arco para trás. O monstro estava se preparando para atacar, mas, ao levantar a cabeça, perdeu o contato visual conosco. Saímos do torpor em que estávamos, percebemos o que estava

prestes a acontecer e caímos no chão assim que a criatura veio nos atacar.

Uma das longas presas do Grotesco me arpoou bem no meio das omoplatas assim que eu caí no chão. Ela se fincou na minha carne e rasgou as minhas costas. Berrei de dor e medo, rolei para o lado assim que a besta me soltou e escorreguei para trás do cilindro de cristal.

O Grotesco me deu um golpe enquanto eu recuava, mas errou o alvo. E soltou um berro, como se fosse o choro furioso de um bebê gigante, para então se virar na direção de Harkat. Ele estava deitado, de costas para o chão, com o rosto e a barriga expostos — um alvo fácil. O Grotesco então se ergueu para atacar. Harkat se preparou para jogar seu frasco de veneno na besta.

O Grotesco gritou de um jeito aterrador

e recuou uns dois metros; os dedos em sua cauda o carregavam para longe de Harkat, enquanto que aqueles que estavam perto de sua cabeça serpeavam em sua direção como se fossem dezenas de cobras ou enguias. Uma parte de mim notou que havia pequenos buracos em cada dedo, onde estariam suas unhas caso ele fosse humano, e o suor saía desses buracos em fluxos constantes.

Harkat se arrastou para onde eu estava escondido.

— Minhas costas! — reclamei, ofegante, enquanto me virava para que ele pudesse me examinar. — Como é que está?

Harkat examinou o meu corte rapidamente, depois grunhiu.

— Não é muito profundo. Essa será a maior das suas... cicatrizes, mas não vai

matá-lo.

— A não ser que tenha veneno nas presas do bicho — murmurei.

— Os Kulashkas o ordenharam. Veneno fresco ainda não deve... ter se formado, será?

— Não numa cobra, mas não há como dizer se a mesma coisa acontece com esse animal.

Não tive tempo para me preocupar com isso. O Grotesco deslizou do altar, para nos atacar novamente. Recuamos, mantendo o cilindro entre nós e a cabeça do Grotesco que não parava de balançar.

— Algum plano para... a fuga? — perguntou Harkat, enquanto sacava uma faca, mas conservava o frasco de veneno em sua mão esquerda.

— Estou pensando nisso a cada segundo — respondi, ofegante.

Recuávamos calmamente, dando repetidas voltas em torno do cilindro, enquanto o monstro nos seguia, impaciente, cuspindo e rosnando, com a língua se movendo no meio dos lábios, pronta para nos atacar no instante em que baixássemos a guarda. O menino Kulashka estava em pé no caminho que dava no altar, incentivando o Grotesco.

Um minuto depois, o resto dos Kulashkas adentrou o templo. A maior parte deles carregava armas, e seus rostos estavam bastante enfurecidos. Correndo para o altar, eles se espalharam à sua volta, arrastaram-se sobre o Grotesco e vieram em nossa direção, com uma expressão assassina em seus olhos brancos furiosos.

— Esta seria uma boa hora para tentar conversar com eles — comentei com Harkat, sarcasticamente, mas ele levou meu conselho

totalmente fora de propósito a sério.

— Não queremos ferir ninguém! — gritou ele. — Queremos ser... seus amigos.

Os Kulashkas pararam e murmuraram com espanto quando Harkat falou. Um dos homens — creio que era seu chefe — parou na frente dos outros e apontou uma lança em nossa direção. Fez uma pergunta aos berros para Harkat, mas não conseguimos entender o que ele queria dizer.

— Não falamos a sua língua — afirmei, aproveitando a deixa de Harkat, com um olho no sujeito e o outro no Grotesco, que por sua vez vinha se arrastando na nossa direção, embora tivesse recuado sutilmente a fim de abrir espaço para os Kulashkas. O chefe gritou conosco novamente, mais lentamente desta vez, enfatizando cada palavra. Balancei minha cabeça.

— Não conseguimos entender você! — gritei.

— Amigos! — tentou Harkat desesperadamente. — Camaradas! *Friends! Mes amis!*

Os Kulashkas nos encararam, incertos. Até que sua expressão se fechou e ele berrou algo para o resto do clã. Acenando com a cabeça, eles avançaram, com as armas erguidas agressivamente, empurrando-nos na direção das presas do gigantesco Grotesco.

Ameacei uma das mulheres Kulashka com a minha faca, como um gesto de aviso, para tentar fazê-la se precaver, mas fui solenemente ignorado e ela e todos os outros continuaram a se aproximar. Até mesmo as crianças convergiam sobre nós, com miniaturas de facas e lanças em suas mãozinhas.

— Vamos usar o veneno! — gritei para Harkat, enquanto pegava o meu frasco. —

Eles podem se espalhar assim que o jogarmos em seus olhos!

— O.K.! — berrou ele, e ergueu o seu frasco.

Quando os Kulashkas viram o frasco na mão cinzenta de Harkat, eles congelaram de medo e a maioria deu um passo rápido para trás. Fiquei confuso com sua reação, mas também fui tomado por seu medo e levantei o meu também. Quando viram outro dos frascos, os homens, mulheres e crianças começaram a descer da plataforma, conversando receosos e acenando freneticamente suas mãos e armas na nossa direção.

— O que está havendo? — perguntei a Harkat.

— Eles estão com medo do... veneno — disse ele, balançando seu frasco na direção de um punhado de mulheres Kulashkas —

elas gritaram e deram as costas para a cena, cobrindo os rostos com as mãos. — Ou isso é realmente sagrado... para eles, ou é extremamente perigoso!

O Grotesco, vendo os Kulashkas parando e se dispersando, deslizou na direção das mulheres com o intuito de chegar em Harkat. Um dos homens disparou atrás do monstro e balançou os braços, gritando com todo o ar que tinha nos pulmões. O Grotesco parou, golpeou o sujeito, jogando-o para o lado com sua enorme cabeça e voltou a nos visar. A criatura estava rosnando agora — ela pretendia se jogar sobre nós para acabar com a luta de vez. Saquei meu frasco para jogar na fera, mas uma mulher se atirou entre mim e o Grotesco, e balançou os braços do mesmo jeito que o homem havia feito. Desta vez o

monstro não jogou a Kulashka para o lado, mas a encarou de um jeito ameaçador enquanto ela cantava uma canção em voz baixa e balançava os braços sobre a cabeça.

Quando já havia prendido totalmente a atenção do Grotesco, a mulher se afastou do altar e o conduziu para o lado. O resto dos Kulashkas preencheu o vão deixado pelo Grotesco e todos nos encararam enfurecidos — mas também temerosos.

— Mantenha o seu frasco erguido! — alertou-me Harkat, enquanto balançava o seu para os Kulashkas, que recuavam, desconsolados. Depois de uma rápida deliberação, algumas das mulheres tocaram as crianças para fora do templo e correram atrás delas, deixando apenas os homens e as mulheres mais fortes e guerreiras.

O chefe baixou sua lança e mais uma vez

tentou se comunicar, fazendo gestos com as mãos, apontando para o Grotesco, o altar e os frascos. Tentamos entender os seus sinais, mas não conseguimos.

— Não estamos entendendo! — gritei, frustrado. Apontei para os meus ouvidos, balancei a cabeça e encolhi os ombros.

O chefe disse um palavrão — eu não precisava falar a sua língua para saber disso — e depois respirou fundo e falou algo para o seu clã. Eles hesitaram. Ele vociferou novamente e desta vez o grupo se dividiu, deixando um espaço entre nós e o caminho que ia até a porta do templo. O chefe apontou para o caminho, depois para nós e, mais uma vez, para o caminho. E nos encarou com um olhar indagador como se quisesse saber se havíamos entendido o que ele havia acabado de falar.

— Você vai... nos deixar partir? — perguntou Harkat, repetindo os gestos do Kulashka.

O chefe sorriu e depois levantou um dedo de advertência. Ele apontou para os frascos em nossas mãos e depois para o cilindro atrás de nós.

— Ele quer que restituamos os frascos antes — sussurrei para Harkat.

— Mas nós precisamos do... líquido sagrado — opôs-se Harkat.

— Isso não é hora de ser obstinado! — sibilei. — Eles vão nos matar se não fizermos o que eles dizem!

— O que vai impedir que eles nos matem... de qualquer jeito? Os frascos são tudo que está... garantindo a nossa segurança. Se os abandonarmos, o que os impedirá... de acabar conosco?

Lambi os lábios nervosamente, olhando para o chefe dos Kulashkas, que repetia seus gestos, sorrindo afetuosamente desta vez. Apontei para sua lança quando ele terminou. Ele olhou para sua arma e depois a jogou longe. Falou rispidamente com o resto dos Kulashkas e eles também largaram suas armas. Depois, ainda deram mais alguns passos para trás e abriram seus braços com as mãos vazias.

— Temos que confiar neles — suspirei. — Vamos desistir enquanto estamos em vantagem, colocar os frascos de volta no lugar, e rezar para que eles sejam gente de palavra.

Harkat se deteve por mais um instante frustrante, para depois acenar com a cabeça, bruscamente.

— O.K. Mas se eles nos matarem

quando… estivermos saindo, eu não falo… mais com você.

Ri da frase e depois fui até o cilindro de cristal para recolocar o frasco de veneno no lugar. Enquanto o fazia, um homem barbado saiu das sombras do templo, balançando uma jarra sobre sua cabeça e gritando.

— Nada temam, rapazes! A frota tá aqui pra salvá vocês!

— Spits! — berrei. — Não! Estamos resolvendo tudo! Não…

Não cheguei a terminar. Spits saiu correndo na direção do chefe e o atingiu na cabeça com uma longa faca curva. O chefe caiu, gritando, enquanto o sangue jorrava do seu couro cabeludo. Os outros Kulashkas berraram, confusos e furiosos, e depois mergulharam para pegar suas armas.

— Seu retardado! — berrei com Spits

enquanto ele pulava para cima do altar. — Que diabos você está fazendo?

— Salvando ocês! — O ex-pirata gritava de alegria. Ele cambaleava pesadamente de um lado para o outro, bêbado como eu jamais o vira, mal conseguindo manter os olhos concentrados. — Me dá essa garrafa de pus — resmungou ele, enquanto pegava o frasco que estava com Harkat. — Se é disso que aquelas aberrações tão com medo, é isso que elas terão!

Spits ergueu o frasco para jogá-lo nos Kulashkas. Um urro o deteve — o Grotesco estava retornando! Ou a mulher que o estava controlando fora distraída pela entrada brusca de Spits ou ela havia decidido atacar-nos com a criatura. De qualquer maneira, ela estava vindo sobre nós rapidamente, andando sobre os seus dedos, numa velocidade

apavorante. Em dois segundos ela estaria sobre nós e a luta acabaria.

Gritando numa mistura bêbada de excit-ação e terror, Spits jogou o frasco no Grotesco. O vidro não acertou sua cabeça, mas bateu em seu corpo comprido e carnudo e se espatifou. No mesmo instante, houve uma enorme explosão, fazendo as tábuas embaixo e o Grotesco desaparecerem num borrifar de sangue, carne, ossos e lascas de madeira.

A explosão nos jogou para longe da plataforma e arremessou os Kulashkas no chão como se fossem pinos de boliche. Tive presença de espírito suficiente para segurar o meu frasco perto do peito enquanto caía, e depois enfiá-lo dentro da minha camisa para mantê-lo seguro enquanto eu rolava depois do estouro. Agora havia descoberto porque

os Kulashkas estavam com tanto medo dos frascos — *o veneno do Grotesco era um explosivo líquido*!

Enquanto me levantava e sentava, atordoado, com os olhos doendo, vi que o Grotesco não havia sido a única vítima. Vários Kulashkas — aqueles que estavam mais perto do monstro — estavam mortos no chão. Mas eu não tinha tempo para sentir pena dos adoradores do Grotesco. A explosão também havia destruído duas das enormes pilastras que sustentavam o teto e, enquanto eu observava a cena, uma delas caiu e bateu em outra, que por sua vez tombou sobre mais uma e depois sobre uma quarta, como se fossem peças de dominó gigantescas. Olhando para o teto, pude ver uma série de rachaduras ao longo de toda a sua extensão, e então pedaços enormes do teto se soltaram

e começaram a precipitar em volta das pilastras que desmoronavam. Numa questão de segundos, o templo iria desabar, esmagando todos que estavam em seu interior.

CAPÍTULO DEZENOVE

Os Kulashkas que ainda estavam vivos e alertas para o perigo fugiram na direção da porta. Alguns conseguiram se salvar, mas a maior parte ficou presa sob as pilastras e o teto, que desmoronava ao redor, enquanto eles corriam. Levantei-me, cambaleando, e resolvi ir atrás dos Kulashkas, mas Harkat me segurou.

— Jamais conseguiremos! — disse ele,

arfando.

— Não há outra saída! — gritei em resposta.

— Temos que nos… proteger! — berrou ele, puxando-me para longe do caminho principal. Ele mancava enquanto andava sobre as tábuas do piso, com os olhos verdes movendo-se da esquerda para a direita, enquanto observava os escombros caindo.

— Qualé a parada agora? — chamou Spits, que surgiu atrás de nós, com os olhos iluminados de uma alegria louca e embriagada. — Mirem as escada para o céu e tussam suas orações!

Harkat ignorou o ex-pirata, esquivou-se de um pedaço de alvenaria pesada, parou e começou a pular sem parar no lugar onde estava. Achei que ele havia perdido a cabeça, até que vi o buraco no chão onde o seu pé

havia caído antes. Assim que entendi o seu plano, comecei a pular ao seu lado sobre o frágil assoalho. Eu não sabia qual era a profundidade do poço abaixo ou se ficaríamos seguros em seu interior, mas não dava para ficar numa situação pior do que aqui em cima.

— Que diabos cês tão fazend... — começou a falar Spits. Ele não conseguiu prosseguir, pois naquele instante o chão cedeu e nós três caímos na escuridão, berrando freneticamente durante a queda.

Caímos um em cima do outro, alguns metros abaixo do templo, num chão duro de pedra, Spits em cima de mim e de Harkat. Gemendo, empurrei Spits — ele havia desmaiado durante a aterrissagem — e olhei para cima. Vi parte do teto cedendo lá em cima e caindo em nossa direção. Gritando,

me levantei num só pulo e arrastei Spits para um canto, xingando para que Harkat viesse atrás de mim. Houve então um estrondo ensurdecedor nos nossos calcanhares, assim que saímos da área onde o teto estava caindo, que explodiu assim que entrou em contato com o chão, cobrindo-nos de lascas e pedregulhos.

Tossindo — a força do impacto havia levantado uma espessa nuvem de poeira —, seguimos em frente, às cegas, arrastando Spits entre nós, no meio da escuridão, para onde esperávamos que fosse um lugar seguro e distante do Templo do Grotesco que desmoronava. Depois que percorremos freneticamente mais alguns metros, chegamos a um lugar onde havia um buraco no chão. Explorando-o com nossas mãos, eu disse:

— Acho que isso aqui é um túnel, mas

ele desce repentinamente e é íngreme demais!

— Se ele for coberto... estaremos presos — afirmou Harkat.

Houve um estrondo pesado acima de nossas cabeças e o assoalho do templo começou a ranger de um jeito nefasto.

— Não temos escolha! — berrei, e começamos a rastejar para dentro do túnel, segurando nas paredes com as mãos e os pés. Harkat jogou Spits em cima de mim e depois entrou — o túnel tinha a largura exata para acomodar seu corpo volumoso.

Agarramo-nos perto do topo do túnel durante alguns segundos, ouvindo os sons da destruição. Olhei túnel abaixo, mas não havia luz alguma, e nem jeito de dizer qual era a sua profundidade. O corpo de Spits pesava uma tonelada e os meus pés

começaram a escorregar. Tentei cavar buracos na parede com minhas unhas, mas a pedra era muito lisa e dura.

— Temos que deslizar! — berrei.

— E se não tivermos como... voltar? — perguntou Harkat.

— Uma crise de cada vez! — gritei e larguei. Deitei de costas, permitindo que meu corpo descesse pelo túnel com velocidade. Foi uma viagem curta e rápida. O túnel, durante alguns metros, resumia-se a uma queda vertiginosa que aos poucos ia se nivelando. Parei alguns segundos mais tarde no final do túnel, onde estiquei um dos pés, procurando o chão. Eu ainda não o havia encontrado quando o inconsciente Spits veio por trás de mim à toda velocidade e me empurrou com toda a força, fazendo-me cair esparramado no vazio.

Abri minha boca para gritar, mas atingi o chão antes que pudesse fazê-lo — a boca do túnel estava a apenas um metro ou dois do chão. Aliviado, me ajoelhei — e fui prontamente derrubado quando Spits mais uma vez caiu sobre mim. Xingando palavrões às cegas, empurrei-o para longe e estava me levantando novamente quando Harkat foi cuspido do túnel e me atropelou.

— Desculpe — murmurou o pequenino, enquanto saltava. — Você está bem?

— Sinto-me como se tivesse sido atropelado por um rolo compressor — afirmei, gemendo, e depois me sentei e respirei fundo o ar bolorento, que deixou minha cabeça mais leve.

— Escapamos de ser esmagados pelo... templo — observou Harkat depois de um tempo, enquanto os ruídos ecoavam pelo

túnel até cessarem.

— Espero que haja alguma coisa de bom nisso — resmunguei. Não dava para ver meu amigo na escuridão da caverna subterrânea. — Se não houver como sair daqui, teremos uma morte lenta e desagradável. Quem sabe, teria sido melhor se tivéssemos sido esmagados por uma pilastra.

Ao meu lado, Spits gemia languidamente, para depois murmurar algo ininteligível. Ouvi o som dele se sentando.

— O que tá acontecendo? Cadê as luz?

— As luzes, Spits? — perguntei inocentemente.

— Não cunsigo vê nada — suspirou o ex-pirata. — Aqui tá um breu!

— Sério? — perguntei, ansioso para puni-lo pela conduta infame que ele teve no trato com os Kulashkas. — *Eu* estou

enxergando bem. E você, Harkat?

— Perfeitamente — murmurou o pequenino. — Gostaria de ter óculos escuros, está claro demais aqui.

— Meus olhos! — berrou Spits. — Estou cego!

Deixamos Spits sofrer um pouco antes de lhe contar a verdade. Ele nos repreendeu severamente com insultos sortidos por termos lhe assustado, mas logo se acalmou e perguntou qual seria o próximo passo.

— Acho que vamos andar — respondi — e ver onde vamos parar. Não podemos voltar e há paredes à esquerda e à direita — dava para ver pelos ecos de nossas vozes — por isso temos que seguir em frente até que alguma opção se apresente.

— Eu culpo ocês pur isso — murmurou Spits. — Se ocês não tivesse invadido aquele

templo maldito, estaríamos valsando no meio do campo agora, com todo o ar fresco do mundo pra respira.

— Não fomos *nós* que... jogamos bombas quando não havia necessidade! — vociferou Harkat. — Havíamos feito um acordo com... os Kulashkas. Eles estavam nos deixando ir embora.

— Aquela gentinha? — bufou Spits. — Eles teriam arrancado as suas tripa e comido ocês no café-da-manhã!

— Eu é que vou arrancar as suas tripas se você não... calar a boca — vociferou Harkat.

— O que é que ele tem? — perguntou-me Spits, atormentado pelo tom de voz do pequenino.

— Muitos Kulashkas morreram por sua causa — suspirei. — Se você tivesse ficado do

lado de fora como devia, isso não aconteceria.

— Quem liga pr'aquela gentalha? — perguntou Spits, rindo. — Eles num são do nosso mundo. Que diferença faz se alguns deles foram detonado?

— Eles eram gente! — rugiu Harkat. — Não importa a que... mundo eles pertenciam. Não tínhamos o direito... de vir aqui e matá-los! Nós...

— Calma — tranqüilizei-o. — Não dá para resolver as coisas agora. Spits só estava tentando ajudar, do seu jeito bêbado e desajeitado. Vamos nos concentrar em descobrir uma saída e deixar para botar o dedo na cara numa outra hora.

— Só quero que ele fique longe... de mim — resmungou Harkat, dando um passo à frente e tomando a dianteira.

— Isso num é muito educadu da tua parte — reclamou Spits. — Achava que, como ogro, ele ficaria feliz em fazê uma quizumba.

— Fica quieto — vociferei — ou vou mudar de idéia e fazê-lo cair em cima de você!

— Ocês são dois marujo maluco de terra firme — bufou Spits, mas guardou comentários adicionais para si mesmo e seguiu atrás de mim enquanto eu cambaleava atrás de Harkat.

Seguimos com dificuldade e em silêncio por um bom número de minutos, perturbados apenas pelo som de Spits bebendo ruidosamente da sua jarra de uísque (*por incrível que pareça ela não quebrou na explosão*!). O túnel estava completamente escuro. Não dava para ver Harkat, mesmo ele estando um metro ou coisa parecida na

minha frente, por isso me concentrei na minha audição, seguindo-o apenas pelo som. Seu enorme pé cinzento produzia um som bastante característico e, pelo fato de eu estar me concentrando nele, não ouvi os outros ruídos até eles estarem quase sobre nós.

— Parem! — sibilei subitamente.

Harkat parou no mesmo instante. Atrás de mim, Spits deu de cara nas minhas costas.

— O que cê... — começou ele.

Tapei sua boca com uma das mãos, e tive pouca dificuldade para encontrá-la por causa do seu bafo fedorento.

— Nem uma palavra — sussurrei e, pelo palpitar dos seus lábios, senti seus batimentos cardíacos aumentando de velocidade.

— O que há de errado? — perguntou Harkat calmamente.

— Não estamos sozinhos — afirmei,

aguçando os ouvidos. Havia muitos farfalhares sutis à nossa volta, à frente, nos lados, por trás. Os sons cessaram por alguns segundos quando paramos, mas depois recomeçaram, um pouco mais lentos e silenciosos do que antes.

— Algo acabou de rastejar sobre o meu pé direito — afirmou Harkat.

Senti o corpo de Spits retesado.

— Já chega disso — murmurou, apavorado, dando a entender que queria fugir dali correndo.

— Eu não faria isso — falei calmamente. — Acho que sei o que é isso. Se eu estiver certo, correr será uma *péssima* idéia.

Spits tremia, mas manteve a calma e ficou parado onde estava. Soltei-o e me agachei lentamente, o mais graciosamente possível, e pus uma das mãos,

delicadamente, no chão do túnel. Alguns segundos depois, algo começou a rastejar sobre os meus dedos, algo com pernas peludas... duas... quatro... seis... oito.

— Aranhas — sussurrei. — Estamos cercados por aranhas.

— Só issu? — perguntou Spits, rindo. — Não tenho medo dumas poucas aranha! Pro lado, rapazes, que eu vô esmagá-las procês.

Senti Spits levantando um dos pés.

— E se elas forem venenosas? — perguntei. Ele congelou.

— Tenho uma melhor — disse Harkat. — Talvez essas sejam bebês. Este é um mundo de... gigantes... o Grotesco e aquele sapo monstruoso. E se houver aranhas... gigantes também?

Com isso, congelei que nem Spits e nós três ficamos ali, suando na escuridão,

ouvindo... esperando... indefesos.

CAPÍTULO VINTE

— Elas tão subindu na minha perna — disse Spits depois de um tempo. Ele não havia baixado o pé e tremia terrivelmente.

— E na minha também — disse Harkat.

— Deixem-nas — afirmei. — Spits, desça o seu pé, o mais lentamente possível, e certifique-se de que não está pisando em nenhuma das aranhas.

— Você pode falar com elas e... controlá-

las? — perguntou Harkat.

— Vou tentar num minuto — falei. — Primeiro quero saber se isso é tudo com que temos que lidar. — Eu fora fascinado por aranhas quando era pequeno. Foi por isso que comecei a me dar com o Sr. Crepsley, através de sua tarântula artista, Madame Octa. Eu tinha um dom para me comunicar com aracnídeos e havia aprendido a controlá-los com meus pensamentos. Mas isso fora na Terra. Será que meus poderes se estenderiam às aranhas daqui?

Penetrei na escuridão com os meus ouvidos. Havia centenas, talvez milhares de aranhas no túnel, cobrindo o chão, as paredes e o teto. Enquanto ficava ouvindo, uma delas caiu na minha cabeça e começou a explorar o meu couro cabeludo. Não a tirei de lá. A julgar pelo barulho e pela sensação

na minha cabeça, deviam ser tarântulas de tamanho médio. Se havia aranhas gigantes, elas não estavam se movendo — será porque talvez estivessem esperando que entrássemos em sua toca?

Levantei cuidadosamente a mão direita e encostei os dedos na lateral da cabeça. A aranha os encontrou alguns segundos depois. Ela testou a nova superfície e começou a rastejar sobre os meus dedos. Trouxe a minha mão e a aranha para baixo e para o lado, a fim de que pudesse encará-la (*muito embora não conseguisse vê-la*). Respirando bem fundo, concentrei-me na aranha e comecei a conversar com ela dentro da minha cabeça. Quando fazia isso no passado, eu usava uma flauta para ajudar a focar meus pensamentos. Desta vez eu só podia improvisar e esperar pelo melhor.

— Olá, pequenina. Esta é a sua casa? Não somos intrusos, só estamos de passagem. Dá para dizer que você é muito bonita. E inteligente também. Você pode me ouvir, não? Você entende. Não vamos machucar você. Só queremos passar com segurança. — Enquanto eu prolongava a minha conversa com a aranha, tranqüilizando-a com relação às nossas intenções pacíficas, bajulando-a e tentando entrar dentro da sua cabeça, estendi o alcance do meu pensamento e dirigi minhas palavras para as aranhas à nossa volta. Não é necessário controlar todas as aranhas que estão num bando enorme, só aquelas que estão mais perto de você. Se você tiver talento e experiência, pode usar tais aranhas para controlar as outras. Eu podia fazer isso com aracnídeos no meu mundo — será que dava para fazer o

mesmo com essas, ou seríamos moscas condenadas presas numa teia subterrânea?

Depois de uns dois minutos, pus minhas habilidades à prova. Agachando-me, deixei a aranha rastejar para fora dos meus dedos e ganhar o chão, e depois me dirigi ao grupo que estava ao nosso redor.

— Precisamos prosseguir agora, mas não queremos machucar nenhuma de vocês. Terão que se espalhar e abrir caminho para que possamos passar. Não conseguimos vê-las. Se vocês ficarem muito juntas, não teremos como evitá-las. Movam-se, minhas lindas. Vão para os lados. Deixem que passemos livremente.

Nada aconteceu. Temia pelo pior, mas continuei tentando, falando com elas, incitando-as a abrirem caminho. Eu teria sido mais autoritário com aranhas normais e

ordenado para que elas saíssem do nosso caminho. Mas não sabia como estas aqui reagiriam a comandos diretos, e não queria correr o risco de enfurecê-las.

Durante dois ou três minutos eu fiquei falando com as aranhas, pedindo a elas para que se movessem. Então, quando estava quase chegando a ponto de desistir e correr rumo à minha liberdade, Harkat falou:

— Elas estão saindo de cima de mim.

— De mim também — disse Spits em voz baixa logo depois. Ele parecia estar prestes a se debulhar em lágrimas.

Todas as aranhas que nos cercavam começaram a recuar, saindo lentamente do nosso caminho. Levantei-me, aliviado, mas não rompi o vínculo mental que havia criado com elas. Continuei falando dentro da minha cabeça, agradecendo-as, parabenizando-as,

mantendo-as em movimento.

— É seguro avançar? — perguntou Harkat.

— Sim — grunhi, ansioso para não perder a minha concentração. — Mas devagar. Tente sentir a parte da frente dos seus dedos do pé toda vez que der um passo.

Voltei a me comunicar mentalmente com as aranhas. Harkat seguiu em frente, pouco a pouco, dando um passo atrás do outro. Eu o segui de perto, mantendo o meu vínculo com os aracnídeos. Spits vinha cambaleando atrás, segurando a manga da minha camisa com uma das mãos e a garrafa de uísque ao peito com a outra.

Andamos durante um bom tempo desse jeito, acompanhados por muitas das aranhas, enquanto novas recrutas iam se unindo ao bando ao longo do túnel. Não havia sinal

de nenhum espécime gigante. Era difícil ficar conversando com elas durante tanto tempo, mas não perdi minha concentração.

Finalmente, depois de uns vinte ou trinta minutos, Harkat parou e disse:

— Chegamos numa porta.

Vim por trás dele e pus a mão numa superfície de madeira dura e lisa. Ela estava coberta de teias de aranhas velhas e secas, que se desfaziam facilmente ao meu toque.

— Como você sabe que isso é uma porta? — perguntei, quebrando momentaneamente o contato com as aranhas. — Talvez o túnel esteja apenas bloqueado. — Harkat encontrou a minha mão direita e a conduziu até uma maçaneta de metal. — Será que ela vira? — sussurrei.

— Só tem uma maneira de... descobrir — afirmou ele, e juntos a viramos. Quase não

houve resistência e a porta abriu para dentro no instante em que o trinco se recolheu. Um zumbido sutil nos recebeu. As aranhas à nossa volta recuaram meio metro, rapidamente.

— Não estou gostando disso — sibilei. — Vou entrar sozinho e checar. — Afastando-me de Harkat, entrei na sala e me vi em pé sobre frios ladrilhos duros. Dobrei meus dedos dos pés algumas vezes, para me certificar.

— O que há de errado? — perguntou Harkat assim que percebeu que eu não estava me movendo.

— Nada — respondi. Lembrei-me das aranhas, restabeleci o contato e lhes disse para que ficassem onde estavam. Depois disso, dei um passo à frente. Algo longo e fino roçou no meu rosto — parecia com a

pata de uma aranha gigante! Esquivei-me rapidamente... as aranhas haviam nos conduzido para uma armadilha! Seríamos devorados por aracnídeos monstruosos! Tínhamos que correr, fugir, salvar nossas vidas! Nós...

Mas nada aconteceu. Não fui pego por patas longas e peludas de aranha. Não havia som algum de uma aranha gigante se arrastando na minha direção, com a intenção de me fisgar. De fato, não havia som algum, com exceção do estranho zumbido e dos batimentos rápidos e constantes do meu coração.

Levantei-me lentamente, estiquei os braços e comecei a explorar o ambiente. Minha mão esquerda encontrou um pedaço longo e fino de corda dependurado mais acima. Peguei-o e puxei-o delicadamente.

Houve uma resistência e puxei novamente, com um pouco mais de força. Ouvi um clique e então uma luz branca intensa inundou a sala.

Estremeci e cobri os olhos — a luz era ofuscante demais para quem havia enfrentado a escuridão do túnel. Mais atrás, Harkat e Spits se viraram para evitar o clarão. As aranhas não deram a menor importância àquilo — vivendo na mais completa escuridão, elas já deviam ter descartado o sentido da visão há muito tempo.

— Você está bem? — berrou Harkat. — Isso é uma armadilha?

— Não — murmurei, estendendo os dedos na frente dos olhos, permitindo que as minhas pupilas se acostumassem à nova situação. — É apenas uma... — parei

enquanto meus dedos se separavam. Baixei minhas mãos e olhei em volta, desnorteado.

— Darren? — perguntou Harkat. No que não respondi, ele enfiou a cabeça pelo vão da porta. — O quê...? — ele parou quando viu o que eu estava olhando e entrou no cômodo, sem dizer uma palavra. Spits fez a mesma coisa pouco depois.

Estávamos numa enorme cozinha, como qualquer cozinha moderna na Terra. Havia uma geladeira — a fonte do zumbido — uma pia, guarda-louças, uma chaleira, até mesmo um relógio em cima da mesa, embora os ponteiros estivessem parados. Fechamos a porta do recinto para deixar as aranhas lá fora e rapidamente vasculhamos os armários. Encontramos pratos, canecas, copos, latas com comidas e bebidas (*não havia rótulos ou datas nas latas*). E não havia

nada na geladeira quando a abrimos, embora ela estivesse funcionando perfeitamente.

— O que tá acontecendo? — perguntou Spits. — De onde vieram todas essas coisa? E o queísso? — Por ter vindo da década de 1930, ele nunca havia visto uma geladeira como aquela antes.

— Eu não... — comecei a responder, mas logo parei, assim que meus olhos se voltaram para um saleiro que estava em cima da mesa. Havia um papel embaixo dele, com um bilhete escrito à mão. Tirei o saleiro de cima e passei os olhos pelo bilhete em silêncio, para depois lê-lo em voz alta.

"Bom-dia para vocês, cavalheiros! Se chegaram até aqui, é por que estão se saindo esplendidamente. Depois de escaparem por pouco do templo, vocês mereciam

um descanso, portanto, relaxem e se empanzinem com as refeições — cortesia do dono anterior da cozinha, que jamais chegou a gostar do que tem aí. Há um túnel de saída secreto atrás do refrigerador. São algumas poucas centenas de metros até a superfície. Depois disso, vocês terão que enfrentar uma curta caminhada até o vale onde se encontra o Lago das Almas. É só seguirem rumo ao sul que não terão como errar. Parabéns por terem superado os obstáculos até agora. Espero que tudo corra bem no trecho final. Saudações do querido amigo e sincero benfeitor — Desmond Tino.”

Antes de conversar sobre o que estava escrito, empurramos a geladeira para o lado e demos uma olhada atrás dela. O Sr. Tino havia dito a verdade sobre o túnel, embora

tivéssemos a certeza de que só saberíamos aonde ele dava depois de explorá-lo.

— O que você acha? — perguntei a Harkat, que estava sentado e se servindo de uma das bebidas espumantes que estavam no armário. Spits estava ocupado examinando a geladeira, maravilhado com a tecnologia avançada.

— Temos que fazer o que... o Sr. Tino está nos pedindo para fazer — respondeu Harkat. — Estávamos, de qualquer maneira, seguindo mais ou menos... para o sul.

Olhei novamente para o bilhete.

— Não gosto quando ele diz “espero que tudo corra bem no trecho final”. Parece que ele acha que as coisas *não vão* correr bem.

Harkat encolheu os ombros.

— Ele pode ter dito isso só para nos deixar preocupados. Pelo menos sabemos

que estamos... perto do...

Um grito agudo e penetrante nos assustou. Levantamos na mesma hora e vimos Spits dando as costas para um dos armários, para onde ele foi depois de largar a geladeira. Ele estava tremendo e havia lágrimas em seus olhos.

— O que foi? — berrei, pensando que era alguma coisa ruim.

— Isso... isso... — Spits erguia uma garrafa cheia de um líquido dourado e chorava de alegria. — Isso é *uísque escocês!* — sussurrou o ex-pirata, enquanto seu rosto assumia uma expressão tão reverente quanto a dos Kulashkas quando se ajoelhavam perante o seu deus Grotesco.

Algumas horas depois, Spits havia bebido até perder a consciência e estava deitado e

roncando num tapete no chão. Harkat e eu havíamos comido algo para tapar o buraco e estávamos descansando, recostados a uma parede, conversando sobre nossas aventuras, o Sr. Tino e a cozinha.

— Gostaria de saber de onde veio... tudo isso — disse Harkat. — A geladeira, a comida, as bebidas... são todas do nosso mundo.

— A cozinha também — observei. — Para mim mais parece um abrigo nuclear. Vi um programa falando sobre lugares como este. As pessoas constroem abrigos subterrâneos e os enchem de alimentos não perecíveis.

— Você acha que o Sr. Tino transportou todo um abrigo... para cá? — perguntou Harkat.

— Parece que sim. Não tenho idéia de por que ele se importaria com isso, mas os

Kulashkas com certeza não construíram este lugar.

— Não — concordou Harkat. Ele ficou em silêncio por um instante e depois prosseguiu com um questionamento. — Para você, os Kulashkas lembram... alguém?

— O que você quer dizer com isso?

— Havia algo em sua aparência... e no jeito como falavam. Demorei um tempo para resolver esse enigma... mas agora consegui. Eles se parecem com os Guardiões do Sangue.

Os Guardiões do Sangue eram humanos estranhos que viviam na Montanha dos Vampiros e se livravam de vampiros mortos em troca de seus órgãos internos. Eles tinham olhos brancos como os dos Kulashkas, mas não possuíam cabelo cor-de-rosa e ainda falavam numa língua estranha que,

depois que pensei bem, concluí que se parecia muito com a dos Kulashkas.

— *Havia* semelhanças — afirmei, hesitante —, mas diferenças também. Seu cabelo era cor-de-rosa, e os olhos tinham uma cor branca mais transparente. De qualquer maneira, como eles poderiam estar relacionados?

— O Sr. Tino pode tê-los transportado... para cá — disse Harkat. — Ou talvez tenha sido daqui que os Guardiões do... Sangue vieram originalmente.

Fiquei refletindo sobre isso por um tempo e depois me levantei e andei até a porta.

— O que você está fazendo? — perguntou Harkat enquanto eu abria a porta que dava no túnel.

— Checando um pressentimento —

respondi enquanto me agachava e dava uma espiada. A maior parte das aranhas já havia ido embora, mas algumas ainda estavam por perto, procurando por comida ou um lugar para descansar. Fiz contato mental com uma delas e a chamei. Ela rastejou até a minha mão esquerda e se acomodou confortavelmente na minha palma enquanto eu a levava até mais perto da luz e a examinava. Era uma aranha grande e cinzenta com manchas verdes singulares. Estudei todos os seus lados, para ter certeza absoluta, e depois a coloquei no chão do túnel e fechei a porta novamente.

— Aranhas de Ba'Shan — disse a Harkat. — São as aranhas que a Madame Octa criava quando procriou com as aranhas de Ba'Halen na Montanha dos Vampiros.

— Você tem certeza? — perguntou

Harkat.

— Elas foram batizadas por Sebá em minha homenagem. Estou certo disso. — Sentei-me novamente ao lado de Harkat, com a testa enrugada enquanto tentava resolver o quebra-cabeça. — O Sr. Tino deve tê-las trazido até aqui, assim como a cozinha, por isso creio que ele possa ter trazido alguns dos Guardiões do Sangue também. Mas as aranhas de Ba'Shan não são cegas e os Guardiões não têm cabelo cor-de-rosa. Se o Sr. Tino os trouxe para cá, isso deve ter sido há décadas no tempo deste mundo, se não há mais tempo... eles precisariam de muitos anos para se transformarem.

— Parece-me que isso seria muito esforço... — disse Harkat. — Talvez ele quisesse que os Guardiões construíssem... o Templo do Grotesco. E a cozinha deve ter sido...

apenas uma piada. Mas por que trazer as aranhas?

— Não sei. Quando você as coloca no quebra-cabeça, elas não acrescentam nada. Tem mais alguma coisa que não sabemos, algo maior que não estamos percebendo.

— Talvez a resposta esteja na cozinha — disse Harkat, enquanto se levantava e, lentamente, inspecionava os ladrilhos, a mesa e os guarda-louças. — Os detalhes são muito sutis. Talvez a resposta esteja escondida... entre eles. — Ele ficou vagando pelo cômodo, e aos poucos foi chegando na geladeira, onde vários cartões postais estavam presos com ímãs na porta. Eles eram de várias atrações turísticas da Terra; o Big Ben, a Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade, e assim por diante. Eu os havia visto antes e não prestara atenção.

— Talvez sejam pistas ou haja instruções... adicionais nos versos — afirmou o pequenino, enquanto pegava um dos cartões. Ele o virou, examinou-o em silêncio, e depois foi rapidamente pegando outro, e mais outro.

— Alguma coisa? — perguntei. Harkat não respondeu. Ele olhava para os cartões, enquanto seus lábios se moviam em silêncio. — Harkat? Você está bem? Alguma coisa errada?

Harkat me fitou, e depois seu olhar se voltou para os cartões.

— Não — disse ele, enquanto os guardava dentro do seu manto azul esfarrapado. E então pegou os outros.

— Posso vê-los? — perguntei.

Harkat parou e depois disse, suavemente:

— Não, eu os mostrarei para você... mais tarde. Não há porque nos distrairmos agora.
— Isso só aumentou o meu interesse, mas antes que eu pudesse insistir para ver os cartões, Harkat suspirou. — É uma pena que não... tenhamos nenhuma amostra do líquido sagrado. Suponho que teremos que... — Ele parou quando me viu sorrindo e enfiando a mão dentro da minha camisa. — Não é possível! — bradou o pequenino.

Ergui o frasco que havia guardado depois de cair do altar.

— Sou genial ou não? — perguntei com um sorriso malicioso.

— Se você fosse uma garota... eu o beijaria! — disse Harkat, exultante, enquanto vinha na minha direção.

Passei-lhe o frasco e me esqueci dos postais.

— Como você acha que ele funciona? — perguntei enquanto ele virava o frasco de cabeça para baixo, tomando cuidado para não espirrar o líquido explosivo. — Com toda a força que há em seu veneno, o Grotesco deve ter se extasiado na primeira vez em que fincou suas presas em alguma coisa.

— Para início de conversa... ele pode não ser explosivo — divagou Harkat. — Talvez um elemento no ar... reaja com o veneno depois que ele é liberado... e o transforme.

— Uma grande mudança — comentei, rindo, e depois peguei o frasco de volta. — Como você acha que vamos usá-lo?

— Deve haver algo... que tenhamos que explodir. Talvez o Lago esteja coberto... e tenhamos que abrir caminho. O que me intriga mais são os... globos. — Ele pegou um dos globos gelatinosos que estavam dentro

do seu manto e ficou jogando-o para cima e para baixo. — Eles devem servir para algum... propósito, mas não consigo descobrir... o quê.

— Estou certo de que tudo ficará mais claro — afirmei, sorridente, enquanto guardava o frasco. Apontando para o adormecido Spits, eu disse: — Temos que pedir desculpas para ele quando acordar.

— Por quê? — perguntou Harkat, bufando. — Por ter matado os Kulashkas e quase... nos matar também?

— Você não vê? Ele *tinha um propósito*. O Sr. Tino queria que viéssemos para cá, mas não teríamos vindo se Spits não tivesse entrado na história sem pedir licença. Sem ele, não teríamos líquido sagrado nenhum. E mesmo se tivéssemos conseguido roubar um frasco do templo, não teríamos conhecido

suas propriedades explosivas... e teríamos explodido em pedacinhos!

— Você tem razão — afirmou Harkat, rindo a valer. — Mas acho que um pedido de desculpas... seria perda de tempo. Tudo com que Spits se importa agora... é o seu uísque escocês. Poderíamos chamá-lo dos piores... nomes do mundo, ou elogiá-lo... demasiadamente, que ele nem notaria.

— É verdade! — dei uma gargalhada.

Depois disso, deitamo-nos e descansamos. Durante os momentos silenciosos antes de dormir, fiquei pensando nas nossas aventuras, no quebra-cabeça que este mundo apresentava, e me questionando sobre que obstáculos medonhos e ameaçadores nos esperavam no final, no vale do Lago das Almas.

CAPÍTULO VINTE E UM

Depois de uma boa dormida e de uma refeição quente, cortesia de um fogãozinho a gás, juntamos algumas latas e bebidas (*Spits fez das três garrafas de uísque que sobraram sua principal prioridade*), junto com algumas das facas mais longas, e saímos da cozinha subterrânea. Apaguei a luz antes de irmos embora — a força do hábito do tempo em que minha mãe gritava sempre

que eu deixava as luzes acesas por toda a casa.

O túnel tinha uns duzentos metros de extensão e acabava ao lado de um barranco. A saída estava bloqueada por pedras soltas e sacos de areia, mas todos esses obstáculos eram fáceis de serem removidos. Tivemos que pular dentro do rio e atravessá-lo para chegar no seco, mas a água era rasa. Na outra margem, acabamos sendo encobertos rapidamente pelo matagal e tivemos que nos apressar enquanto atravessávamos o mato alto. Estávamos ansiosos para não darmos de cara com nenhum sobrevivente dos Kulashkas.

Era meio-dia quando deixamos a cozinha. Embora houvéssemos viajado anteriormente durante a noite, dessa vez marchamos em passos constantes por todo o

dia, escondidos pelo matagal.

Paramos tarde da noite para dormir e partir cedo na manhã seguinte. Naquela noite nós desbravamos o matagal. Estávamos felizes por ter deixado o mato alto para trás — cobertos de carrapichos e insetos, e cheios de cortes em várias partes do corpo por causa das pontas afiadas das folhas. A primeira coisa que fizemos foi encontrar uma lagoa para nos lavarmos. Depois disso, comemos, descansamos por algumas horas e então seguimos para o sul, voltando ao padrão anterior de andar durante a noite e dormir de dia.

Esperávamos chegar ao vale a cada curva — o Sr. Tino dissera que se tratava de uma caminhada curta —, mas outra noite havia se passado sem que o avistássemos. Estávamos preocupados com a possibilidade

de termos pego o caminho errado e pensamos em voltar, mas, no começo da noite seguinte, o terreno começou a subir e instintivamente percebemos que nossa meta estava do outro lado. Harkat e eu subimos correndo, deixando que Spits nos alcançasse em seu próprio tempo (*ele vinha bebendo sem parar e seguia lentamente*). Demoramos meia hora para chegar no topo. Uma vez lá em cima, vimos que estávamos no ponto mais alto do vale — assim como percebemos a enormidade da tarefa que tínhamos pela frente.

O vale era longo e verde, com uma lagoa — magnífica, como o Sr. Tino a chamara com precisão — no centro. Além disso, o vale não possuía traços característicos — exceto por cinco dragões que descansavam perto da água!

Ficamos parados, olhando para baixo, na direção dos dragões. Um parecia ser a criatura que havia nos atacado na balsa. Dois eram menores e mais magros, provavelmente fêmeas — um tinha a cabeça cinza, enquanto a do outro era branca. Os dois restantes eram bem menores — filhotes.

Enquanto observávamos os dragões, Spits se aproximou, ofegando pesadamente.

— Bem, rapazes — disse ele, com a respiração ruidosa — é esse o vale ou não? Se for, vamo entoar uma canção de marinheiro pra comemorá nosso...

Pulamos sobre ele, antes que pudesse começar a cantoria e abafamos seus lamentos assustadores.

— O que tá acontecendo? — ganiu o sujeito no meio dos meus dedos. — Cê tá maluco? Sou eu... Spits!

— Quieto! — calei-o. — Dragões!

Ele saiu num estalo do seu estado de bebedeira.

— Deixa eu vê! — Saímos da frente e deixamos que ele se arrastasse até a beira da saliência. Spits ficou com um nó na garganta quando viu os dragões. E permaneceu ali durante um minuto, estudando-os silenciosamente, até voltar para onde estávamos. — Reconheço dois deles. O maió é o que te atacou no lago perto da minha cabana. Já vi o de cabeça cinza também, mas os outros não.

— Você acha que eles só estão... descansando? — perguntou Harkat.

Spits puxou sua barba desgrenhada e fez uma careta.

— O mato em volta do lago já foi esmagado na forma de um círculo enorme. Isso

num teria acontecido se eles só tivessem ali parados, descansando. Acho que ali é a toca dos bicho.

— Será que eles não sairão dali? — perguntei.

— Num tenho idéia — respondeu Spits. — Talvez si movam... bora eu duvide muito. Eles tão seguros contra qualqué ataque aqui... eles veriam qualqué coisa vindo muito antes de alcançá-los... e o lugar tá cheio de animais e aves pra se alimentarem.

Além disso, meu lago não tá tão longe se os bichos quisé voá... pra pegá todos os peixes que quiserem.

— Eles também têm filhotes — observou Harkat. — Os animais normalmente ficam onde... estão quando criam seus rebentos.

— Então como vamos chegar no Lago das Almas? — perguntei.

— Você tá certo de que aquele *é* o Lago? — perguntou Spits. — Parece muito pequeno pra sê o lar de um monte de alma perdida.

— O Sr. Tino disse que seria pequeno — disse a ele.

— Pode tê um outro lago pur perto — retrucou Spits, esperançoso.

— Não — resmungou Harkat. — É aquele mesmo. Vamos ter apenas que vigi-ar... e esperar que eles saiam... Eles têm que caçar... pra comer. Vamos nos mexer quando os bichos saírem e... torcer para que não vol-tem muito rápido. Agora, quem quer se ar-rastar adiante e... ser o primeiro a vigiar?

— Eu vou — respondi e peguei a garrafa de Spits que fazia menção de tomar mais um gole. Também peguei o seu saco, onde ele guardava as outras garrafas.

— Ei! — protestou o ex-pirata.

— Nada de uísque até acabarmos com isso — afirmei. — Você será o próximo a vigiar... e o fará sóbrio.

— Tu num manda im mim! — reclamou ele.

— Mando sim — resmunguei. — Isso é coisa séria. Não vou deixá-lo perder as estribeiras como você fez no templo. Você poderá tomar um pouco de uísque antes de vigiar e depois de largar o seu turno, mas, durante os intervalos... nem uma gota.

— E se eu me recusá? — vociferou Spits, enquanto tentava alcançar sua faca longa e curvada.

— Quebraremos as garrafas de uísque — respondi simplesmente, deixando seu rosto lívido.

— Eu te matu se fizé isso! — disse ele em voz baixa.

— Aaaaah — devolvi, com um sorriso —, mas isso não traria o seu uísque de volta. — Enquanto passava a garrafa e o saco para Harkat, pisquei para Spits. — Não se preocupe... quando acabarmos com isso, você poderá beber todo o uísque que quiser. — Depois disso, me apressei para encontrar um arbusto atrás do qual pudesse me esconder para observar os dragões.

Ficamos de vigia durante quase uma semana antes de aceitar que teríamos que rever o nosso plano. Pelo menos três dragões ficavam de vigília no vale a qualquer hora, sempre os dois mais novos e uma fêmea, embora às vezes o macho levasse um dos mais novos para caçar com ele. Não havia como prever quando os dragões ausentes voltavam — às vezes o macho passava a noite fora,

enquanto que noutras ocasiões ele voltava numa questão de minutos, com uma ovelha ou um bode berrando entre as garras.

— Teremos simplesmente que... entrar furtivamente uma noite dessas e esperar... que eles não nos vejam — disse Harkat enquanto conversávamos sobre nossas opções. Estávamos numa cova mal acabada que havíamos cavado no solo da montanha, para que pudéssemos nos esconder dos dragões quando eles alçassem vôo.

— Esses dragão enxergam pra burro — comentou Spits. — Eu os vi manjando presas de quilômetros de altura em noites em que num dava pra vê viv'alma.

— Poderíamos tentar fazer um túnel até o Lago — sugeri. — O solo não é muito sólido... Estou certo de que poderia cavar uma passagem.

— E quando você chegar... no Lago? — perguntou Harkat. — A água inundaria o túnel... e todos nos afogaríamos!

— Não temos chance! — disse Spits rapidamente. — Prefiro ser devorado por um desses demônios a me afogar!

— Deve haver uma maneira de passar por eles — afirmei, suspirando. — Talvez possamos usar a poção explosiva do Grotesco... esperarmos até que eles estejam todos agrupados, nos aproximarmos e a atirarmos na sua direção.

— Duvido que consigamos... nos aproximar o suficiente — disse o pequenino. — E se ao menos um deles sobrevivesse...

— Se tivéssemos mais um frasco, não teria galho — suspirou Spits. — Poderíamos chegá perto e jogá um frasco neles toda vez que se aproximassem. Talvez devêssemos

voltá pro templo e procurar mais frasco.

— Não — retruquei, franzindo a testa. — Essa não é a resposta... mesmo se eles não tiverem sido destruídos durante a explosão, estarão enterrados debaixo dos destroços. Mas o que você está dizendo faz algum sentido... — Peguei meu frasco de "líquido sagrado" e o examinei. — O Sr. Tino sabia que cairíamos através das tábuas e que chegaríamos na cozinha, por isso talvez também soubesse que só conseguiríamos pegar um frasco.

— Então um deve ser o bastante — murmurou Harkat, pegando o frasco que estava comigo. — Deve haver uma maneira de usá-lo... para chegar no Lago.

— É uma pena que o Bum Bum Billy não teja conosco — comentou Spits, rindo a valer. Quando olhamos para ele, confusos,

recebemos a seguinte explicação: — Bum Bum Billy era um especialista em bombas. Ele sabia tudo sobre dinamite, pólvora e como fazer pra explodi as coisa. O capitão custumava dizer que Billy valia o seu peso em ouro. — Spits continuou a gargalhar. — O que foi inda mais engraçado quando ele explodiu a si próprio tentando abri um baú cheio de lingote!

— Você tem um senso de humor distorcido, Spits — torci o nariz. — Espero que um dia você... — parei e apertei os olhos. — *Bombas!* — exclamei.

— Você teve uma idéia? — perguntou Harkat, entusiasmado.

Acenei para que se calasse, enquanto pensava sem parar.

— Se pudéssemos fazer bombas com esse “líquido sagrado”...

— Como assim? — perguntou Harkat. — Não sabemos nada sobre... bombas, e mesmo se soubéssemos, não... teríamos como confeccioná-las.

— Não tenha tanta certeza disso — afirmei lentamente. Enfiei a mão dentro da minha camisa e peguei o pedaço de pano que envolvia meus globos gelatinosos e o desenrolei cuidadosamente no chão. Peguei uma daquelas bolas que pareciam feitas de geléia, apertei-a delicadamente entre os dedos, enquanto observava o líquido fino em seu interior correndo de um lado para o outro. — Por si só, esses globos não valem nada — comentei. — O “líquido sagrado” também não tem valor algum... por si só. Mas se os unirmos...

— Você está pensando em cobrir... os globos com o líquido? — perguntou Harkat.

— Não — respondi. — Ele acabaria pingando no chão e explodindo. Mas se pudéssemos injetá-lo *dentro* dos globos... — Fui diminuindo o tom de voz até ficar em silêncio, sentindo que estava perto da resposta, mas incapaz de dar a conclusão lógica derradeira.

Com um súbito resmungar, Harkat se antecipou a mim.

— O dente! — Ele remexeu em suas roupas em busca do saco de dentes que ele havia arrancado da pantera negra.

— Queísso? — perguntou Spits, que nunca havia visto os dentes antes.

Harkat não respondeu, mas os separou até encontrar o dente oco com a letra “K” gravada. Segurando-o para cima, ele soprou através do dente para se certificar de que estava limpo e depois o passou para mim, com

os olhos verdes brilhando intensamente.

— Você tem dedos menores — disse ele.

Peguei um globo e trouxe a ponta do dente para perto dele, até que parei.

— É melhor não tentarmos fazer isso aqui — sugeri. — Se algo der errado...

— Concordo — afirmou Harkat, enquanto se arrastava na direção da boca da caverna. — Além do mais, teremos que testá-los... para nos certificar de que eles funcionam. É melhor que façamos isso... longe o bastante para que os dragões não nos ouçam.

— Do que cês tão falando? — lamuriou-se Spits. — Isso num tá fazendo sentido.

— É só acompanhar tudo atentamente — falei e pisquei em sua direção. — Você verá!

Seguimos até um matagal cheio de árvores espessas e mirradas a alguns quilômetros de onde estávamos. Assim que

chegamos lá, Harkat e Spits se apertaram atrás de um tronco caído, enquanto eu me agachava numa clareira e punha alguns globos gelatinosos e o dente da pantera no chão à minha volta. Com extremo cuidado, desarrolhei o frasco de poção explosiva. Ela cheirava a óleo de fígado de bacalhau. Abaixei o frasco ao meu lado, deitei de barriga no chão e coloquei um dos globos bem na minha frente. Com minha mão esquerda, enfiei delicadamente a ponta mais afiada do dente da pantera no globo. Quando já havia feito um corte de meio centímetro, peguei o frasco com a mão direita, trouxe o bocal para perto da orla do dente e verti o seu conteúdo.

Eu suava em profusão na hora em que as primeiras gotas pingaram dentro do dente — se elas explodissem tão perto assim do meu rosto eu estaria morto. Mas, que nem

melaço, o líquido rolou lentamente para dentro do buraco do dente, e depois para o delicado globo gelatinoso.

Enchi o dente até o topo — ele não era capaz de reter um grande volume do veneno —, depois removi o frasco e esperei até que todo o líquido vazasse para dentro do globo. Demorou um minuto, mas no fim das contas o globo absorveu todo o veneno mortal que estava no dente.

Mantendo as mãos firmes, removi a ponta do dente do topo do globo e prendi a respiração, enquanto via o material gelatinoso se fechar sobre o pequeno orifício, até não passar de uma alfinetada na membrana do globo. Assim que ele se fechou como devia, arrolhei o frasco, pus o dente de lado e me levantei.

— Pronto — anunciei para Harkat e

Spits.

Harkat veio até a mim se arrastando. Spits ficou onde estava, com os olhos arregalados e as mãos sobre a cabeça.

— Pegue o frasco e o dente — pedi para Harkat. — Deixe-os onde Spits está, para evitar qualquer perigo.

— Você quer que eu... volte aqui para ajudar? — perguntou o Pequenino.

Balancei a cabeça.

— Posso atirá-lo mais longe do que você. Vou testar.

— Mas você é um meio-vampiro — disse ele. — Você fez um juramento de que jamais usaria... armas que atiram mísseis ou bombas.

— Estamos num outro mundo... até onde eu sei... e enfrentando um bando de dragões... acho que isso está habilitado a se

tornar uma circunstância excepcional — afirmei secamente.

Harkat sorriu e então se retirou rapidamente com o frasco, a minha cota de globos e o dente da pantera. Quando fiquei sozinho, me agachei, peguei o globo carregado de veneno e o segurei cautelosamente. Eu estremecia enquanto os meus dedos apertavam o globo e esperava que ele fosse explodir na minha cara — mas isso não aconteceu. Virei o globo para ver se uma parte do líquido iria derramar. Ao detectar que não havia vazamentos, levantei-me, joguei meu braço para trás e depois arremessei o globo na direção de uma árvore retorcida à distância.

No momento em que o globo saiu da minha mão, eu me abaixei e cobri a cabeça com as mãos, acompanhando o vôo do globo através dos vãos entre os dedos. Ele pairou

desimpedido enquanto seguia, antes de bater na árvore. Quando atingiu o tronco, a casca do globo se partiu, o líquido espirrou com grande força sobre a madeira, e o ar se rasgou com o som de uma explosão violenta. Meus dedos se fecharam e eu enterrei minha cara no chão. Quando ergui a cabeça e abri os olhos alguns segundos depois, vi a metade superior da árvore caída para a frente e reduzida a escombros no meio.

Levantei-me lentamente, examinei a árvore destruída, e depois me virei e sorri para Harkat e Spits, que também estavam em pé. Curvei o tórax descaradamente, como se estivesse agradecendo a aplausos, e gritei:

— Sai para lá, Bum Bum Billy... tem um novato no pedaço!

Depois disso, Harkat e Spits vieram correndo na minha direção, berrando,

entusiasmados, e ansiosos para fabricarem suas próprias bombas.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Começo da tarde do dia seguinte. Estávamos esperando pelo dragão macho para começar a caçar. O ideal teria sido esperar que ele levasse uma das fêmeas ou um dos dragões mais jovens junto com ele, mas ele normalmente só fazia viagens curtas quando estava acompanhado. A melhor opção seria fazer o nosso movimento enquanto ele estivesse ausente, caçando sozinho, na esperança de

que ele não voltasse enquanto permanecêssemos no vale.

Finalmente, perto do fim do meu turno, o dragão abriu suas longas asas e ganhou os céus. Saí correndo para avisar Harkat e Spits.

Havíamos enchido os trinta e dois globos restantes com o líquido do frasco. Este ainda tinha um terço do conteúdo e eu o carregava dentro da minha camisa, mantendo-o como reserva. Harkat e eu dividimos os globos, sem dar nenhum para Spits, muito embora ele tivesse esperneado implacavelmente para que pudesse ter uma cota. Havia dois motivos para deixá-lo sem globos. Em primeiro lugar, nosso objetivo era assustar os dragões, não matá-los. Nenhum de nós queria destruir criaturas tão míticas e maravilhosas, e não dava para confiar

na possibilidade de Spits conter sua ânsia de promover bombardeios. O segundo motivo era que precisávamos que ele se concentrasse na tarefa de pescar. O pirata havia se agarrado à sua rede, a despeito de tudo que havíamos passado — ele a levava enrolada no peito —, e era quem estava mais apto a pescar a alma de Harkat. (*Não sabíamos ao certo que forma as almas do Lago assumiriam, ou como reconheceríamos a de Harkat, mas só nos preocuparíamos com isso quando — e se! — chegássemos lá*.)

— Prontos? — perguntei, enquanto me arrastava para fora da nossa caverna provisória, com quatro globinhos nas mãos.

— Pronto — respondeu Harkat. Ele estava carregando seis globos. Suas mãos eram maiores do que as minhas.

— Aaaaaaah — resmungou Spits, ainda

aborrecido por não ter recebido nenhuma bomba. Ele vinha agindo de modo desagradável durante a maior parte da semana, devido à pequena quantidade de uísque que permitíamos que bebesse.

— Quando tudo isso acabar — tentei animá-lo — você poderá beber todo o uísque que quiser e cair de bêbado, O.K.?

— Gosto de ouvi issu! — devolveu o pirata, rindo.

— Você alimenta a esperança de... voltar para casa? — perguntou Harkat.

— Casa? — Spits franziu a testa e depois sorriu de um jeito doentio. — Aaaaah. Isso vai sê demais. Queria que já tivéssemos lá. — Seus olhos se moviam nervosamente e vagaram rapidamente, como se alguém o tivesse pego em flagrante roubando alguma coisa.

— Iremos em três, lado a lado —

comuniquei a Spits, enquanto me arrastava até o topo da colina. — Você vai no meio. Siga direto para o lago. Nós o protegeremos.

— E se os dragão não fugi das bombas? — perguntou Spits. — Vamo mirá na boca deles? — O ex-pirata achava que éramos loucos por não querermos explodir os dragões.

— Nós os mataremos se for necessário — suspirei. — Mas só se não tivermos outra alternativa.

— E só depois que eles tiverem... comido você — acrescentou Harkat, para depois cair na gargalhada quando Spits o amaldiçoou em voz alta com um palavrão.

Formando uma linha, checamos tudo uma última vez. Harkat e eu carregávamos todos os nossos pertences nos bolsos e Spits trazia seu saco pendurado no ombro. Respirando profundamente, trocamos sorrisos

falsos e então começamos a descer o vale, onde quatro dragões estavam à nossa espera.

Um dragão jovem nos avistou primeiro. Ele brincava com o seu irmão — os dois costumavam perseguir um ao outro em volta do vale, como se fossem dois gatinhos crescidos. Quando ele nos viu, ergueu-se no ar, bateu as asas e gritou para avisar aos outros. As cabeças das fêmeas se levantaram, e os olhares quentes e amarelados de ambas se enfureceram acima de suas caras longas e lilases.

A fêmea de cabeça cinza se levantou, abriu as asas, as bateu com firmeza e logo o bicho estava voando. Ela deu uma volta, gritando, e então voltou seu focinho na nossa direção e nos deu um close. Dava para ver suas narinas se expandindo enquanto se preparava para cuspir fogo.

— Deixa que eu tomo conta dessa aí — gritei para Harkat, enquanto dava um passo a frente, segurando um dos globos maiores. Avaliei precisamente qual era o melhor momento, esperei até o dragão estar quase na minha frente e depois joguei o globo com força no chão e me abaixei. Ele explodiu, fazendo com que seixos e o solo voassem na direção da cara do animal. A fera gritou, em pânico, e fugiu, dando uma guinada para a esquerda.

A segunda fêmea decolou assim que ouviu a explosão, seguida pelos dragões mais jovens, que se posicionaram alguns metros acima de suas mães, que pairavam lado a lado.

Enquanto os dragões pairavam no ar, corremos na direção do Lago das Almas, sendo que eu e Harkat estávamos atentos

para cada passo que dávamos, ambos a par do que aconteceria se derrubássemos e quebrássemos os globos mortais. Spits não parava de murmurar.

— É melhó que valha a pena! É melhó que valha a pena! É melhó que...

As fêmeas se separaram e nos atacaram vindo de duas frentes ao mesmo tempo, caindo do céu como se fossem dois cometas. Harkat e eu esperamos e depois jogamos nossos globos ao mesmo tempo, confundindo os dragões com explosões altas e gêiseres ofuscantes de terra e pedras.

As répteis nos perseguiram até o Lago, revezando-se ou nos atacando juntas a cada minuto ou intervalo parecido, só se desviando quando arremessávamos nossos globos. Um dos dragões jovens tentou se juntar às duas, mas sua mãe lhe advertiu com

uma rajada de fogo, para assustá-lo e fazê-lo voltar até sua altitude segura anterior.

Enquanto avançávamos, percebi que os dragões eram criaturas inteligentes. Depois das primeiras explosões, eles não voavam mais para dentro das rajadas e se detinham assim que nos viam arremessando os globos. Em duas ocasiões eu tentei ser mais esperto fingindo que ia arremessar um globo, mas eles obviamente perceberam a minha manobra e só se recolheram quando eu de fato lancei um.

— Eles permanecerão vindo na nossa direção até ficarmos sem globos! — berrei para Harkat.

— Parece que sim! — gritou o pequenino de volta. — Você já viu... quantos já usou?

— Acho que uns seis ou sete.

— Eu também. Isso nos deixa com cerca

de... metade da nossa cota inicial. O suficiente para que cheguemos no... Lago... mas não para voltar!

— Se vamos recuar, terá que ser agora — observei.

Para a minha surpresa, Spits respondeu antes que Harkat pudesse fazê-lo.

— Não! — berrou ele, com o rosto ruborizado. — Tamos muito perto pra recuá!

— Spits parece que está pegando o espírito da aventura — afirmei, rindo.

— Quanto tempo ele demora para... demonstrar alguma determinação! — respondeu Harkat, bufando.

Corremos para o Lago e chegamos uns dois minutos depois, tendo usado mais dois globos no decorrer. As fêmeas se afastaram assim que viram que estávamos nos aproximando da beira do lago. Elas pairavam no

céu com seus filhotes, bem acima de nossas cabeças, observando, receosas.

Spits foi o primeiro a olhar para a água do Lago das Almas, enquanto eu e Harkat vigiávamos os dragões. Depois de alguns segundos, ele caiu de joelhos e gemeu suavemente.

— Que lindu! Tudo qu'eu sempre sonhei, e muito mais!

Depois de olhar para trás a fim de ver por que ele estava balbuciando, me vi fitando, pasmo, a água azul e escura, na qual nadavam centenas e mais centenas de figuras vagamente humanas. Seus corpos e rostos eram pálidos e mal definidos, alguns se inchando e sugando o ar, quase como um peixe dando baforadas e voltando ao tamanho normal. Outros se apertavam até virarem bolinhas ou se esticavam até atingir

comprimentos impossíveis. Todos nadavam em círculos, lenta e tristemente, indiferentes, sem que nada pudesse distraí-los; os olhos piscando e os dedos ondulando eram os únicos sinais de vida que emitiam. Algumas das formas vinham boiando na direção dos níveis superiores do Lago de vez em quando, mas nenhuma delas vinha à tona. Tive a impressão de que elas não eram capazes de fazer isso.

— As almas dos mortos — sussurrou Harkat. Ambos havíamos dado as costas para os dragões, momentaneamente cativados pelo espetáculo que víamos no Lago.

A maior parte das formas se revirava lentamente enquanto nadava, de modo que seus rostos ficavam ora visíveis, ora não. Cada rosto era um quadro de solidão e amargura. Aquele era um lago de sofrimento. Não

de agonia — ninguém parecia estar sentindo dores — apenas tristeza. Estava estudando seus rostos e me enchia de piedade quando avistava alguém que eu conhecia.

— Pelo sangue negro de Harnon Oan — gritei, dando involuntariamente um passo para trás.

— O que foi? — perguntou Harkat na mesma hora. Ele achava que eu havia encontrado a pessoa que ele havia sido.

— *Vampirado!* — A palavra saiu com um volume menor do que um suspiro. O primeiro vampixiita que eu cheguei a conhecer. Consumido pela loucura, ele havia perdido o controle e vinha matando pessoas na cidade natal do Sr. Crepsley. Nós o rastreamos e o Sr. Crepsley o matou. O vampixiita estava exatamente igual a quando morreu, apenas seu brilho escarlate era

abrandado pela água do lago e pela profundidade em que nadava.

Enquanto eu observava, Vampirado afundava, saindo lentamente do meu raio de visão até ganhar o fundo do Lago. Um arrepio percorreu a minha espinha. Jamais havia pensado que veria o rosto de Vampirado novamente. Ele havia trazido de volta muitas lembranças ruins. Eu estava perdido em pensamentos, transportado de volta para o passado, revivendo aquelas noites de muito tempo atrás, imaginando que outras almas poderíamos encontrar por lá. Não a do Sr. Crepsley — Evanna havia me dito que sua alma estava no Paraíso. Mas e quanto aos primeiros vampixiitas que eu havia assassinado? O Sr. Torvelinho? Arra Barbatanas? Kur...

— Que lindu — murmurou Spits,

cortando meu fluxo de pensamento. Ele levantou os olhos na minha direção e seus olhos estavam cheios de lágrimas de felicidade. — O baixinho de galochas amarela me disse que seria assim, mas só agora que acreditei. Todos os meus sonho seria realizados. Agora sei que ele num tava mentindo.

— Deixe os seus sonhos para lá! — vociferei, lembrando a ele do perigo que estávamos correndo. Tirei Vampirado dos meus pensamentos e me virei para prestar atenção nos dragões. — Vá pescar, rápido, para que possamos sair daqui!

— Eu vô pescar, com certeza — disse Spits, com uma risadinha —, mas se tu acha que eu vô deixar esse poço de tesouros submersos, tu é mais doido do que os Kulashkas!

— O que você quer dizer com isso? —

perguntou Harkat, mas Spits não respondeu imediatamente, apenas desembaraçou sua rede com um cuidado calculado e a jogou na água calma do Lago das Almas.

— Eu era considerado um trunfo no *Príncipe dos Párias* — afirmou o pirata, suavemente. — Ninguém preparava um rango tão bom quanto Spits Abrams. O capita costumava dizê que eu era a segunda pessoa mais importante a bordo, abaixo apenas de Bum Bum Billy. Quando Billy se explodiu, eu passei a ser o homi mais importante a bordo. Todos os pirata seriam capazes de vendê a mãe pra traçá uma tigela do famoso ensopado de Spits, ou uma fatia de sua deliciosa carne assada.

— Ele está enlouquecendo! — berrei.

— Acho que não — afirmou Harkat, nervoso, estudando Spits enquanto ele se

concentrava em sua rede, mordendo os lábios, os olhos inflamados com uma luz interior assustadora.

— Eles nunca me perguntaram donde vinha a carne — prosseguiu Spits, enquanto balançava sua rede dentro d'água. As almas no Lago se dividiram e nadaram em torno da rede automaticamente, mas suas expressões lúgubres não mudaram. — Mesmo quando passávamos mês a fio no meio do oceano, e todos os outros suprimento haviam acabado, eu tinha como prepará tanta carne de primeira quanto eles eram capaz de comê.

O pirata parou e sua boca se apertou de raiva.

— Quando eles descobriram tudo, disseram que eu num era humano e num merecia vivê. Mas eles sabiam. Lá no fundo, deviam imaginar e mesmo assim se danaram a

mastigar. Foi só quando um novo tripulante me pegou no flagra e fez um escarcéu que eles tiveram que admiti. Hipócritas! — vociferou. — Não passavam de um bando de hipócritas fedorento e mentiroso com duas cara, que só nasceram pra ardê nas fogueira do inferno!

O rosto de Spits foi ganhando um ar ardiloso e ele começou a rir como um maníaco enquanto puxava a sua rede, para checar suas condições, e depois jogá-la dentro d'água novamente.

— Mas como o demo num tinha tempo pra cuidá deles, eu mesmo irei fritá-los. Aaaaaaah! Eles achava que tinham se livrado de Spits Abrams quando me jogaram ao mar. Mas veremos quem vai ri por último quando eles tiverem coberto de cuspe, chiando lentamente sobre as minhas chama!

— Do que ele está falando? — perguntei em voz baixa.

— Acho que estou entendendo — sussurrou Harkat, e depois se dirigiu a Spits. — Quantas das pessoas... que você pescou do mar... você *matou?*

— A maior parte — respondeu Spits, com uma risada. — No calô da batalha, ninguém percebia quais deles seriam jogado ao mar. De vez em quando eu deixava um vivo pra mostrá pro capitão e pra tripulação. Mas eu cortava as garganta da maioria e escondia os corpo nas galé.

— E depois você os cortava... os cozinhava e os servia... para os piratas — afirmou Harkat num tom pouco sincero, enquanto eu sentia meu estômago se revirar.

— *O quê?* — perguntei, arfante.

— Esse era o grande segredo de Spits —

disse Harkat, enjoado. — Ele era um canibal e transformou seus... colegas de embarcação em canibais também!

— Eles adoravam! — gritou o pirata. — E continuariam traçando a bóia do Spits pra sempre sem dizê nada se aquele moleque num tivesse passado por mim enquanto eu preparava um pároco gordo e sua esposa! Depois disso, eles ficaram enojado e passaram a me tratá como se eu fosse um monstro.

— Eu já comi carne humana — disse Harkat calmamente. — Os pequeninos comem qualquer coisa. Quando voltei pela primeira vez da morte, meus pensamentos... não eram meus, e eu comia com os outros. Mas só comíamos carne... daqueles que morriam de causas naturais. Não matávamos. E não tínhamos prazer... nisso. Você *é* um

monstro, até mesmo para alguém... como eu.

Spits olhou com desprezo.

— Não vem, seu ogro! Sei por que, de fato, cê tá aqui... pra se deleitá com o ensopado do Spits! O jovem Shan também! — Seus olhos se fixaram em mim e ele passou a piscar torto. — Tu achava que eu não sabia quem tu era, mas Spits não é tão burro quanto parece. Tu é um sanguessuga! Alimentou-se de mim quando pensou que eu tava dormindo. Então não banquem os inocente, rapazes... num vai funcionar!

— Você está errado, Spits — afirmei. — Eu bebo sangue para sobreviver, e Harkat fez coisas no passado das quais se envergonha. Mas não somos assassinos ou canibais. Não queremos participar do seu banquete profano.

— Veremos se o cê vai pensá da mesma

forma quando senti o chero da comida — prosseguiu Spits em seu falatório. — Quando seus lábio tiverem babando e seus estômago roncando, ocês virão correndo com os prato na mão, implorando por um pedaço grosso e suculento de coxa.

— Ele está completamente fora de si — sussurrei para Harkat, e depois gritei no intuito de chamar a atenção de Spits. — Você se esqueceu dos dragões? *Nós seremos* fritos e devorados se ficarmos aqui tagarelando!

Eles não vão nos incomodá — disse Spits, confiante. — O tal de Tino me disse. Ele falou que, enquanto eu tivé a uns dois metro e meio do Lago, os dragão não poderão me ferir... eles não conseguem se aproximar tanto. Há um feitiço no Lago. A não ser que um ser vivo pule ou caia dentro dele, os dragão num pode se aproximar.

Spits parou de arrastar sua rede e nos contemplou calmamente.

— Ocês num tão vendo, rapazes? Num precisamo mais sair daqui. Podemo ficar aqui o resto das nossas vida, pescando o nosso jantar diariamente, bebendo toda a água que quisermos. Tino disse que apareceria caso chegássemo aqui e prometeu que nos daria panelas e material para fazê fogueira. Teremos que comê carne crua até lá, mas já comi humanos crus antes... não são tão gostosos quanto cozidos, mas cês não terão motivos pra reclamá.

— *Esse* sonho é só seu! — sibilou Harkat. — Não de voltar para o nosso mundo, mas de ficar... aqui para sempre, pescando as almas... dos mortos!

— Aaaaaaah! — gargalhou Spits. — Tino me falô sobre isso. As alma num tem corpos

na água... são apenas fantasmas o que vemo. Mas uma vez qui são arrastado pra terra firme, eles se tornam reais, do jeito que eram antes de morrê. Terei como matá-los de novo e retalhá-los do jeito que eu quisé. Um suprimento interminável... incluindo as almas do capitão e da maior parte dos outros tripulantes do *Príncipe dos Párias*! Posso me vingar e ficar de estômago cheio!

Ouvimos um baque pesado bem atrás de nós — o dragão macho havia voltado e pousado bem ao lado de onde estávamos. Ergui um globo para arremessar em sua direção, mas depois percebi que ele não se aproximava mais do que aquilo. Spits tinha razão sobre os dragões não poderem se aproximar do Lago.

— Não podemos deixar você fazer isso — falei. Foquei em Spits e comecei a andar em

sua direção.

— Ocê num pode me detê. — Ele torceu o nariz. — Se tu não quisé ficar pode se mandá. Vô pescá a alma do ogro e tu pode se arriscá contra os dragões. Mas num tem nada que cê possa fazê pra fazê com que eu te acompanhe. Tô ficando.

— Não — retruquei. — Não vamos deixar.

— Sai pra lá! — avisou Spits, baixando a rede e sacando uma faca. — Gosto de ocês dois... prum vampiro e prum ogro cês são caras decente... mas vô arrancá o couro dos seus ossos se for preciso!

— Nem tente, Spits — disse Harkat, vindo por trás de mim. — Você nos viu em ação. Sabe que somos mais fortes e mais rápidos... do que você. Não nos obrigue a machucá-lo.

— Num tenhó medo de ocês! — gritou Spits, recuando e balançando sua faca em nossa direção. — Cês precisam de mim mais do que eu de ocês! Se ocê não recuá, não vô pescá tua alma, e isso por enquanto!

— Não ligo — devolveu Harkat suavemente. — Prefiro gastar a minha chance... e morrer do que deixar você ficar aqui para atormentar as almas... dos mortos e se alimentar delas.

— Mas são almas podre! — gritou Spits. — Num são almas de gente boa... são as alma dos perdido e dos condenado, que não conseguiram entrá no céu.

— Não importa — retrucou Harkat. — Não vou deixar você... comê-los.

— Sua dupla doida de marinheiru de água doce — rosnou o pirata, enquanto parava. — Cês acham que podem me roubá a

única coisa que me fez passá todos esses ano sozinho nesse buraco do inferno? Não bastou pr'ocês roubar o meu uísque... agora querem me deixá sem carne também! Bem, que se danem, seus demônios das trevas... que os dois vão pro inferno!

Com um grito estridente, Spits atacou, cortando o ar ferozmente com sua faca. Tivemos que pular para trás rapidamente a fim de que não fôssemos atingidos pelo ex-pirata enfurecido. Spits veio correndo na nossa direção, berrando alegremente, balançando sua faca.

— Vou fatiá e cozinhá ocês! — uivou o sujeito. — Os morto pode esperar... hoje à noite vou me fartá com as suas carne! Vô vê do que ocês são feito por dentro. Nunca comi um vampiro ou um ogro... vô podê fazê uma comparação interessante!

— Spits! — gritei, enquanto desviava da faca. Pare agora e vamos deixá-lo viver! Caso contrário, teremos que matá-lo!

— Só vai tê um homi matando aqui hoje! — retrucou Spits. — Spits Abrams, o flagelado dos mares, senhor do Lago, sultão dos chefs, rei dos...

Antes que Spits pudesse prosseguir, Harkat penetrou em sua guarda e conseguiu imobilizar o braço que segurava a faca. Spits gritou para o pequenino e o atingiu com seu punho livre. Quando viu que o golpe não havia surtido o menor efeito, ele sacou uma garrafa de uísque do seu saco e se preparou para quebrá-la na cabeça de Harkat.

— Não vai não! — resmunguei, enquanto agarrava o antebraço de Spits. Apertei-o com força, até ouvir ossos se partindo. Spits urrou de dor, deixou a garrafa cair e cambaleou.

Assim que o soltei ele recuou na mesma hora, livrando-se de Harkat e caindo no chão a uns dois metros de distância.

— Desista! — gritei enquanto Spits despencava e sacava outra garrafa, imobilizando seu braço ferido contra o peito.

— Nunca! — gritou ele. — Eu inda tenho uma mão boa. Isso bastará pra... — Ele parou quando nos viu imóveis, com os olhos arregalados. — Qualé a de ocês agora? — perguntou o pirata, desconfiado. Não conseguíamos responder, só fitar sem palavras o espaço atrás dele. Spits sentia que não estávamos tentando enganá-lo, e se virou para ver o que estávamos contemplando. Ele se viu cara a cara com os olhos frios e ferozes do dragão macho.

— É só isso que tá incomodando ocês? — perguntou Spits, aos apupos. — Eu já num

disse pr'ocês que eles num pode se aproximá enquanto ficarmos...

Sua voz foi morrendo até ficar em silêncio. Ele olhou para seus pés, depois para nós e em seguida para o Lago — que estava a quatro ou cinco metros de onde ele permaneceu!

Spits poderia ter corrido para uma posição mais segura, mas não o fez. Com um sorriso amargo, ele balançou a cabeça, cuspiu no mato e murmurou:

— *Aaaaarrr!* — O dragão escancarou sua boca quando Spits disse isso, como se estivesse esperando por uma ordem, e cuspiu uma enorme bola de fogo sobre o ex-pirata fracassado. Spits desapareceu no meio das chamas e Harkat e eu tivemos que cobrir nossos olhos e desviar do calor.

Quando olhamos novamente, um Spits

flamejante cambaleava na nossa direção, agitando os braços, com o rosto invisível por trás de uma máscara de chamas vermelhas. Se ele estava gritando, não dava para ouvir por causa do crepitar do cabelo e das roupas que queimavam. Afastamo-nos enquanto Spits se aproximava. Ele continuou a vir até onde estávamos, absorto de nossa presença, e não parou até alcançar a beira do Lago das Almas e cair em seu interior.

Assim que saímos daquele estado de torpor, corremos até o Lago no caso de haver alguma coisa que pudéssemos fazer para ajudar Spits. Mas havíamos chegado tarde. Ele já estava no fundo do lago, com os braços ainda se movendo, mas fracamente. Enquanto observávamos, as sombras cintilantes dos mortos cercaram o corpo do pirata, como se estivessem guiando-o no seu caminho. Os

braços de Spits aos poucos iam parando de se mover, até que seu corpo afundou ainda mais dentro d'água, até sumir de vista, no meio da escuridão sombria das profundezas repletas de almas.

— Pobre Spits — disse Harkat em voz baixa. — Isso foi terrível.

— Ele provavelmente merecia isso — suspirei —, mas gostaria que as coisas pudessem ter acontecido de outro jeito. Se ele ao menos...

Um rugido fez as palavras morrerem na minha garganta. Virei a cabeça e avistei o dragão macho, pairando no ar bem próximo a nós, com os olhos brilhando.

— Não se preocupe — disse Harkat. — Estamos perto do Lago. Ele não pode... — As palavras morreram em seus lábios enquanto ele se voltava na minha direção, com os

olhos verdes cheios de medo.

— O feitiço! — lembrei, aflito. — Spits disse que ele só duraria até uma pessoa viva cair dentro do Lago! E ele ainda estava vivo quando...

Enquanto nos levantávamos, tremendo, o dragão — não mais contido pelo feitiço — escancarou suas mandíbulas e cuspiu uma bola de fogo na nossa direção — com a intenção de acabar conosco da mesma forma que matou Spits!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Reagi mais rápido às chamas do que Harkat — já havia me queimado seriamente muitos anos atrás, e não tinha a menor vontade de sofrer o mesmo destino novamente. Atirei-me sobre o pequenino, impedi que ele fosse atingido pela rajada e rolamos juntos. Enquanto as chamas passavam longe de nós, acima da água do Lago — iluminando momentaneamente os rostos dos mortos que

estavam presos em seu interior — alcancei um globo e o joguei no chão, logo abaixo do dragão. Houve uma grande explosão e o réptil recuou, arfando — sendo pela primeira vez exposto aos nossos explosivos.

— Rápido! — gritei para Harkat. — Dê-me os seus globos, pegue a rede e pesque a sua alma!

— Eu não sei... pescar! — gritou Harkat.

— Não tem hora melhor para aprender! — berrei, antes de arremessar um outro globo enquanto uma das fêmeas vinha arremetendo sobre nós.

Na mesma hora, Harkat descarregou os seus globos e os deixou no chão, aos meus pés. Então, pegando a rede abandonada de Spits, ele a retirou do Lago, parou para arejar seus pensamentos e, lentamente, foi jogando a rede. Enquanto o fazia, ele murmurava

suavemente:

— Eu busco minha alma, espíritos... dos mortos. Eu busco minha alma, espíritos... dos mortos. Eu busco minha...

— Não fale! — berrei. — Pesque!

— Calma! — sibilou Harkat. — É assim mesmo. Posso sentir. Devo apelar para a minha alma para... que seja atraída pela rede.

Queria lhe perguntar como ele havia descoberto isso, mas não havia tempo — o macho e ambas as fêmeas estavam atacando; as fêmeas vindo da esquerda e da direita, o macho flutuando por sobre o Lago, na nossa frente. Depois de assustar as fêmeas com dois globos atirados precipitadamente, observei o dragão que se curvava para baixo na direção da superfície do Lago. Se eu jogasse um globo dentro do Lago, ele não explodiria.

Isso significava que eu teria que arremessá-lo no próprio dragão e possivelmente matá-lo. Parecia uma desonra, mas não havia outras opções.

Eu estava mirando no animal quando tive uma idéia. Assim que joguei o globo na direção da água à frente da fera que se aproximava, peguei um seixo que estava por perto, mirei cuidadosamente, e o joguei para que atingisse o globo. O choque se deu bem na hora em que o dragão estava se aproximando do globo, banhando o rosto da criatura com uma torrente de água em ebulição.

O dragão desistiu do ataque e traçou um arco no ar para fugir, berrando a sua frustração. As fêmeas quase conseguiram chegar sorrateiramente enquanto eu estava cuidando do macho, mas as avistei bem na hora e as dispersei com outra rajada. Enquanto os

dragões se reagrupavam mais acima, fiz uma rápida contagem de globos — restavam oito, mais o frasco.

Queria pedir para que Harkat se apressasse, mas seu rosto estava fortemente cerzido enquanto ele se curvava sobre a rede e sussurrava suavemente para as almas no Lago, em busca da alma da pessoa que costumava ser. Perturbá-lo significaria atrasá-lo.

Os dragões atacaram novamente, usando a mesma formação de antes, e mais uma vez eu os repeli com sucesso, o que me deixou com meros cinco globos. Enquanto eu pegava mais três, pensei em mirar para matar — depois desses três, só me restaria o par derradeiro — mas enquanto eu estudava os dragões pairando no ar, fui mais uma vez tocado por sua impressionante majestade.

Aquele era o seu mundo, não o nosso. Não tínhamos o direito de matá-los. E se eles fossem os únicos dragões vivos e nós exterminássemos toda uma espécie apenas para salvar nossos pescoços?

Enquanto os dragões atacavam mais uma vez, eu ainda não estava bem certo do que pretendia fazer com os globos explosivos. Clareando a minha mente, permiti que meu mecanismo de autodefesa viesse à tona e fizesse a escolha por mim. Quando vi minhas mãos lançando os globos para que explodissem perto dos dragões, assustando-os, mas não os matando, acenei com a cabeça, franzindo a testa.

— Que seja assim — suspirei e depois gritei para Harkat. — Não posso matá-los. Depois do próximo ataque, estaremos acabados. Você quer pegar os globos e...

— Peguei! — gritou Harkat, puxando a rede ferozmente, de modo que as cordas se retesavam e rangiam num nível alarmante. — Mais alguns segundos! Só mais… alguns segundos!

— Farei o que puder — respondi, com uma careta, para então encarar os dragões, que vinham sobre nós como antes, repetindo pacientemente a manobra anterior. Pela última vez eu despachei as fêmeas, depois saquei o frasco, lancei-o sobre a superfície do Lago e o quebrei com uma pedra. Alguns cacos de vidro devem ter atingido o dragão macho quando o frasco explodiu, pois ele rugia de dor enquanto se afastava.

Agora que não havia mais nada a fazer, corri na direção de Harkat e segurei a rede.

— Esta pesada! — resmunguei, sentindo a resistência enquanto a puxava.

— É muito grande! — concordou Harkat, rindo que nem um louco.

— Você está bem? — perguntei, berrando.

— Não sei! — gritou ele. — Estou excitado, porém apavorado! Esperei por tanto tempo... por este momento, e ainda... não sei o que esperar.

Não dava para ver o rosto da forma presa nos fios da rede — ela havia virado o rosto para o lado — mas era um homem, de estrutura leve, com o que parecia ser um cabelo louro e sujo. Enquanto puxávamos o espírito para fora do Lago, sua forma brilhava, depois se tornou sólida, aos pouquinhos. Primeiro veio uma mão, depois um braço, seguido pela outra mão, a cabeça, o peito...

Já tínhamos a alma resgatada quase inteira quando avistei o dragão macho se

aproximando, com o focinho sangrando; dor e fúria em seus olhos grandes e amarelados.

— Harkat! — gritei. — Nosso tempo está acabando!

Assim que olhou para cima, Harkat avistou o dragão e resmungou ferozmente. Ele deu uma última e desesperada puxada na rede. O corpo que estava em seu interior veio para frente, enquanto seu pé esquerdo se solidificava e saía da água, fazendo um barulho parecido com o de um tiro. Enquanto o dragão caía sobre nós, com a boca fechada, as narinas em brasa, trabalhando numa bola de fogo, Harkat virou o corpo para frente, revelando um rosto pálido, confuso e horrorizado.

— O quê...? — perguntei, ofegante.

— Não pode ser! — disse o meu amigo em voz baixa, enquanto o homem na rede,

que parecia incrivelmente familiar, nos encarou com olhos completamente aterrorizados.

— Harkat! — gritei. — Esse aí não pode ser quem você era! — Meu olhar se voltou para o pequenino. — Pode?

— Não sei — afirmou Harkat, desnorteado. Ele olhou fixamente para o dragão, agora quase nas nossas peles, e depois para o homem deitado que tremia na margem. — Sim! — gritou ele subitamente. — Esse sou eu! Sou ele! Eu sei quem eu era! Eu...

Enquanto o dragão abria a boca e cuspia fogo na nossa direção com toda a força que podia, Harkat jogou a cabeça para trás e berrou o mais alto que podia:

— Eu fui o traidor dos vampiros... *Kurda Smahlt*!

Então o fogo do dragão nos varreu e o mundo ficou vermelho.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Caí no chão, prendendo meus lábios e com os olhos fechados. Enquanto me levantava, tentava rastejar para longe da bola de fogo antes que fosse consumido até os ossos...

...depois parei quando percebi que, embora estivesse cercado pelas chamas do dragão, não havia nenhum calor! Abri um pouco minha pálpebra esquerda, pronto para fechá-la rapidamente de novo. O que vi fez os

meus dois olhos se arregalarem e meu queixo cair por conta do espanto.

O mundo ao meu redor havia parado. O dragão pendia congelado sobre o Lago e uma longa linha de fogo saía da sua boca. As chamas não cobriam apenas eu, mas Harkat e o homem nu — Kurda Smahlt — que estava no chão. Mas nenhum de nós havia se queimado. As chamas estáticas não nos feriram.

— O que está acontecendo? — perguntou Harkat, enquanto suas palavras ecoavam sem propagar som algum.

— Não tenho idéia — respondi, passando a mão no meio do fogo congelado que me cercava... que mais parecia com um nevoeiro quente.

— Logo... ali! — disse em voz baixa o homem que estava no chão, apontando para

a sua esquerda.

Harkat e eu seguimos a direção do dedo e vimos um homem baixo e atarracado vindo a passos largos até onde estávamos, radiante, brincando com um relógio em forma de coração.

— *Sr. Tino!* — gritamos juntos, e depois atravessamos as chamas inofensivas e corremos para encontrar o misterioso homenzinho, enquanto Harkat segurava Kurda por debaixo dos braços e o arrastava.

— Belo *timing*, rapazes! — O Sr. Tino se expandia à medida em que ia ficando ao alcance da nossa voz. — Não esperava que fosse ser por tão pouco. Que final emocionante! Bastante satisfatório.

Parei e fiquei olhando para o Sr. Tino.

— Você não sabia como iria acabar? — perguntei.

— É claro que não — respondeu ele, com um sorriso malicioso. — Foi isso que fez com que tudo fosse tão divertido. Mais alguns segundos e vocês seriam torrados!

O Sr. Tino passou por mim e entregou um manto para Harkat e seu companheiro nu.

— Cubra a pobre alma — disse ele.

Harkat pegou o manto e o usou para envolver os ombros de Kurda. Este não disse nada, só ficou olhando para nós três, com os olhos azuis arregalados de medo e dúvida, tremendo como um recém-nascido.

— O que está acontecendo? — perguntei ao Sr. Tino, vociferando. — Harkat não pode ter sido Kurda... ele já estava por aí muito antes de Kurda morrer!

— O que você acha, Harkat? — perguntou o Sr. Tino ao pequenino.

— Sou eu — sussurrou Harkat, estudando Kurda intensamente. — Não sei como... mas é.

— Mas não pode... — comecei, só para que o Sr. Tino me interrompesse bruscamente.

— Discutiremos isso mais tarde. Os dragões não ficarão assim indefinidamente. É melhor não estarmos aqui quando eles descongelarem. Posso controlá-los normalmente, mas eles estão num estado muito agitado e seria mais seguro não abusarmos da sorte. Eles não podem me ferir, mas seria uma vergonha perder todos vocês para sua fúria a essa altura.

Eu estava ansioso por respostas, mas a idéia de enfrentar os dragões novamente fez-me segurar a minha língua e seguir em silêncio enquanto o Sr. Tino nos conduzia para

fora do vale, assobiando, ao mesmo tempo em que nos afastávamos dos restos perdidos de Spits Abrams e dos outros espíritos mortos e cativos do Lago das Almas.

Noite. Sentados à beira de uma fogueira crepitante, estávamos terminando de comer uma refeição preparada por dois dos pequeninos do Sr. Tino. Estávamos a menos de um quilômetro do vale, a céu aberto, mas o Sr. Tino nos assegurara que não seríamos perturbados por dragões. Do outro lado da fogueira havia uma entrada alta em forma de arco, parecida com a que havíamos transposto para cair neste mundo. Não via a hora de me jogar através dela, mas havia perguntas que precisavam ser respondidas antes.

Meus olhos se voltaram para Kurda Smahlt, como o fizeram freqüentemente

desde que o havíamos tirado de dentro do Lago.

Ele estava extremamente pálido e magro, seu cabelo desgrenhado, seus olhos enegrecidos de medo e dor. Mas, por outro lado, ele parecia exatamente o mesmo desde que o vira pela última vez, quando eu estraguei os seus planos de trair os vampiros em benefício dos vampixiitas. Ele foi executado pouco depois, jogado num poço cheio de estacas até morrer, esquartejado e cremado.

Kurda sentia que meus olhos estavam sobre ele e me fitou, envergonhado. Ele não tremia mais, embora ainda parecesse muito incerto. Afastando seu prato, ele limpou a boca com um pedaço de pano e perguntou delicadamente:

— Quanto tempo se passou desde que

fui executado?

— Mais ou menos oito anos — respondi.

— Isso é tudo? — prosseguiu ele, franzindo a testa. — Parece ter se passado muito mais.

— Você se lembra de tudo que aconteceu? — perguntei.

Ele acenou friamente com a cabeça.

— Minha memória está tão aguçada quanto antes, embora gostaria que não estivesse... aquela queda no poço de estacas é algo que eu preferia nunca mais ter que lembrar. — Ele suspirou. — Lamento o que fiz, ter matado o Sr. Torvelinho e traído o clã. Mas acreditava que isso seria para o bem de nossa gente... estava tentando evitar uma guerra com os vampixiitas.

— Eu sei — respondi delicadamente. — Estamos em guerra desde que você morreu, e

o Senhor dos Vampixiitas se revelou. Ele... — Solucei profundamente. — Ele matou o Sr. Crepsley. Muitos outros morreram também.

— Lamento — repetiu Kurda. — Talvez, se eu tivesse sido bem-sucedido, eles ainda estariam vivos. — Ele fez uma careta na mesma hora em que disse isso e balançou a cabeça. — Não. É muito fácil dizer "o que aconteceria se" e pintar o quadro de um mundo perfeito. Haveria morte e desgraça mesmo se vocês não tivessem me exposto. Isso era inevitável.

Harkat não havia dito muita coisa desde que nos sentamos — ele vinha observando Kurda como faz um bebê com sua mãe. Então seus olhos se voltaram para o Sr. Tino e ele disse calmamente.

— Sei que fui Kurda. Mas *como*? Fui criado anos antes... de Kurda morrer.

— O tempo é relativo — disse o Sr. Tino, às gargalhadas, assando algo que tinha a aparência suspeita de um globo ocular humano na ponta de uma vara sobre o fogo. — Do presente, eu posso me mover para trás de volta ao passado, ou para a frente rumo a qualquer um dos futuros possíveis.

— Você pode viajar pelo tempo? — perguntei, cético.

O Sr. Tino acenou positivamente.

— Essa é a grande sensação que eu tenho na vida. Ao brincar com o tempo, posso influenciar sutilmente o curso dos eventos futuros, mantendo o mundo numa ruína caótica... é mais interessante assim. Posso ajudar ou retardar humanos, vampiros e vampixiitas, como me convir. Não há limites para o que eu posso fazer, mas eu trabalho ampla e ativamente dentro deles.

Ele fez uma pequena pausa antes de prosseguir, e dirigiu suas palavras para Harkat.

— Por motivos próprios, decidi ajudar o jovem Mestre Shan. Fiz muitos planos pensando nesse rapaz, mas vi, há alguns anos, que ele estava fadado a morrer cedo. Sem alguém para interferir nos momentos vitais (*por exemplo, quando ele lutou com o urso no caminho até a Montanha dos Vampiros, e mais tarde, com os javalis durante os seus Rituais de Iniciação*), ele já teria perecido há muito tempo. Por isso criei Harkat Mulds — continuou, dessa vez se dirigindo a mim. Ele engoliu o globo ocular que estava cozinhando e arrotou alegremente. — Eu poderia ter usado qualquer um dos meus pequeninos, mas precisava de alguém que zelasse por você enquanto estivesse vivo e

que fizesse aquele algo a mais para protegê-lo. Então embarquei num futuro possível, busquei em meio às almas dos mortos atormentados e encontrei o nosso velho amigo Kurda Smahlt.

O Sr. Tino bateu no joelho de Kurda. O outrora general se retraiu.

— Kurda era uma alma em agonia — afirmou o Sr. Tino, contente. — Ele era incapaz de se perdoar por ter traído sua gente, e estava desesperado para consertar as coisas. Ao se tornar Harkat Mulds para proteger você, ele ofereceu aos vampiros a possibilidade de vitória na Guerra das Cicatrizes. Sem Harkat, você teria morrido há muito tempo, e não haveria caça ao Senhor dos Vampixiitas... ele simplesmente conduziria suas forças à vitória sobre os vampiros.

— Mas eu não sabia... que fora Kurda! — protestou Harkat.

— Bem no fundo você sabia — discordou o Sr. Tino. — Como eu tinha que devolver a sua alma ao passado, tive que esconder de você a verdade sobre a sua identidade... se você soubesse quem era, poderia ter tentado interferir diretamente no futuro. Mas num nível subconsciente, você sabia. Foi por isso que lutou tão bravamente ao lado de Darren, arriscando a sua vida pela dele em diversas ocasiões.

Pensei nisso em silêncio por um bom tempo, assim como fizeram Harkat e Kurda. A viagem no tempo era um conceito difícil de aceitar, mas se eu contemplasse o paradoxo que era poder enviar uma alma do futuro para o passado a fim de alterar o presente — e não questionasse como isso foi alcançado

—, eu poderia entender a lógica. Kurda havia traído os vampiros. Envergonhada, sua alma ficou confinada à Terra. O Sr. Tino lhe ofereceu uma chance de redenção — ao lhe devolver a vida como um pequenino, ele poderia corrigir atitudes sórdidas.

— Há algo que eu não entendo — disse Kurda, para depois estremecer —, na verdade, há *um monte de coisas* que não entendo, mas uma delas é especial. Meu plano de trair os vampiros teria dado certo se Darren não interferisse. Mas você diz que Darren teria morrido sem a minha ajuda como Harkat Mulds. Então, conseqüentemente, eu ajudei Darren a planejar a minha própria ruína!

O Sr. Tino balançou a cabeça.

— Você teria perecido independente das conseqüências. Sua morte nunca esteve em

questão... apenas a maneira como ela ocorreria.

— O que *me* deixa mais confuso — murmurou Harkat — é como... nós dois podemos estar aqui ao mesmo... tempo. Se eu sou Kurda e ele é... eu, como podemos existir juntos?

— Harkat é mais esperto do que parece — observou o Sr. Tino com um sorriso. — A resposta é que você *não pode*... ao menos, não por muito tempo. Enquanto Kurda permanecia no Lago das Almas, Harkat estava livre para correr pelo mundo. Agora que Kurda emergiu, um deve abrir caminho para o outro.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei num estalo.

— Kurda e Harkat partilham a mesma alma — explicou o Sr. Tino — mas ao passo

que uma alma pode ser partida, ela só pode reclamar um corpo a cada dado instante... embora haja maneiras de se proteger um corpo recém-formado por um tempo se você enviá-lo ao passado, que foi como Harkat pôde atuar anteriormente ao mesmo tempo que Kurda. Como é o original, Kurda tem um direito natural à existência. Mesmo agora, os filamentos que dão forma a Harkat estão se desembaraçando. Em um dia, seu corpo irá se dissolver, liberando a sua parte da alma dos dois. Uma alma dividida jamais poderá ser reunida novamente... Harkat e Kurda são duas pessoas diferentes. Como este é o caso, a metade de Harkat da alma de ambos deve deixar este mundo. A natureza opera dessa maneira.

— Você está querendo dizer que Harkat morrerá? — berrei.

— Ele já está morto — afirmou o Sr. Tino, gargalhando.

— Chega de enrolação! — resmunguei. — Harkat irá perecer se ficarmos aqui?

— Ele perecerá onde quer que você esteja — respondeu o Sr. Tino. — Agora que a alma de Kurda ganhou forma, só ele tem o poder de poupar o corpo de Harkat.

— Se eu puder salvar Harkat, eu o farei — disse Kurda na mesma hora.

— Mesmo se isso lhe custar a sua vida recém-restaurada? — perguntou o Sr. Tino discretamente.

Kurda endureceu.

— Do que você está falando?

O Sr. Tino se levantou e se alongou.

— Há muitas coisas que eu não posso lhes dizer. Mas explicarei da melhor forma possível. Há duas maneiras através das quais

eu posso criar um pequenino... do corpo ressuscitado de uma alma... o que se forma quando uma pessoa é pescada no Lago das Almas... ou do seu cadáver. Com Harkat, eu usei os restos originais de Kurda.

— Mas o corpo de Kurda virou cinzas — interrompi-o.

— Não — retrucou Tino. — Quando eu decidi usar a alma de Kurda, voltei para o momento de sua morte e convenci os Guardiões do Sangue a trocar seu corpo por um outro. Usei os ossos de Kurda para fazer Harkat. O acordo que fiz com ele então foi de que, em troca de seu novo corpo, ele viajaria com Darren e o protegeria e, mais tarde, se fizesse o que lhe foi mandado, eu libertaria a sua alma... ele não teria que retornar para o Lago. Bem, Harkat se portou de maneira admirável e é mais do que merecedor de sua

recompensa. Se Kurda quiser, poderá sair daqui como um homem livre. Poderá viver o resto de sua vida renovada, por mais longa ou curta que ela venha a ser. O corpo de Harkat irá se desintegrar, sua alma será liberta, e eu terei defendido a minha parte da barganha.

— Para viver novamente! — sussurrou Kurda, com os olhos brilhando.

— *Ou* — acrescentou o Sr. Tino com requintes de crueldade — podemos fazer um novo acordo e Kurda poderá se sacrificar.

Os olhos de Kurda se apertaram.

— Por que eu faria isso? — vociferou ele.

— Você e Harkat partilham uma alma, mas é uma alma que eu ajudei a dividir em duas partes. Se você deixar que eu destrua o seu novo corpo, sua parte do espírito dividido deixará esta dimensão ao invés da de

Harkat. Ele se tornará o único recipiente físico da sua alma. Nesse caso, não posso lhe garantir imunidade do Lago das Almas, mas ele poderá voltar para casa com Darren e viver a sua vida. Seu futuro lhe pertencerá... se ele viver uma boa vida e morrer satisfatoriamente, o Lago não terá nenhum direito a reivindicá-lo.

— Trata-se de uma escolha vil esta que você está me apresentando — resmungou Kurda.

— Eu não faço as leis — encolheu os ombros o Sr. Tino. — Eu só as obedeço. Um de vocês pode viver... o outro deve dar adeus à vida. Eu poderia fazer o pedido e só matar um de vocês, mas vocês não gostariam de decidir por si próprios?

— Suponho que sim — suspirou Kurda, e depois olhou para Harkat e sorriu. — Não

quero ofendê-lo, mas se fôssemos decidir baseados nas aparências, eu venceria fácil.

— E se o critério fosse... lealdade — respondeu Harkat —, *eu* venceria, já que... nunca traí os meus amigos.

Kurda fez mais uma careta.

— Você gostaria de viver? — perguntou ele a Harkat. — O Lago é um lugar infernal. O Sr. Tino está lhe oferecendo uma fuga garantida. Talvez você queira fazê-la.

— Não — disse o pequenino. — Não quero abrir mão... da vida. Prefiro voltar com Darren e correr o risco.

Kurda olhou para mim.

— O que você acha, Darren? — perguntou ele, delicadamente. — Devo conceder a vida à Harkat ou deixar sua alma livre?

Comecei a responder, mas Harkat me interrompeu.

— Darren não tem nada a ver… com isso. Boa parte da minha memória… da *sua* memória… está retornando. Muitas coisas estão claras agora. Conheço você da mesma forma que… conheço a mim mesmo. Você sempre seguiu o seu caminho… mesmo a ponto de trair a sua gente… quando achava que isso era para o seu bem. Seja o homem na morte que… você foi na vida. Decida sozinho.

— Ele se colocou muito bem — murmurou o Sr. Tino.

— Eu não poderia ter dito melhor — concordou Kurda, sorrindo discretamente. Ele se levantou, girou o corpo lentamente até completar um círculo, contemplando o mundo das trevas que havia além da luz do fogo, pensando profundamente. Até que ele suspirou e encarou o Sr. Tino.

— Já tive a minha cota de vida. Fiz minhas escolhas e aceitei as conseqüências. Este é o momento de Harkat. Eu pertenço à morte... deixe que ela me tenha.

O Sr. Tino sorriu estranhamente, quase cordialmente.

— A sua decisão não faz o menor sentido para mim, mas admiro-o por isso. Prometo que a sua morte será rápida e indolor, e que sua partida para seja lá quais forem as glórias e os terrores que jazem além será instantânea.

O Sr. Tino caminhou até o vão arqueado. Ergueu seu relógio em forma de coração e ele brilhou com uma cor profundamente vermelha. Poucos segundos depois, a porta e o rosto daquele homenzinho também estavam brilhando.

— Podem atravessá-lo, rapazes... as

fogueiras dos lares estão ardendo e seus amigos estão esperando.

— Ainda não! — gritei. — Quero saber onde estamos, como Evanna chegou até aqui, por que você montou aquela cozinha debaixo da terra, de onde os dragões vieram e por quê...

— As respostas para as suas perguntas devem ficar para depois — interrompeu-me o Sr. Tino. Seu rosto brilhava num tom vermelho intenso e ele me olhava de um jeito mais ameaçador do que tudo que havíamos enfrentado ao longo de nossa jornada. — Vá agora ou o deixarei aqui com os dragões.

— Você não faria isso — bufei, mas eu não estava numa posição que me permitia ver se ele estava blefando. Enquanto andava até o portal, seguido por Harkat, eu parei e olhei para trás na direção de Kurda Smahlt,

que estava prestes a enfrentar a morte pela segunda vez. Havia tanta coisa que eu queria lhe dizer, tantas coisas que eu queria lhe perguntar. Mas não havia tempo.

— Obrigado — sussurrei simplesmente.

— Sim... obrigado — acrescentou Harkat.

— O que é uma vida entre amigos? — Kurda riu e depois falou num tom de voz mais sério. — Faça com que ela valha a pena. Viva uma vida boa, para que não tenha que se lamentar quando morrer. Desse jeito sua alma voará livremente, e você não terá que ficar à disposição de intrometidos como Desmond Tino.

— Se não fosse por nós intrometidos, quem conservaria intacto o tecido frágil que une o universo? — retrucou o Sr. Tino. E então, antes que pudéssemos prolongar a

conversa, ele apregoou. — Vocês têm que ir agora... ou ficar aqui para sempre!

— Adeus, Kurda — disse Harkat, estarrecido.

— Adeus, Sua Majestade — saudei-o.

Kurda não respondeu, apenas acenou de maneira fugaz e virou a cabeça para o lado. Acho que ele estava chorando. E então, deixando muitas perguntas sem resposta, mas tendo realizado com sucesso o que pretendíamos, Harkat e eu demos as costas para o cadáver vivo, o Lago das Almas, os dragões, o Grotesco e as outras criaturas deste lugar tortuoso, e atravessamos a porta que brilhava, de volta para o mundo ao qual pertencíamos.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O Sr. Altão estava nos esperando quando passamos pela porta, em pé ao lado de uma fogueira muito parecida com a que havíamos deixado para trás, perto dos furgões e das tendas do Circo dos Horrores, mas separada do acampamento por uma fileira de árvores. Sua boca pequena se abria num sorriso enquanto ele dava um passo à frente para apertar nossas mãos.

— Olá, Darren. Olá, Harkat. Fico feliz por saber que vocês voltaram com segurança.

— Olá, Hibérnio — cumprimentou Harkat o dono do circo. Era a primeira vez que ele o chamava assim.

— Ah! — respondeu o Sr. Altão, radiante. — Sua missão foi um sucesso... Como Kurda, você sempre me chamava de Hibérnio.

— É bom vê-lo novamente... velho amigo — disse Harkat. Sua voz não havia mudado, mas de algum modo soava diferente.

Assim que sentamos em volta da fogueira, perguntei onde estavam nossos outros amigos. O Sr. Altão disse que a maioria estava dormindo — era tarde e todos estavam cansados depois da apresentação daquela noite.

— Soube na semana passada que vocês

voltariam logo... caso conseguissem sobreviver... mas não tinha certeza da data exata. Andei acendendo fogueiras e esperando ao lado dela durante várias noites. Poderia acordar os outros, mas seria melhor esperar e anunciar o seu retorno pela manhã.

Concordamos em deixar nossos amigos dormirem. Harkat e eu começamos a contar nossas aventuras no mundo misterioso que ficava do outro lado da porta incandescente (*que virou cinzas logo depois que a cruzamos de volta*).

Sr. Altão ficou fascinado e ouviu tudo absorto, no mais profundo silêncio, sem fazer, praticamente, nenhuma pergunta. Só tínhamos a intenção de lhe contar os momentos mais importantes — e guardar o grosso da história para quando tivéssemos mais ouvintes — mas uma vez que

começamos, não conseguimos parar e, ao longo das horas seguintes, contamos tudo que havia acontecido. A única vez em que ele nos interrompeu foi quando mencionamos Evanna — ele parou a história aí e nos fez um monte de perguntas sobre ela.

Fez-se um longo silêncio no final, enquanto os três contemplavam as últimas brasas da fogueira e nós dois pensávamos em nossas batalhas e fugas milagrosas, no destino do desvairado Spits Abrams, nos magníficos dragões, na grande revelação e na escolha nada invejável de Kurda.

— O Sr. Tino realmente matou Kurda? — perguntei depois de um tempo.

O Sr. Altão acenou positivamente, mas com tristeza.

— Uma alma pode se dividir, mas não pode partilhar de dois corpos. Mas Kurda fez

a escolha certa... Harkat se lembrará da maior parte das experiências que Kurda teve enquanto estava vivo e, dessa maneira, ele viverá. Se Kurda tivesse optado pela vida, todas as lembranças de Harkat se perderiam para o mundo. Desse jeito, ambos ganham.

— Um pensamento alegre para terminar — disse Harkat, sorrindo. Ele bocejou e olhou para a lua. — Quanto tempo se passou desde que... sumimos?

— O tempo passou para nós e para vocês do mesmo jeito — respondeu o Sr. Altão. — Uns três meses transcorreram. Agora estamos no verão.

— Alguma notícia sobre a Guerra das Cicatrizes? — perguntei.

— Nenhuma — respondeu o Sr. Altão, lacônico.

— Espero que Débora e Alice tenham

chegado na Montanha dos Vampiros — murmurei. Durante os meses que passei longe, eu raramente parei para pensar no que estava acontecendo em casa. Agora estava ansioso para recuperar todo o tempo perdido.

— Se eu fosse vocês, não me preocuparia com isso agora — disse o Sr. Altão, vendo um ar indagador no meu olhar. — É aqui que você e Harkat têm que ficar neste momento. A Guerra das Cicatrizes os encontrará novamente quando o destino assim decretar. Por enquanto, relaxem e aproveitem a calmaria entre as tempestades.

O Sr. Altão se levantou e sorriu na nossa direção.

— Vou deixá-los agora. Durmam o quanto precisarem... vou cuidar para que vocês não sejam perturbados. — Enquanto se virava para sair, ele parou e olhou

novamente para Harkat. — Seria conveniente que você usasse sua máscara novamente, agora que o ar não é mais seguro.

— Oh! — ofegou o pequenino. — Eu me esqueci! — Ele pegou a máscara, amarrou-a em volta da boca, respirou por ela algumas vezes para se certificar de que não havia fendas ou rachaduras, e depois a baixou para que pudesse falar claramente. — Obrigado.

— Não diga isso — disse o dono do circo.

— Sr. Altão — falei calmamente enquanto ele se preparava para sair novamente. — Você sabe onde estivemos? Aquele mundo era um planeta diferente, o passado ou uma realidade alternativa?

O dono do circo não disse nada e nem olhou para trás — apenas balançou a cabeça e saiu correndo na direção do acampamento.

— Ele sabe — suspirei. — Mas não vai

dizer.

Harkat resmungou.

— Você trouxe algo... de volta com você? — perguntou ele.

— Só as minhas roupas. E não pretendo me apegar a esses farrapos... eles podem ir direto para o lixo!

Harkat sorriu e remexeu em seu manto.

— Eu ainda estou com os cartões postais que peguei... na cozinha subterrânea, assim como... os dentes da pantera. — Ele jogou os dentes na grama e os virou, de modo que todas as letras ficaram voltadas para cima. E preguiçosamente começou a arrumá-los para formar o seu nome, mas quando chegou no fim da palavra “Harkat”, ele parou, examinou rapidamente todos os dentes, e suspirou.

— O que há de errado? — perguntei na mesma hora.

— Lembra-se do Sr. Tino dizendo no... começo que teríamos uma pista sobre quem eu era... quando matássemos a pantera? — Harkat rearrumou rapidamente as letras dos dentes e formou um outro nome: KURDA SMAHLT!

Fiquei olhando para as letras e depois suspirei que nem meu amigo.

— A resposta estava na nossa frente o tempo todo... seu nome é um anagrama! Se tivéssemos passado mais tempo nas letras depois que matamos a pantera, poderíamos ter solucionado o quebra-cabeça e pular o resto da provação!

— Duvido que seria assim... tão simples — disse Harkat, às gargalhadas. — Mas pelo menos eu agora sei de onde... o meu nome veio. Costumava me perguntar... como eu o havia escolhido.

— Por falar em nomes, você vai ficar com Harkat Mulds ou reverter para o seu nome original?

— Harkat Mulds ou Kurda Smahlt — murmurou Harkat, e repetiu os nomes mais algumas vezes. — Não — decidiu. — Kurda era a pessoa que eu costumava... ser. Harkat é a pessoa que eu me tornei. Somos iguais em alguns aspectos... mas diferentes em muitos outros. Quero ser conhecido... como Harkat.

— Muito bem. Seria muito confuso para mim se você optasse pelo contrário.

Harkat pigarreou e olhou para mim de um jeito esquisito.

— Agora que você sabe a verdade... sobre mim, isso muda alguma coisa? Como Kurda, eu traí você e... todos os vampiros. Matei Gavner Purl. Entenderei

perfeitamente se o seu conceito... sobre mim não for mais o mesmo... de antes.

— Não seja estúpido — afirmei, sorrindo. — Não me importa quem você foi... o que vale é o que você *é*. Há muito tempo que você já pagou pelos erros que cometeu em sua vida anterior. — Franzi a testa. — Mas isso muda o que *você* sente por mim?

— O que você quer dizer?

— Você só passou a andar comigo porque precisava da minha ajuda para descobrir a sua verdadeira identidade. Agora que já sabe, talvez queira seguir em outra direção e explorar o mundo por conta própria. A Guerra das Cicatrizes não é mais a sua batalha. Se você preferir seguir o seu próprio caminho... — Minha voz foi diminuindo de volume até se calar.

— Você tem razão — disse Harkat depois

de alguns instantes de reflexão. — Amanhã de manhã eu parto... pela manhã. — Ele encarou minhas feições carrancudas com seriedade e depois caiu na gargalhada. — Seu idiota! É claro que não vou embora! Essa guerra é tanto minha... quanto sua. Mesmo não tendo sido um... vampiro, eu não partirei. Passamos por muitas coisas... juntos para nos separarmos agora. Talvez quando a guerra terminar... eu busque o meu caminho. Por enquanto, eu ainda me sinto... ligado a você. Não creio que seja hora... de desmanchar a parceria.

— Obrigado — agradeci, simplesmente. Era tudo que precisava ser dito.

Harkat recolheu os dentes da pantera e os guardou. Depois, examinou os cartões postais, virou um deles e o contemplou com tristeza.

— Não sei se devia... mencionar isso — suspirou o pequenino. — Mas se não o fizer, isso irá... me corroer por dentro.

— Vá em frente — encorajei-o. — Esses cartões vêm o incomodando desde que você os encontrou na cozinha. Qual é o grande mistério?

— Tem a ver com... onde estávamos — disse Harkat, lentamente. — Passamos muito tempo nos perguntando para onde... havíamos sido levados... o passado, outro mundo... ou uma dimensão diferente.

— E daí? — cutuquei-o quando parou de falar.

— Acho que sei a resposta. E ela junta todas as pontas soltas, porque... as aranhas estavam lá... e os Guardiões do Sangue, se eles... eram realmente os Kulashkas. E a cozinha. Não creio que o Sr. Tino pôs a

cozinha... lá... acho que ela estava naquele lugar... o tempo todo. Era um abrigo nuclear... construído para... subsistir quando tudo o mais cair por terra. Acho que ele foi testado... e passou. Espero estar errado, mas temo... que não esteja.

Ele passou um dos cartões postais para mim. Na frente havia uma foto do Big Ben. Havia algo escrito no verso, um típico relato de um turista em férias — “Estamos nos divertindo muito, a temperatura é ótima e a comida é fabulosa.” O nome na parte de baixo e o nome e o endereço na margem direita do cartão não significavam nada para mim.

— Qual é o grande problema? — perguntei.

— Olha só para o carimbo — sussurrou Harkat.

O que vi me deixou confuso.

— A data não pode estar certa — murmurei. — Isso é daqui a doze anos.

— Todos estão assim — prosseguiu o meu amigo, enquanto me passava o resto dos cartões. — Doze anos à frente... quinze... vinte... mais.

— Não estou entendendo — franzi a testa. — O que isso significa?

— Não creio que tenhamos estado no passado ou... num mundo diferente — explicou Harkat, enquanto pegava os cartões de volta e os guardava. Ele me encarou de um jeito funesto com seus olhos grandes e verdes, hesitou por um instante, e depois murmurou rapidamente as palavras que fizeram com que minhas entranhas ficassem congeladas. — Acho que aquela terra devastada, estéril e cheia de monstros... era *o*

futuro!

CONTINUA...

A SAGA DE DARREN SHAN

DIFERENTE DE TUDO O QUE VOCÊ JÁ LEU!

CIRCO DOS HORRORES
O ASSISTENTE DE VAMPIRO
TÚNEIS DE SANGUE

CONTINUA EM...

A MONTANHA DO VAMPIRO
PROVAS MORTAIS
O PRÍNCIPE VAMPIRO

CONTINUA EM...

CAÇADORES DO CREPÚSCULO
ALIADOS DA NOITE
ASSASSINOS DA ALVORADA

E TERMINA EM...

O LAGO DAS ALMAS
SENHOR DAS SOMBRAS
FILHOS DO DESTINO

A SAGA DE DARREN SHAN

O LAGO DAS ALMAS

PESCANDO A MORTE

"Se você for atrás de Harkat, pode nunca mais voltar. Será que vale correr um risco enorme assim por causa do seu amigo?"

Um mundo novo e aterrorizante, um desafio novo e mortal para Darren Shan, o Príncipe Vampiro.

Darren e Harkat enfrentam obstáculos terríveis em sua busca desesperada pelo Lago das Almas. Será que eles sobreviverão a essa jornada selvagem? E o que os aguarda nas águas escuras da morte? Tenha cuidado com o que for pescar...

Ele governará a noite e destruirá o mundo.
Vem aí... *Senhor das Sombras*

Darren Shan é a abreviação do nome do autor inglês radicado na Irlanda Darren O'Shaughnessy. Lançou seu primeiro livro, *Um dia no necrotério* - roteiro de humor negro para um concurso promovido pela televisão irlandesa -, aos 14 anos. Criança ainda, passava a maior parte do tempo lendo histórias horripilantes. Cresceu assistindo a filmes da Hammer, clássica produtora de filmes de terror. Enquanto os outros

meninos tinham nas paredes dos quartos pôsteres de astros da música e do futebol, no dele, o grande destaque era para o pôster de um dos filmes do Drácula. Atualmente mora em Limerick, na Irlanda, na casa que pertenceu aos seus ancestrais.